



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
CEARÁ
IFCE *CAMPUS* CAUCAIA
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM
REDE NACIONAL - PROEF**

RODRIGO DO VALE DOS SANTOS

**A ENTRADA DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE PÚBLICA DE
FORTALEZA: ENTRELAÇANDO DESAFIOS E OPORTUNIDADES COM A
COMUNIDADE ESCOLAR**

CAUCAIA

2025

RODRIGO DO VALE DOS SANTOS

A ENTRADA DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS INICIAIS
DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE PÚBLICA DE FORTALEZA:
ENTRELAÇANDO DESAFIOS E OPORTUNIDADES COM A COMUNIDADE
ESCOLAR

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF, do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE - *campus* Caucaias, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física.

Linha de pesquisa: Formação, intervenção e profissionalidade docente.

Área de concentração: Educação Física Escolar.

Orientador: Prof. Dr. Raphael Moreira Martins.

CAUCAIA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal do Ceará - IFCE
Sistema de Bibliotecas - SIBI
Ficha catalográfica elaborada pelo SIBI/IFCE, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S237e Santos, Rodrigo do Vale dos.
A entrada de professores de educação física nos anos iniciais do ensino fundamental da rede pública de fortaleza : entrelaçando desafios e oportunidades com a comunidade escolar / Rodrigo do Vale dos Santos. - 2025.
170 f. : il. color.
- Dissertação (Mestrado) - Instituto Federal do Ceará, Mestrado em Rede Nacional de Educação Física, Campus Caucaia, 2025.
Orientação: Prof. Dr. Raphael Moreira Martins.
1. Educação Física Escolar. 2. Cultura escolar. 3. Formação docente. 4. Anos Iniciais do Ensino Fundamental. 5. Identidade profissional. I. Título.
-

RODRIGO DO VALE DOS SANTOS

A ENTRADA DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS INICIAIS
DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE PÚBLICA DE FORTALEZA:
ENTRELAÇANDO DESAFIOS E OPORTUNIDADES COM A COMUNIDADE
ESCOLAR

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF, do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE - *campus* Caucaias, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física.

Aprovado em: ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Raphael Moreira Martins (Orientador)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)

Prof. Dr. Valter Cordeiro Barbosa Filho (Membro Interno)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) / Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Profa. Dra. Maria Eleni Henrique da Silva (Membro Externo)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dedico à minha família. À família que me recebeu neste mundo, que me educou e me inspirou a ser o homem que me tornei hoje. E à família que formei, que é luz na minha vida e minha força motriz para enfrentar os desafios cotidianos.

AGRADECIMENTOS

À minha família. Minha esposa, Larissa, que há mais de dez anos está ao meu lado e, este ano, me proporcionou a maior felicidade da minha vida: a oportunidade de ser pai do Miguel. Vocês são a minha alegria de viver. É pensando em vocês que eu abro os olhos ao amanhecer, e é pensando em vocês que deito e descanso ao anoitecer. Tudo que faço é por nós, pela nossa família. Nada é mais importante que vocês.

À minha sobrinha, Ana Beatriz, uma criança brilhante, o meu orgulho, que está se tornando uma moça cada vez mais rápido, como o tempo voa... Mas você sempre será a neném do titio, e eu sempre serei seu “ieié”.

Aos meus pais, Vera e Jacinto, e à minha avó, Abigail. Vocês foram a base para que eu pudesse chegar até aqui. Sem a estrutura construída pelo suor de vocês eu não seria nada. Obrigado pelo investimento e tempo dedicados à minha educação. Não posso deixar de mencionar aqueles que cuidaram de mim, mas já não estão mais entre nós, minha avó Aparecida, meu avô Miguel e meu avô “Peixin”. Ainda sinto a essência e energia de vocês no meu coração.

Ao meu orientador, Raphael, que me fez acreditar na potência das minhas ideias e suavizou um caminho que, normalmente, é de pressão e dificuldade. Você tornou essa jornada prazerosa, aproveitei cada momento e me inspiro em você para ser um professor de Educação Física comprometido com meus estudantes e com a educação pública brasileira. Muitos têm Paulo Freire apenas nas palavras, mas você, professor, demonstrase freireano em suas atitudes. Você é exemplo e inspiração na minha trajetória pessoal, profissional e acadêmica.

Agradeço aos professores Eleni e Valter por aceitarem contribuir com esta pesquisa compondo a banca examinadora e trazendo apontamentos, questionamentos, reflexões e sugestões significativas e valiosas para este trabalho.

Aos amigos que, junto comigo, ingressaram na primeira turma do Mestrado Profissional em Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (ProEF/IFCE). Esta pesquisa também foi construída por vocês, os diálogos, reflexões e rodas de conversas presenciais ou virtuais foram fundamentais, desde a elaboração do tema (que surgiu a partir de uma roda de conversa) até o aprofundamento em discussões relacionadas aos temas da Educação Física escolar, aprendi muito com vocês. Obrigado Lucas, Igor, Eliaquim, Cris, Evelyne, Davi e Felipe. Vocês foram uma turma fora de série.

Agradeço aos professores do ProEF/IFCE que contribuíram, cada um à sua maneira, para que haja um programa de mestrado em Educação Física escolar de

excelência no Ceará, onde podemos estudar sobre o que fazemos cotidianamente e consolidar a Educação Física escolar como área relevante de estudos na pós-graduação.

Aos professores de Educação Física novatos na rede pública municipal de Fortaleza/CE, meus camaradas que enfrentaram desafios semelhantes aos que encontrei e que criaram possibilidades frente a esses desafios. Obrigado por participarem desta pesquisa, descrevendo um pouco de suas realidades, desafios e possibilidades.

E à comunidade escolar que serviu de universo para este estudo. Obrigado por me acolherem tão bem em um novo ambiente. Aos estudantes que tanto valorizam o momento da aula de Educação Física e fazem da chegada do professor na sala um megaevento. Aos professores que trabalharam em parceria e buscaram compreender a Educação Física e suas especificidades. Aos pais que são comprometidos com a educação de suas crianças. À gestão escolar, que permitiu esta pesquisa na escola e é parceira da Educação Física no que é preciso. Aos funcionários da escola, essenciais para o seu funcionamento, sem essas pessoas a escola nem abre.

Santos, Rodrigo do Vale dos. **A entrada de professores de Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da rede pública de Fortaleza:** entrelaçando desafios e oportunidades com a comunidade escolar. Orientador: Raphael Moreira Martins. 2025. Dissertação (Mestrado Profissional PROEF - Educação Física em Rede Nacional) - Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará, Instituição de Ensino Superior, Caucaia, 2025.

RESUMO

Em 2023, em um movimento de vanguarda, o município de Fortaleza passa a lotar, preferencialmente, professores de Educação Física para lecionarem o componente curricular para turmas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Este estudo investiga esse fenômeno inédito no município, analisando como ocorreu essa entrada e as eventuais potencialidades e desafios encontrados no trabalho desses docentes. A pesquisa busca compreender a percepção da comunidade escolar sobre a Educação Física e a inserção desses profissionais nessa etapa da educação básica. O estudo parte do pressuposto de que a cultura escolar influencia e é influenciada pelo trabalho docente, afetando na construção da identidade profissional dos professores iniciantes. No referencial teórico foram abordados temas como a cultura escolar e sua relação com a Educação Física, destacando desafios como a (in)visibilidade do conhecimento disciplinar, a hierarquia dos saberes escolares e o desinvestimento pedagógico. Além disso, analisa a fase de entrada na carreira docente como um período de adaptação, aprendizado, descobertas e enfrentamento de dificuldades. No caminho metodológico para esta pesquisa qualitativa foram realizados um questionário com outros professores de Educação Física ingressantes na rede para mapear possíveis desafios e oportunidades em comum que atravessam a prática pedagógica desses profissionais nos Anos Iniciais, além de entrevistas semiestruturadas com diferentes sujeitos da comunidade escolar de uma instituição da rede de Fortaleza/CE para compreender a percepção desse público sobre o componente curricular e os professores responsáveis. Os resultados indicam que a chegada desses profissionais nessa etapa de ensino tem sido um marco para a valorização do componente curricular. Observa-se que parte da comunidade escolar ainda possui uma visão limitada sobre a Educação Física, muitas vezes relacionada a vivências anteriores (recreação, esportivista, condicionamento físico), no entanto, há um reconhecimento crescente da importância do componente curricular e do professor de Educação Física para o desenvolvimento integral do estudante, ampliando o repertório motor, social, afetivo e cognitivo dos discentes. Destacam-se, também, alguns desafios encontrados e enfrentados

por esses docentes: falta de espaços e infraestrutura adequados, resistência inicial de colegas e gestores, necessidade de afirmação da Educação Física como componente curricular obrigatório e essencial para a escola. A dissertação também resultou na produção do “Guia da Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental”, um material voltado para apoiar professores novatos e a comunidade escolar na compreensão das potencialidades e desafios para o componente curricular nessa etapa de ensino. O Guia foi produzido a partir dos relatos e percepções coletadas nas entrevistas semiestruturadas realizadas com membros da comunidade escolar que serviu de universo para esta pesquisa, que foram transcritas e, posteriormente, analisadas. O estudo busca contribuir com reflexões sobre a inserção e trabalho dos docentes de Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, além de oferecer subsídios para o aprimoramento de políticas educacionais na rede pública de Fortaleza/CE.

Palavras-chave: Educação Física Escolar. Cultura escolar. Formação docente. Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Identidade profissional.

Santos, Rodrigo do Vales dos. **A entrada de professores de Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da rede pública de Fortaleza:** entrelaçando desafios e oportunidades com a comunidade escolar. Orientador: Raphael Moreira Martins. 2025. Dissertação (Mestrado Profissional PROEF - Educação Física em Rede Nacional) - Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará, Instituição de Ensino Superior, Caucaia, 2025.

ABSTRACT

This dissertation investigates the entry and work of Physical Education teachers in the early years of elementary education in the public school system of Fortaleza, starting in 2023, an unprecedented phenomenon in the municipality. The research aims to understand the school community's perception of the Physical Education curriculum component and the inclusion of specialized teachers in this stage of basic education. The study assumes that school culture influences and is influenced by teaching practices, affecting the construction of novice teachers' professional identity. The theoretical framework addresses school culture and its relationship with Physical Education, highlighting challenges such as the (in)visibility of disciplinary knowledge, the hierarchy of school subjects, and pedagogical disengagement. Additionally, it analyzes the initial phase of a teaching career as a period of adaptation, learning, and overcoming difficulties. The qualitative research employed semi-structured interviews with teachers, administrators, staff, students, and parents from a public school in Fortaleza to identify challenges and opportunities in the work of Physical Education teachers in the early years. The results indicate that the introduction of Physical Education teachers at this stage of schooling has been a milestone in recognizing the subject, which was previously mostly taught by generalist teachers. It was observed that part of the school community still holds a limited view of the subject, often associating it solely with recreational activities. However, there is growing recognition of the importance of specialized teaching in broadening students' motor, social, and cognitive development. Furthermore, the challenges faced by teachers include a lack of adequate infrastructure, initial resistance from colleagues and administrators, and the need to reaffirm Physical Education as a vital area of knowledge. The dissertation also led to the creation of the "Physical Education Guide for the Early Years of Elementary School," a resource designed to support novice teachers and the school community in understanding the potential and challenges of the curriculum component. The Guide was produced based on reports and perceptions collected in semi-structured interviews conducted with members of the school community

who served as the universe for this research, which were transcribed and, later, evidenced. This study contributes to discussions on teacher training and the inclusion of Physical Education in basic education, while also providing insights for improving educational policies in Fortaleza's public school system.

Keywords: School Physical Education. School culture. Teacher training. Early Years of Elementary Education. Professional identity.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 - Mapa da região oeste de Fortaleza | 52 |
| Figura 2 - Monumento representando as quatro etapas do bairro, no Polo de Lazer | 53 |
| Figura 3 - Cruzamento da Avenida A com a Avenida Central | 53 |
| Figura 4 - Uma das várias pracinhas e quadras do Conjunto Ceará | 53 |
| Figura 5 - Canal da Avenida C | 53 |
| Figura 6 - Valor da renda média por bairros de Fortaleza | 54 |
| Figura 7 - Quadra da escola | 55 |
| Figura 8 - Quadra da escola | 55 |
| Figura 9 - Turma do 5º Ano | 56 |
| Figura 10 - Turma do 5º Ano | 56 |
| Figura 11 - Turma do 4º Ano | 56 |
| Figura 12 - Reforma da quadra e campinho de areia da escola | 56 |
| Figura 13 - Fachada da escola | 57 |
| Figura 14 - Aula de esgrima | 57 |
| Figura 15 - Cine Educação Física no 5º Ano | 57 |
| Figura 16 - Cine Educação Física no 4º Ano | 57 |
| Figura 17 - Pátio da escola | 58 |
| Figura 18 - Pátio da escola | 58 |
| Figura 19 - Refeitório | 58 |
| Figura 20 - Biblioteca Patativa do Assaré | 58 |
| Figura 21 - Fatores que dificultam o trabalho docente na Educação Física | 87 |
| Figura 22 - Percepção dos professores sobre espaço físico e recursos materiais | 87 |
| Figura 23 - Experiência docente com os Anos Finais do Ensino Fundamental | 94 |
| Figura 24 - Tempo de experiência na Educação Física Escolar | 95 |
| Figura 25 - Acolhimento e integração professor-comunidade escolar | 99 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|----|
| Quadro 1 - Semelhanças e diferenças entre a BNCC e o DCRC | 47 |
| Quadro 2 - Distribuição da renda e população por regionais de Fortaleza | 55 |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 5 |
| 1.1 Objetivo | 16 |
| 1.2 Objetivos específicos | 16 |
| 1.3 Produto educacional | 16 |
| 2 MARCO TEÓRICO | 19 |
| 2.1 Cultura escolar e a construção da identidade docente | 19 |
| 2.2 (In)visibilidade docente e a (des)motivação do professor de Educação Física | 25 |
| 2.3 Entrada na carreira docente: veredas trilhadas entre a sobrevivência e a descoberta no “tornar-se professor” | 32 |
| 2.4 Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: um caminho de descobertas | 36 |
| 2.4.1 <i>BNCC e DCRC nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental</i> | 41 |
| 3 PERCURSO INVESTIGATIVO | 49 |
| 3.1 Universo da pesquisa | 51 |
| 3.2 Participantes | 58 |
| 3.3 Materiais e métodos | 60 |
| 3.4 Procedimentos para a coleta de dados | 60 |
| 3.5 Procedimentos para a análise de dados | 63 |
| 3.6 Aspectos éticos | 64 |
| 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES | 66 |
| 4.1 Oportunidades e impactos positivos com a inserção do professor de Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental | 66 |
| 4.1.1 <i>Educação de corpo inteiro: contribuições para o desenvolvimento integral do estudante</i> | 67 |
| 4.1.2 <i>Aumento do interesse dos estudantes pela escolar</i> | 72 |
| 4.1.3 <i>Afirmação da identidade da Educação Física na escola</i> | 79 |
| 4.2 Desafios e limitações enfrentadas pelo professor de Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental | 85 |
| 4.2.1 <i>Estruturas físicas inadequadas e recursos materiais insuficientes</i> | 86 |

| | |
|---|-----|
| <i>4.2.2 O desafio da adaptação inicial dos professores de Educação Física</i> | 94 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 103 |
| REFERÊNCIAS | 105 |
| APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS | 118 |
| APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS | 119 |
| APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO “PERCEPÇÃO DOS DOCENTES DE EDUCAÇÃO FÍSICA ACERCA DA SUA ENTRADA E EXERCÍCIO NA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE FORTALEZA” | 152 |
| APÊNDICE D - PRODUTO EDUCACIONAL “O GUIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA” | 153 |



1 INTRODUÇÃO

Nascido e criado na periferia de Fortaleza-CE, estudei a vida inteira em uma escola particular tradicional da cidade graças a uma bolsa de estudos cedida a filhos de funcionários, devo muito da minha formação de caráter a essa escola, entretanto foi a partir dessa vivência que aprendi a conviver com uma das principais chagas do capitalismo: a desigualdade social. Menino pobre, pardo, morador de periferia e bolsista filho de funcionário na escola, “playboy” que estuda na escola de rico para os meus amigos do bairro, convivi com essa dualidade de percepções em relação a quem eu era durante a infância e a juventude.

Filho de dois professores (historiador e pedagoga), desde pequeno aprendi a admirar e respeitar a profissão que mais tarde seguiria como carreira, apesar de, durante a infância, juventude e até mesmo parte da vida adulta não me imaginar lecionando.

Graduado em Educação Física (Bacharelado) pelo Instituto de Educação Física e Esportes (IEFES) da Universidade Federal do Ceará (UFC), trabalhei durante alguns anos em clubes, academias e escolas da cidade com práticas corporais de iniciação e formação esportiva, além de práticas relacionadas à saúde ou ao alto rendimento.

Após alguns anos, passei em uma seleção temporária para Agente de Pesquisas e Mapeamentos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e acabei fora do mercado da Educação Física durante três anos. Nesse meio tempo estudei para alguns concursos na área da Educação Física e outros de nível médio. Em alguns obtive êxito e fiquei entre as vagas, apesar de nunca ter sido convocado ou a mudança de cidade não valer a pena (Profissional de Educação Física em Itarema/CE, Agente de Trânsito em Aratuba/CE), em outros fiquei fora das vagas, mas adquiri conhecimento e experiência para outros concursos (Agente e Assistente de Trânsito do Departamento Estadual de Trânsito do Ceará - DETRAN/CE).

No IBGE mais uma vez fiquei "cara a cara" com a desigualdade social das grandes metrópoles, dessa vez ainda mais potencializada: em uma semana fazia pesquisas em condomínios de luxo com um apartamento por andar e vista para o mar; na semana seguinte os domicílios pesquisados se localizavam em favelas onde o Estado simplesmente não existe. Os três anos de contrato se passaram e, assim como vários outros brasileiros da classe trabalhadora, entrei na fila do desemprego durante a pandemia

da COVID-19¹. Para ter alguma fonte de renda além do salário de meu pai, resolvemos (eu e minha família) começar um pequeno negócio de produção, comércio e entrega de salgados que, apesar da auto exploração e exaustão que causava, nos deu um respiro financeiro durante esse complicado período da história mundial.

Com a reprovação no concurso do DETRAN/CE, apesar de horas e horas de estudos, resolvi continuar estudando para concursos na área (mais especificamente a Polícia Rodoviária Federal - PRF) e, ao visitar um site de cursinho para concursos para comprar e iniciar os estudos, apesar do edital não ter sido lançado, fui surpreendido com o lançamento do Edital nº 033/2018 pela Secretaria de Educação do Ceará (SEDUC/CE) com mais de 100 vagas para Educação Física. Lembrei dos conselhos de minha mãe para complementar minha formação com a licenciatura, sempre me lembrando que eu tinha vocação para a docência, então encarei aquele banner do concurso naquele momento específico como uma espécie de “sinal do universo”. No mesmo dia comprei as aulas do cursinho e me matriculei em um Curso de Formação Pedagógica no Centro Universitário Claretiano para incorporar a Licenciatura em minha formação acadêmica.

Enquanto estudava para a SEDUC, foi lançado um outro concurso para a vaga de Professor de Educação Física em Quixeramobim/CE (Anos Finais do Ensino Fundamental), município da família paterna da minha esposa. Resolvi fazer como forma de treino para a SEDUC. Para minha surpresa, passei em primeiro lugar e fui chamado para iniciar o ano letivo de 2021, minha primeira experiência na rede pública de Educação Básica, em meio a uma pandemia, em uma cidade nova, atuando em componentes curriculares diversos para completar a carga horária. Apesar das dificuldades, foi uma vivência enriquecedora para minha vida e início de carreira docente. Foram dois anos muito intensos, me conectei àquele povo sertanejo e resiliente de tal forma que, ainda hoje, quando vejo imagens da chuva, da barragem “sangrando”, da minha antiga escola ou quando recebo mensagens de ex alunos, colegas ou da minha antiga gestão dizendo sentir minha falta me emociono e fico saudosos desses momentos singulares e marcantes de minha vida.

No concurso da SEDUC fiquei no Cadastro de Reserva aguardando ser chamado. No final de 2022 esse dia finalmente chegou, fui convocado e lotado no Liceu de

¹ “Os primeiros casos de infecção pelo novo coronavírus de 2019 (SARS-CoV-2) diagnosticados como uma pneumonia grave de etiologia desconhecida, apareceram em Dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, China. [...] A sua rápida propagação a nível mundial levou a Organização Mundial da Saúde (OMS) a declarar em 11 de Março de 2020, a infecção COVID-19, uma pandemia mundial” (Estevão, 2020)

Quixeramobim, entretanto o município de Fortaleza lançou um edital com muitas vagas (307 no total e 230 para ampla concorrência) para a área específica de Educação Física (Edital nº 108/2022), o qual resolvi fazer, afinal apesar dos laços criados em Quixeramobim, minha família e a da minha esposa estavam em Fortaleza. Passei no concurso em uma boa colocação e consegui me lotar em uma escola no bairro em que nasci e me criei, a 500 metros da casa de minha avó (onde vivi minha infância e juventude). Abri mão do concurso do estado e iniciei o ano letivo de 2023 com o objetivo de partilhar com a minha comunidade o investimento depositado em mim durante a graduação na UFC e, agora, no Mestrado Profissional em Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Hoje dou aula para filhos de vários amigos de infância e consigo enxergar um pouco de mim em cada uma dessas crianças periféricas e filhas da classe trabalhadora.

Isto posto, o último concurso do magistério do município de Fortaleza teve algumas particularidades - conquistadas a partir de demandas da classe, requeridas principalmente pelo Conselho Regional de Educação Física da 5ª região (CREF-5) por meio de articulações com a Câmara dos Vereadores de Fortaleza e com a Secretaria Municipal de Educação: o número alto de vagas para Educação Física (230 vagas) devido à expansão no número professores de Educação Física para lecionar em todas as turmas da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, antes atribuição das/os pedagogas/os. Mais uma vez me deparo com uma situação nova na qual estou aprendendo algo novo a cada dia, começo a lecionar para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em turmas de 2º ao 5º ano.

Foi essa transformação na rede municipal de ensino, junto às reflexões e debates sobre as problemáticas abordadas nos encontros presenciais e nas atividades do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) do Mestrado Profissional em Educação Física (ProEF) que me levaram a propor e investigar o tema desta dissertação. Além disso, outros aspectos que despertaram meu interesse no tema foram minhas inquietações sobre as percepções da comunidade escolar em relação à Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: a Educação Física é percebida por esse público como componente curricular obrigatório ou como atividade? Entende-se o que a Educação Física da escola propõe nessa etapa? Há condições razoáveis e apoio necessário para que o professor de Educação Física exerça sua função e ajude a construir conhecimento sobre as práticas corporais nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental? A cultura escolar pode ou não influenciar o trabalho docente em Educação Física?

Como professor em início de carreira e novato na rede municipal de ensino de Fortaleza, me encontro em um período dicotômico da vida docente, entre a sobrevivência e a descoberta (Huberman, 2000). A entrada na carreira docente é um momento novo e encantador e, ao mesmo tempo, desafiador e caótico. É um período marcado por choques entre o idealizado e o real. Ao entrevistarem professores que estavam próximos de se aposentar Folle e Nascimento (2009) diagnosticaram que esses profissionais lembram do ciclo de entrada na carreira como sendo o pior momento de sua atuação profissional.

É preciso destacar que parte significativa dos docentes em início de carreira desiste do cargo nos primeiros meses de exercício da profissão. Essa informação é evidenciada em algumas pesquisas: segundo Boyd *et al* (2008) um quarto dos docentes de escolas públicas em Nova York abandonam o magistério nos três primeiros anos; em sua pesquisa com 28 professores de sociologia do estado de São Paulo, Cardoso (2018) registrou 21 desistências nos dois primeiros anos de ingresso e, desses, 14 desistiram no primeiro ano; na pesquisa de Carrasqueira e Koslinski (2021) a rede municipal de ensino do Rio de Janeiro perdeu, em 5 anos, 14% dos professores que tomaram posse desde 2009.

Esses aspectos são ainda mais acentuados no caso de Fortaleza/CE caso visto que, além de novato na carreira e na rede, é um novo início para a Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental na rede pública de Fortaleza, baseado na pluralidade de saberes e de práticas corporais apresentadas nos documentos norteadores da educação, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Destarte, a maior parte da comunidade escolar não tem conhecimento sobre o que trata o componente curricular ou tem uma visão enviesada sobre as especificidades da disciplina.

Dessa forma, neste trabalho será investigada a percepção da comunidade escolar (estudantes, outros professores, gestão, funcionários, pais) sobre o componente curricular Educação Física e sobre a introdução e o trabalho do professor de Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental a partir de 2023, com o objetivo central de analisar a percepção da comunidade escolar sobre a importância do componente curricular Educação Física e da introdução e trabalho do professor de Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em uma escola da rede pública de educação de Fortaleza/CE a partir de 2023.

Como nos lembra Pich (2009), a escola tem uma dinâmica própria e é produtora de uma cultura específica ou de várias culturas que se tensionam para configurar uma cultura escolar que influencia e é influenciada por elaborações teóricas e dispositivos

políticos. Então, de que forma a cultura escolar influencia a Educação Física e de que forma ela é influenciada pelas aulas do componente curricular? A comunidade escolar visualiza e percebe a Educação Física da escola a partir da chegada de professores da área nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental ou ela é invisibilizada?

Outrossim, deve-se levar em consideração que a Educação Física já carrega um conjunto de limites e preconceitos relacionados à cultura escolar, além das três categorias da cultura escolar que podem estimular ou inibir práticas pedagógicas inovadoras e originar ou impedir processos de abandono do trabalho docente: a invisibilidade do conhecimento disciplinar; o caráter funcional do abandono do trabalho docente nas aulas de Educação Física Escolar; hierarquia dos saberes docentes (González, 2020).

Como já mencionado, a prefeitura de Fortaleza, após consulta pública com professores da área da Educação Física e com o CREF-5 (Conselho Regional de Educação Física da 5ª região), passou a lotar, a partir de 2023, preferencialmente, professores da área para ministrar as aulas do componente curricular em todas as turmas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, indo de encontro a anos anteriores e a outros municípios do país (inclusive capitais), nos quais os professores polivalentes (pedagogos) são responsáveis pela disciplina como, por exemplo, Macapá/AP e Recife/PE (Souza, 2010; Penha, 2019). Em anos anteriores, esse movimento foi ensaiado em Fortaleza, porém em escala bem menor, sendo a exceção da regra (Ferreira; Sanches Neto; Venâncio, 2022).

É interessante notar que, apesar de a legislação nacional permitir que o professor polivalente ministre aulas de Educação Física, vários desses profissionais não se sentem preparados para problematizar os objetos de conhecimento e habilidades específicas do componente curricular como relata Silva *et al* (2005) em sua pesquisa sobre o entendimento de futuros pedagogos sobre as aulas de Educação Física nos Anos Iniciais, além de não terem formações iniciais e/ou continuadas específicas na área, como acontece com Língua Portuguesa e Matemática, por exemplo. Ou seja, a legislação vigente determina que o pedagogo é legalmente licenciado para o exercício docente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em qualquer um dos conteúdos curriculares, mas desobriga os cursos de formação inicial e continuada de oferecerem formação específica da área a esses profissionais (Silva; Krug, 2008; Fonseca; Cardoso, 2014).

Vale destacar que esta dissertação não pretende travar um diálogo ou tomar posição sobre qual a melhor atuação profissional nesta etapa da formação escolar sobre o acesso tematizado e crítico das práticas corporais. Outros estudos já fizeram esse percurso (Fonseca; Cardoso, 2014; Brandl; Brandl Neto, 2015) e alguns destes assumiram



afirmações corporativistas que depreciam o trabalho da área de Pedagogia nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, que deve ser o oposto de quem acredita na formação integral, interdisciplinar e diversa.

No caso de Fortaleza, até o ano letivo de 2022, as aulas de Educação Física dos Anos Iniciais eram ministradas, em sua maioria, por pedagogos, o que mudou em 2023. Este trabalho também pretende compreender a visão desses profissionais sobre o componente curricular Educação Física e como eles veem a entrada e trabalho dos professores graduados em Educação Física nas suas turmas de maior ou menor carga horária. Os professores pedagogos percebem impactos, mudanças, conflitos e/ou transformações no contexto escolar a partir de 2023 com a entrada do docente de Educação Física nas escolas de Anos Iniciais?

Outra problemática da Educação Física Escolar é o que González (2020) chama, no contexto da cultura escolar, de hierarquia dos saberes escolares, na qual a Educação Física ocupa uma posição inferiorizada quando comparada a outros componentes curriculares. Essa hierarquização pode contribuir para que o componente curricular tenha sua carga horária frequentemente ameaçada nos mais diversos níveis de ensino (como ocorreu no Ensino Médio) e que professores de outras áreas frequentemente assumam turmas para lecionar Educação Física.

Martins (2020) ilustra essa “vereda apertada da negação do currículo da Educação Física” citando a iniciativa do IFCE *campus* Itapipoca de reduzir a carga horária da disciplina em 2018 em 200 horas-aula. A proposta era que o componente passasse de 320 horas-aula em oito semestres para 120 horas-aula em apenas três semestres. O autor ressalta que essa diminuição limitaria o acesso a algumas temáticas da Educação Física ocasionando negação de direitos de aprendizagem da área. Martins (2020) enfatiza que, apesar do fato citado ter ocorrido no IFCE, essa conjuntura é nacional, o pesquisador elenca os principais motivadores para esse desmonte da Educação Física: “1. a implementação do Novo Ensino Médio, pelo governo de Michel Temer; 2. A representação social de que a Educação Física deve ser subjugada às outras áreas do conhecimento, na etapa do Ensino Médio”. Deve-se levar em conta o caráter neoliberal do governo de Michel Temer, baseado na retirada de direitos conquistados por lutas sociais (reforma trabalhista e início das discussões sobre a reforma da previdência), pacotes de privatizações e austeridade em relação a políticas públicas.

A ideologia neoliberal não é uma exclusividade do Brasil, ela foi importada para cá e ganhou grande parte do mundo nas últimas décadas. Ravitch (2011) comenta sobre



os “reformadores corporativos da educação dos Estados Unidos”, grupos compostos por políticos, mídia, empresários, empresas educacionais, institutos e fundações privadas, além de pesquisadores alinhados a essa ideologia, que defendem estratégias empresariais e princípios de negócios, organização, administração, lei e marketing para incentivar a força de trabalho da escola com recompensas e sanções. A pesquisadora cita o caso estadunidense, mas esse *lobby* é exportado aos quatro cantos do mundo.

Em relação a Fortaleza, temos uma janela de oportunidade para mostrar a importância da Educação Física estar presente nas turmas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: estamos iniciando um caminho em busca da afirmação da Educação Física da escola, firmando e/ou revendo ideias e conceitos, construindo uma nova cultura escolar, instigando a curiosidade das diferentes pessoas que compõem a comunidade escolar em relação ao que é Educação Física e convidando todos a conhecer, estudar, discutir e experimentar a cultura corporal de movimento² e os aspectos que a rodeiam. O trabalho comprometido pode transformar não somente o componente curricular, mas alcançar todas as estruturas organizacionais e a cultura escolar, que dialogam com a Educação Física escolar.

Logo, no caso de Fortaleza, a Educação Física e seus sujeitos constituintes têm a oportunidade de, citando Rezer, Nascimento e Fensterseifer (2011): “se perceberem da condição de sujeito que está na história, em uma história que ainda não *foi* escrita, que não está definida *a priori*, mas que vem *sendo* construída, portanto ainda em aberto”.

Nesse contexto, observam-se problemáticas no processo de ensino-aprendizagem da Educação Física a partir de quatro aspectos: a) o componente curricular permanece, supostamente, inferiorizado e deixado de lado em relação a outras disciplinas; b) conjectura-se que os pedagogos que ainda atuam com Educação Física precisam se desdobrar para aprender e ensinar algo que não fez/faz parte da sua formação; c) indícios de que professor de Educação Física tem seu espaço de atuação reduzido; d) aparentemente o estudante não tem contato pleno com os objetos de conhecimento e habilidades necessárias que devem ser estimulados em sua faixa etária (González *et al*, 2013; González, 2020; Guirra; Prodócimo, 2012).

² Termo que designa o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal e que podem ser identificadas como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas (COLETIVO DE AUTORES, 2012, p.39).



Silva e Krug (2008) observaram dificuldades em seus alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio relacionadas ao se-movimentar, às questões de gênero, à organização, à indisciplina, à falta de atenção, à agressividade, à motivação, à afetividade, e à influência da TV. Os autores sugerem que essas dificuldades poderiam ser atenuadas caso a Educação Física fosse contemplada plenamente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, pois são conteúdos e habilidades trabalhadas no componente curricular.

Nota-se que há, por parte dos alunos dos Anos Finais, uma percepção limitada sobre o que é a Educação Física, o que vai ser ensinado, aprendido, discutido e praticado nas aulas do componente curricular, que pode ocorrer por uma herança dos Anos Iniciais, quando a disciplina é restrita aos esportes, à recreação, à psicomotricidade e até mesmo ao “rola bola”, como relatam as professoras polivalentes entrevistadas por Fonseca e Cardoso (2014).

Após cinco anos (1º ao 5º ano) dessa diretividade de alguns conteúdos e exclusão de outros, é difícil, nos Anos Finais, mudar a percepção desses estudantes sobre o que é Educação Física e fazê-los compreenderem a pluralidade do que deve ser ensinado e aprendido na disciplina, fatores que podem levar à indisciplina e ao afastamento discente e desencadear desestímulo e desinvestimento pedagógico por parte do professor de Educação Física ao não conseguir executar sua proposta pedagógica planejada. Logo, queremos apresentar a visão dos estudantes sobre o componente curricular e se percebem algum tipo de transformação ou mudança em relação às suas aulas.

Esta pesquisa também pretendeu ouvir e apresentar a percepção acerca da chegada dos professores de Educação Física em Fortaleza a partir do olhar de outros agentes presentes no cotidiano escolar e tão importantes e necessários quanto discentes e docentes para o funcionamento da escola como: diretores, coordenadores, responsáveis por alunos, secretários, agentes administrativos, assistentes, auxiliares, etc. Alguns desses agentes da comunidade escolar tem seu trabalho invisibilizado e não possuem espaço de fala, neste trabalho estamos atentos, interessados e curiosos para descentralizar a análise e escutar essas vozes a partir de suas perspectivas, experiências, *locus* social e pontos de vista.

Silva (2008) pontua que as relações interpessoais de todos os envolvidos com a prática educativa afetam diretamente o clima existente no ambiente escolar que, por sua vez, está relacionado ao sucesso escolar. Dessa forma, é importante entender como todos os sujeitos da comunidade escolar enxergam a Educação Física. Além disso, muitos



desses profissionais fazem parte da comunidade escolar há anos e conhecem o ambiente e cultura escolar em suas minúcias.

Outro ponto importante na pesquisa é compreender como o próprio professor de Educação Física percebe o seu novo ambiente de trabalho: que perspectivas ele tinha e que condições de trabalho encontrou? Como foi a acolhida a esse profissional nas escolas? Que conflitos surgiram? Percebe se o seu trabalho é (in)visível pelo olhar da comunidade escolar? O que o (des)motiva para o exercício docente? Quais as dificuldades enfrentadas? Como analisa sua escolha pelos Anos Iniciais do Ensino Fundamental?

Este estudo se faz necessário pois essa introdução do professor de Educação Física em todas as turmas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da rede pública de ensino de Fortaleza, com esse quantitativo de profissionais lotados nesse nível, se trata de um fenômeno inédito, com novos profissionais, em um novo campo de atuação, com um novo público. Por ser um fenômeno novo, alguns questionamentos surgem sobre o trabalho desses profissionais. O trabalho do docente de Educação Física é percebido e entendido como relevante para esse público? Há condições de trabalho para que esse docente exerça plenamente sua função? **Qual a percepção da comunidade escolar acerca da entrada e, conseqüentemente, do trabalho dos professores de Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental na rede pública de ensino do município de Fortaleza?** Quais os eventuais desafios que o professor novato comprometido com o ensino da Educação Física em uma escola pública pode enfrentar e como superá-los?

As questões norteadoras e as problemáticas iniciais observadas levam a investigar e seguir a linha de pesquisa relacionada à formação, intervenção e profissionalidade docente do Mestrado Profissional em Educação Física (ProEF). Algumas das temáticas contidas neste trabalho e que serão debatidas neste percurso são: a cultura escolar; visibilidade docente; entrada na carreira docente; e Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Tomei a decisão de estudar esse tema por estar inserido em um novo contexto para mim, para os meus alunos e para a comunidade escolar da qual faço parte: sou professor novato na rede pública de ensino de Fortaleza/CE (iniciei a docência no município em 2023); esta é minha primeira experiência lecionando presencialmente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (só tive experiências com estas turmas durante o Ensino Remoto



Emergencial³); e, além disso, sou o primeiro professor de Educação Física de vários estudantes em minhas turmas e o primeiro professor efetivo da área na escola na qual atuo, já que sou oriundo das primeiras vagas de Educação Física destinadas aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em um concurso do magistério da Prefeitura de Fortaleza.

Logo, tudo é novidade e esse fenômeno singular no qual estou entremeadado despertou-me curiosidade e ânimo para a pesquisa, a reflexão e a discussão com o objetivo de compreender a percepção das pessoas que vivem e fazem parte da escola acerca da minha chegada e dos meus colegas de área nas turmas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Esta pesquisa busca compreender e anunciar os pontos de entrave e de oportunidade que os professores de Educação Física recém-ingressos na profissão ou novatos na rede pública de ensino de Fortaleza podem se deparar durante seu início de jornada docente. Buscamos ouvir diferentes personagens da comunidade escolar para entender e ampliar as percepções sobre a Educação Física e o trabalho docente nessa área do conhecimento.

Dessa forma, a pesquisa me ajudará a enxergar, perceber e conhecer melhor a cultura escolar da qual faço parte, além do que a comunidade escolar almeja em relação à minha prática docente e à Educação Física na escola, o que beneficia meu planejamento pedagógico, visto que devemos conhecer para intervir.

Em relação à formação continuada, servirá como uma espécie de “guia” para que o professor novato na rede de ensino (ou na profissão) ingresse com um norte e, com isso, já conheça e se prepare para eventuais dificuldades e oportunidades que podem surgir durante esse início na carreira.

Ressaltamos, também, a contribuição desta pesquisa para a formação humana e pessoal da classe docente, que ao buscar entender o contexto da cultura escolar na qual se está inserido (escutando, compreendendo e discutindo as perspectivas, críticas e sugestões dos diferentes sujeitos da comunidade escolar), aproxima-se e se integra a essa comunidade, firmando raízes e criando laços afetivos por meio da sensibilidade, escuta, diálogo e empatia.

Esta pesquisa é importante para que os professores novatos tenham um panorama geral e percebam as diferentes concepções existentes na comunidade escolar sobre o

³ Modalidade de ensino que figurou no cenário educacional do mundo inteiro, principalmente a partir de março de 2020, devido ao fechamento das escolas - consequência do isolamento social causado pela pandemia de COVID-19 (Oliveira; Corrêa; Morés, 2020).



componente curricular no qual atuam, além de vislumbrarem a potencialidade da sua prática pedagógica em Educação Física e eventuais limitações que podem ou não ser superadas a partir de seu trabalho. Além disso, é necessária para que a comunidade escolar compreenda o papel do professor de Educação Física nas escolas de Anos Iniciais do Ensino Fundamental e perceba a importância de acolher bem esse profissional em seu novo ambiente de trabalho.

Enfatizamos, mais uma vez, a relevância do estudo para a Educação Física Escolar devido ao ineditismo do fenômeno pesquisado: é a primeira vez que o município de Fortaleza realiza um concurso com alto número de vagas para professores da área destinadas aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Muitos dos professores aprovados para essas vagas estão em sua primeira prática docente com estudantes desse nível de ensino.

Por isso, pensou-se, como Produto Educacional, na elaboração de um guia que detalhe e oriente como um docente nesse contexto pode lidar com as adversidades, potencialidades e necessidades da Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. O Guia mostra-se relevante para esses profissionais por ser construído a partir de relatos e experiências reais no contexto de Fortaleza e dos sujeitos envolvidos com a escola.

Nesse mesmo diapasão, parte desses estudantes estão tendo seu primeiro contato com o ensino da Educação Física a partir da abordagem pedagógica de um professor específico da área. Estimo que os dados e discussões levantados neste estudo encorajem outros pesquisadores a se aprofundarem nos estudos sobre a Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e, por conseguinte, a bibliografia sobre o tema se avolume. Reconhecemos que acompanhar esse momento é de amplo interesse a um Mestrado que tem como área de conhecimento a Educação Física Escolar.



1.1 Objetivo

Analisar, mapear e descrever (com um Guia da Educação Física como produto educacional) possíveis desafios e oportunidades encontrados por professores novatos nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de Fortaleza/CE a partir da percepção de diferentes sujeitos da comunidade escolar.

1.2 Objetivos específicos

- Identificar os principais desafios e oportunidades que o professor de Educação Física atravessa durante sua entrada na carreira e a construção de um perfil docente na rede pública de ensino de Fortaleza/CE;
- Verificar como a comunidade escolar percebe o componente curricular, a entrada e o trabalho do professor de Educação Física nas turmas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental;
- Produzir o Guia da Educação Física, um descritor de recomendações para lidar com os desafios e oportunidades comuns que podem perpassar a entrada de professores novatos na rede pública de ensino de Fortaleza/CE, especialmente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

1.3 Produto Educacional

Elaborou-se o Guia da Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, um documento voltado aos professores de Educação Física em início de carreira, novatos na rede ou que estejam trabalhando com um novo público e, que é destinado também, à comunidade escolar.

O Guia descreve entraves e oportunidades que a Educação Física pode encontrar nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental a partir do olhar de diversos sujeitos de uma escola da rede pública de educação de Fortaleza/CE.

O Produto Educacional é destinado, também, a todos esses sujeitos que fazem parte da comunidade escolar: pais, responsáveis por estudantes, trabalhadores da escola, estudantes - como um convite a conhecer, explorar e compreender melhor o que é a Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

O Guia da Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental é inspirado no *best-seller* de ficção científica “O Guia do Mochileiro das Galáxias”, de Douglas Adams. No livro, o protagonista Arthur Dent escapa da destruição do planeta Terra e embarca em uma exploração espacial com Ford Prefect, um extraterrestre que, disfarçado,



fazia pesquisa de campo, na Terra, para a nova edição do guia de viagens interplanetárias que dá nome ao livro (Adams, 2007).

Assim como a viagem espacial foi um desafio ao novo para Arthur Dent e o Guia do Mochileiro das Galáxias, um auxílio para a jornada ao desconhecido intergalático, a entrada da Educação Física nos Anos Iniciais também é uma caminhada pelo desconhecido e o Guia da Educação Física almeja ser um mapa que descreve alguns rumos dessa caminhada a partir do olhar de diferentes sujeitos da escola.

O Guia também poderá ser útil para docentes que ainda não se afirmaram na profissão e mesmo aqueles que já possuem certa experiência lecionando Educação Física, mas são novatos nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

É necessário enfatizar que o ciclo de entrada na carreira docente é um período de tensão, afirmação e reorganização na vida profissional no qual o professor novato atravessa momentos de sobrevivência e descoberta no seu ofício (Huberman, 2000). É nesse período que o docente descobre a distância entre o idealizado na graduação e o real encontrado no efetivo exercício. Alguns profissionais, após se aposentarem e avaliarem a carreira, consideram o ciclo de entrada o seu pior momento profissional.

Outras pesquisas apontam nessa mesma direção, apresentando que parte significativa dos professores desistem do cargo antes de completarem cinco anos de ingresso (Boyd *et al*, 2008; Cardoso, 2018; Carrasqueira; Koslinski, 2021). Por conseguinte, faz-se necessário que haja um apoio ao profissional que atravessa esse momento. Esse apoio deve ser institucional e afetivo, mas também formativo e referencial. Professores, principalmente na entrada da carreira, devem receber formações continuadas e documentos que possam guiar e referenciar sua prática pedagógica.

Por isso, acredito na relevância deste Guia, inclusive, para meus pares - que contribuíram cedendo dados valiosos para a elaboração do produto e da pesquisa - os quais ingressaram no mesmo concurso que eu e foram lotados em turmas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Vale destacar que é um novo começo para a Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de Fortaleza, com a massificação da lotação dos professores de Educação Física nessa etapa, por isso parte da comunidade escolar pode desconhecer ou ter uma visão enviesada sobre o componente curricular e o trabalho do docente de Educação Física. Dessa forma, o Guia também servirá como documento referencial para a comunidade compreender o que é a Educação Física escolar.



A pretensão do Guia é contribuir neste momento de entrada na carreira docente. Apesar de, no ambiente escolar, muito se falar sobre acolhida, em como melhor acolher os estudantes e suas famílias, por exemplo, várias instituições não adotam como regra um bom acolhimento docente.

Este Guia aspira ser um referencial para o docente em início de carreira, que não imagina o quão singular é a Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, e para que a comunidade escolar conheça, compreenda, acolha e potencialize o trabalho do professor de Educação Física nesse ambiente, com esses estudantes.

Ambicionamos fazer com que o Guia seja enviado, via e-mail, para análise da Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza, e, caso seja avaliado positivamente, distribuído nas escolas de Anos Iniciais. O Guia também será compartilhado em grupos de WhatsApp de docentes da Prefeitura de Fortaleza para apreciação e, inclusive, novas contribuições e/ou críticas de quem está em outras escolas atravessando situações semelhantes ou diferentes das observadas e relatadas nesta pesquisa.

Também há pretensão de elaborar uma palestra que apresente o Guia e, conseqüentemente, a dissertação, em formações de professores, escolas e universidades que estudem a Educação Física nos Anos Iniciais. Caso a Prefeitura não tenha interesse no material, o documento será enviado para outros repositórios, como a Plataforma Paulo Freire e o Centro Esportivo Virtual (CEV).



2 MARCO TEÓRICO

2.1 Cultura escolar e a construção da identidade docente

“Vou mostrando como sou e vou sendo como posso. Jogando meu corpo no mundo, andando por todos os cantos. E pela lei natural dos encontros eu deixo e recebo um tanto, e passo aos olhos nus ou vestidos de luneta. Passado, presente, participo sendo o mistério do planeta” (Novos Baianos, 1972).

O ser humano, diferentemente dos outros fenômenos, seres vivos e animais - que se adaptam à natureza e ao ambiente no qual estão inseridos - produz sua própria existência transformando a natureza e a adaptando a partir do trabalho. Essa transformação da natureza a partir do trabalho (ação intencional que se inicia a partir da mentalização da finalidade da ação) faz o homem criar um mundo humano, o mundo da cultura. “A natureza humana não é dada ao homem, mas é por ele produzida sobre a base da natureza biofísica” (Saviani, 2015). Nesse processo, a criação (cultura) e o criador (homem) interagem organicamente influenciando um ao outro.

Para compreender o significado de cultura recorro à visão weberiana, demonstrada em forma de analogia por Geertz (1989, p. 15), na qual a cultura é como uma teia de significados tecida pelo homem, o qual está suspenso nesse complexo emaranhado de fios. “O que nos permite afirmar que a educação, em sentido amplo, nos insere na cultura, e a educação escolar (Educação Física) por sua vez, potencializa-nos para “tecê-la” (Fensterseifer; González, 2018). Ou seja, o homem produz a cultura ao mesmo tempo que está inserido nela - como a aranha tecendo sua teia - e, dessa forma, é influenciado pela cultura produzida por ele mesmo enquanto a educação, por sua vez, potencializa essa capacidade de produção cultural.

A escola é um lugar *de* culturas - porque seus protagonistas são produtores de cultura e produzidos nas culturas em que estão envolvidos, nela há produção de conhecimentos; um lugar *das* culturas - pois tem como responsabilidade fazer com que os alunos conheçam, fruam e usufruam das culturas diversas produzidas pelos humanos, ou seja, responsabilidade de ter que transmitir e perpetuar a experiência humana; e um lugar *entre* as culturas - por estabelecer e problematizar relações com outros lugares nos quais os humanos produzem suas culturas (Vago, 2009). Pessanha, Daniel e Menegazzo (2004) explicam que a cultura escolar é constituída “através das normas e práticas que definiam os valores e comportamentos que seriam impostos e os conhecimentos a serem



ensinados”. Os processos e os produtos que ocorrem nesse espaço privilegiado para a transmissão de conhecimentos e valores são orgânicos e mutáveis a depender do tempo e espaços nos quais se situam e constituem a cultura escolar (Forquin, 1993; Pessanha; Daniel; Menegazzo, 2004).

Forquin (2003, p. 14) analisa educação e cultura como faces complementares, recíprocas e que se retroalimentam de uma mesma realidade. Para o autor, a cultura é “conteúdo substancial da educação” e “a educação não é nada fora da cultura e sem ela”, uma não pode ser pensada sem a outra. É pela educação que a cultura é transmitida e se perpetua, contudo a escola e seus sujeitos selecionam e reelaboram didaticamente determinados conteúdos e valores a serem transmitidos naquele lócus, de acordo com os interesses envolvidos naquele espaço-tempo, produzindo uma cultura escolar própria (Forquin, 2003, p. 14).

É necessário e fundamental destacar que Forquin (2003, p. 167) distingue os conceitos de “cultura escolar” e “cultura da escola”. Enquanto esta se relaciona com as “suas características de vida próprias, seus ritmos e seus ritos, sua linguagem, seu imaginário, seus modos próprios de regulação e de transgressão, seu regime próprio de produção e de gestão de símbolos”, a primeira é definida como “o conjunto dos conteúdos cognitivos e simbólicos, (...) selecionados e organizados, ‘normalizados’, ‘rotinizados’, sob o efeito dos imperativos de didatização”.

Entretanto, apesar da distinção entre os conceitos, assim como Oliveira (2003), consideramos que as duas culturas coexistem e estão interligadas, “interpenetradas, tendo momentos de tensão, conflitos e rupturas. E essas culturas vivem as mesmas e complexas relações com a ‘cultura social de referência’”. Dessa forma, as culturas interagem entre si, influenciam e são influenciadas uma pela outra. Por isso, neste trabalho, apesar de enxergarmos essa distinção conceitual, quando trouxermos o termo “cultura escolar” estaremos nos referindo também à “cultura da escola”, pois entendemos que a análise de ambas é fundamental para compreender minuciosamente as práticas, processos e situações escolares e pedagógicas.

A cultura escolar é um dos fatores que influenciam a prática pedagógica e a construção da identidade docente e do perfil pedagógico do professor em início de carreira. É, segundo González (2018), uma das dimensões que interferem na forma que o professor de Educação Física age em suas aulas e que pode levar, por exemplo, a um quefazer baseado em práticas inovadoras ou no desinvestimento pedagógico.



A cultura escolar da Educação Física, “esse conjunto de saberes e fazeres, de valores e comportamentos que configuram sentidos e significados vinculados às práticas corporais tematizadas e construídas por essa prática social” foi, no âmbito escolar, historicamente influenciada por diferentes tendências (Rodrigues; Bracht, 2010):

i) do início a meados do século XX pelo movimento higienista e a ética do trabalho, “almejava a formação de pessoas saudáveis e aptas fisicamente orientadas nos valores do trabalho” para o crescimento e desenvolvimento da nação, teve como principal método utilizado a ginástica;

ii) a partir de meados do século XX (entre 1960 e 1980) o esporte se afirma como manifestação hegemônica da cultura corporal, e na escola se insere como uma pedagogia, que deve ser praticado por promover valores vislumbrados pela sociedade;

iii) a partir da década de 1980, em meio aos movimentos sociais pela redemocratização, surge o “movimento renovador”, que buscava retirar a Educação Física da condição de mera “atividade” pedagógica baseada na educação do corpo orgânico; no “exercitar para”; na aptidão física como finalidade das aulas, e buscou consolidar a cultura corporal de movimento como o objeto de conhecimento da Educação Física (González *et al*, 2013).

Apesar das influências supracitadas, Rodrigues e Bracht (2010) alertam que elas são generalizações de análises que visam sintetizar tempos históricos amplos, não sendo possível registrar toda a pluralidade de práticas realizadas durante uma determinada hegemonia. Vale ressaltar que, apesar de ainda haver uma hegemonia do ensino dos esportes nas aulas de Educação Física, movimentos de ruptura com esse modelo estão cada vez mais presentes no chão das escolas e nos debates acadêmicos da área, criando um terreno fértil para “a construção de culturas escolares de EF que postulam outros significados para a sua inserção na vida da escola” (Rodrigues; Bracht, 2010).

Rezer, Nascimento e Fensterseifer (2011) caminham nessa mesma direção, refletindo sobre as diferentes “formas-de-ser” da Educação Física contemporânea, marcadas por disputas político-intelectuais que miram diferentes projetos e levam a diferentes lugares e entrelugares, diferentes “Educações Físicas”. O campo da Educação Física “trata-se de uma construção social e histórica, em última instância política” (Rezer; Nascimento; Fensterseifer, 2011).

Existe uma diversidade de relações que, de alguma maneira, afetam o processo de ensino-aprendizagem. Para tornar-se professor na escola pública é preciso conhecer e



entender este complexo emaranhado de relações baseado em realidades e experiências dos sujeitos que fazem parte de determinada escola: a cultura escolar.

A cultura escolar interage com os saberes e vivências acumulados na formação inicial e durante a vida do professor. Com o passar do tempo, o professor em início de carreira começa a construir sua identidade docente “moldada pela rede de relações que estabelece com o contexto escolar” (Conceição; Molina Neto, 2017). Sua prática pedagógica, a partir dessa interação orgânica e dialógica, além de ser influenciada pela cultura escolar, também a influencia.

A escola é uma instituição viva e o professor é sujeito ativo, que, juntos, produzem uma cultura escolar a partir de interações entre o micro e o macro: a cultura escolar e a cultura geral; a história profissional e a trajetória de vida do professor; a história da escola e a história do bairro no qual está localizada etc (Rodrigues; Bracht, 2010; Almeida, 2017).

As escolas são interpenetradas por um contexto cultural mais amplo e geral, todavia produzem uma cultura organizacional própria - que exprime valores e crenças daqueles sujeitos que fazem parte dela, mas também é influenciada pela cultura social de referência (Nóvoa, 1995 *apud* Carvalho, 2006). Essa interação entre os elementos micros e macros do universo social do professor e sua influência na atuação docente também é corroborada no excerto abaixo:

(A) atuação docente é atravessada por diversas dimensões em que se combinam elementos tanto macros (transformações na disciplina, política educacional), como micros (organização escolar, relação com o ambiente escolar) do universo social (González *et al*, 2013).

A cultura escolar pode influenciar, positivamente ou negativamente, na ação pedagógica do professor de Educação Física. Sousa (2004) apontou limites referentes à cultura escolar como uma das principais dificuldades enfrentadas por docentes. De acordo com González (2018), principalmente três categorias relacionadas à dimensão da cultura escolar são elementos de destaque que podem influenciar a forma de agir do professor de Educação Física em suas aulas:

a) *a invisibilidade do conhecimento disciplinar*, ou seja, parte dos agentes da comunidade escolar não compreende o que se ensina ou se deve ensinar nas aulas de Educação Física, isso faz com que qualquer forma de ocupar o tempo da aula seja aceita, o que pode reforçar a postura do professor “rola-bola” e/ou desestimular o professor comprometido/inovador por receber o mesmo reconhecimento daquele que proporciona a “não-aula”;



b) *o caráter funcional do abandono do trabalho docente*, quando a aula de Educação Física se torna uma espécie de coringa e serve, por exemplo, para que sejam feitas atividades atrasadas de outras disciplinas, atividades extracurriculares, ocupar alunos em horas vagas como quando há falta de professor em outra turma e se pede para juntar turmas no espaço da aula de Educação Física, além disso, o impedimento da prática da aula pode servir até como forma de ameaça, punição ou castigo para alunos considerados “indisciplinados”. Dessa forma, algumas gestões escolares, esperam que o professor de Educação Física, o espaço-tempo de sua aula e os envolvidos nela estejam abertos a uma mudança nos planos para essas atividades que fogem ao componente curricular - e isso se correlaciona com a categoria mencionada anteriormente, o desconhecimento do que se ensina ou deve ser ensinado na disciplina. Essa categoria acaba, também, por favorecer o professor com perfil de desinvestimento pedagógico que muda seus “planos” para atender a certas demandas da escola sem se preocupar com os saberes da disciplina, por outro lado essa categoria prejudica o professor empenhado por se preocupar com as aprendizagens específicas do componente curricular e não abrir mão do seu planejamento pedagógico em detrimento a outras necessidades da escola.

c) *hierarquia dos saberes escolares*, a terceira categoria listada por González (2018) se relaciona fortemente com as duas anteriores. A Educação Física já carrega uma série de preconceitos que o professor da área precisa enfrentar para ser respeitado profissionalmente na escola. Além do desprestígio, precariedade de material, pouco tempo destinado ao componente curricular, etc também fazem com que a Educação Física fique deslocada e seja considerada menos importante que outras disciplinas. Em relação a essa categoria, os dois perfis de professores percebem essa condição, entretanto o professor com práticas caracterizadas pelo perfil do abandono do trabalho docente assume a condição de vítima e injustiçado, enquanto o professor comprometido/inovador costuma reagir à situação e procura marcar seu lugar e o da Educação Física na escola.

Deve-se levar em consideração que as três categorias mencionadas anteriormente são importantes, influenciando o complexo processo de construção da identidade docente, mas não são deterministas. Isso fica evidente nos relatos apresentados no trabalho de Conceição e Molina Neto (2017), que foi realizado com dois professores de Educação Física (com os nomes fictícios de Bruno e Carlos) de duas escolas da rede pública de ensino de Porto Alegre/RS. No caso do estudo, as culturas escolares às quais Bruno e Carlos estiveram submetidos ainda quando estudantes, de certa forma, também influenciaram na atuação docente nos dois casos: com a aceitação ou a crítica às suas



vivências enquanto alunos. Bruno, que teve como professor um profissional “rola-bola”, relembra a sua vivência, criticando e se opondo a esse perfil na sua intencionalidade pedagógica. Já Carlos, que estudou em uma escola militar e teve uma vivência com modelos hegemônicos da Educação Física Escolar, considera a experiência como estudante um bom exemplo para a sua prática pedagógica.

Logo, a construção da identidade docente recebe influências da cultura escolar, assim como dos tabus e normas, das marcas culturais e da história de vida do docente. A carreira docente, segundo Farias *et al* (2018), “pode ser caracterizada por sucessivos momentos, os quais se articulam na elaboração de um constructo de conhecimentos, crenças, perspectivas e experiências originadas na atuação profissional”. A construção de um perfil docente passa por diferentes ciclos e recebe influências multirreferenciais durante a carreira.

A atuação do professor de Educação Física na escola é influenciada por questões históricas, sociais, pedagógicas, estruturais, bem como pelo distanciamento entre a formação inicial e a realidade escolar, pela falta de condições de trabalho e de políticas públicas efetivas de formação continuada, e a legislação da Educação Física escolar, em alguns momentos não garante sua legalidade e sua legitimidade (Bahia; Nascimento; Farias, 2016).

A interação entre o um e o todo, entre as várias culturas presentes na escola, vai moldar a identidade e o perfil do docente. Esse pluralismo cultural, a aceitação e a compreensão do diferente “são comuns e, ao mesmo tempo, singulares no processo de construção do ser docente” (Conceição; Molina Neto, 2017). Como bem destacam os autores: “avanços, retrocessos, compreensões e até o movimento de ignorar a cultura escolar fazem parte da construção do professor em início de docência”.

Cada escola é única, possui suas próprias particularidades e pluralidades, cada trajetória de vida docente é individual, com expectativas e realizações singulares. Dessa forma, como afirmam Rodrigues e Bracht (2010), é possível a efetivação e legitimação de diferentes construções de Educação Física nas escolas, com diferentes significados, vinculadas e influenciadas por determinada cultura escolar e pela história pessoal e profissional de determinado docente, coerentes com os seus contextos específicos. Para os autores, não cabe mais a procura de uma verdadeira Educação Física, e sim a compreensão do impacto que a inserção de uma determinada Educação Física vai causar em tal realidade escolar.

Em suma, escola é lugar de circular, de reinventar, de estimular, de transmitir, de produzir, de usufruir, enfim, de praticar cultura. Uma instituição peculiar, com suas maneiras próprias de organizar-se e de relacionar-se com outras culturas produzidas e compartilhadas pelos humanos. As experiências culturais que nos constituem como humanos também têm lugar na escola, no



protagonismo de seus professores e estudantes. A escola é lugar para o direito de todos às culturas. (Vago, 2009)

Fensterseifer e González (2018) chamam atenção para a importância do docente ter responsabilidade com o seu componente curricular, articulando-o com um projeto maior - seja o projeto político pedagógico da escola na qual atua ou as expectativas da comunidade daquela escola em relação à instituição e/ou ao componente curricular. No mesmo diapasão, Freire (2021, p. 94) destaca que “ensinar exige comprometimento”.

Sobre *ser professor*, há uma significativa diferença entre compreendê-lo como “sujeito *transmissor de um saber*” e entendê-lo como “sujeito *produtor e portador de um saber*”. Saber que se constrói e se (re)inventa permanentemente ao longo de sua história como pessoa e de seu envolvimento com a prática escolar. Por isso, um saber elaborado na experiência diária de tornar-se o que é: uma história de vida que entrelaça fontes diversas - sua formação escolar (quem agora é professor, antes foi aluno); sua formação profissional (a inicial e a formação contínua); seu contato com programas de ensino e com livros postos em circulação na área, que toma como referência para seu trabalho (que são interpretados, com adesão ou recusa de suas proposições); enfim, sua própria experiência no ofício de ensinar. Tudo isso faz de alguém professor. Professor que se forma, e também se deforma, diante das condições em que realiza seu ofício (Vago, 2009).

Roseli Fontana (2000) comenta sobre a complexidade desse processo em cada fazer e desfazer, em cada manutenção e transformação constituídos durante a jornada em busca do tornar-se professor e que recebe influências multifatoriais. Para a autora:

“No tempo, vivemos e somos nossas relações sociais, produzimo-nos em nossa história. Falas, desejos, movimentos, formas perdidas na memória. No tempo nos constituímos, relembramos, repetimo-nos e nos transformamos, capitulamos e resistimos, mediados pelo outro, mediados pelas práticas e significados de nossa cultura. No tempo, vivemos o sofrimento e a desestabilização, as perdas, a alegria e a desilusão. Nesse moto contínuo, nesse jogo inquieto, está em constituição nosso *ser profissional*” (Fontana, 2000, p. 180).

Ensinar, como pontua Paulo Freire (2021, p. 41), “exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural”. Tornar-se professor na escola pública é retomar referências fundamentais para a formação inicial, sem esquecer do contexto, do lócus, da cultura, do espaço-tempo no qual se está atuando. “O espaço pedagógico é um *texto* para ser constantemente *lido, interpretado, escrito e reescrito*” (Freire, 2021, p. 95). Tornar-se professor, dessa forma, é se (re)inventar e se (des)construir cotidianamente na busca pelo esmero na prática docente comprometida e direcionada a (transformar) determinada realidade.

2.2 (In)visibilidade docente e a (des)motivação do professor de Educação Física

“Ninguém viu, ninguém viu. Ninguém acha você. Invisível, invisível. Ninguém acha você. Há maneiras de ver, maneira de ser,



maneira de ter, maneira de ver” (Baiana System, 2017).

A jornada em busca do tornar-se professor, esse processo orgânico e complexo de construção da identidade docente, pode ser (des)motivada por diversos fatores intrínsecos e extrínsecos ao profissional do magistério. Como mencionado no subcapítulo anterior, a cultura escolar e sua relação com a Educação Física é uma das dimensões que pode ocasionar e/ou reforçar um perfil de abandono do trabalho docente - desinvestimento pedagógico - ou de comprometimento com o componente curricular no professor de Educação Física. Dentro dessa dimensão se destacam as três categorias mencionadas no subcapítulo anterior, elencadas por González (2020), que contribuem para a (des)motivação e consequente (in)visibilidade docente perante à comunidade escolar: a invisibilidade do conhecimento disciplinar; o caráter funcional de abandono do trabalho docente; a hierarquização dos saberes escolares.

Mas quais as características presentes na atuação baseada no desinvestimento pedagógico e o que consideramos uma prática pedagógica baseada no comprometimento com o componente curricular? Neste trabalho consideramos a perspectiva das três grandes categorias de atuação docente na Educação Física Escolar propostas por González (2020): práticas tradicionais; desinvestimento pedagógico; práticas inovadoras. Para efeito análise e melhor compreensão deste subcapítulo, agrupamos as categorias baseadas em práticas tradicionais e em práticas inovadoras como perfis comprometidos com o componente curricular, enquanto a prática baseada no descompromisso pedagógico será considerada como perfil de abandono do trabalho docente⁴.

De acordo com González *et al* (2013), os professores com perfil de abandono do trabalho docente tem uma atuação que se caracteriza “por não apresentar grandes pretensões com suas práticas; talvez a pretensão maior seja a de ocupar seus alunos com alguma atividade (...), converte-se em simples administrador de material didático”. É aquele professor que não planeja suas aulas, não tem uma intencionalidade no seu fazer pedagógico. Frequentemente atua como se fosse um monitor ou fiscal de recreio, que faz o transporte dos estudantes da sala de aula para a quadra, pátio ou outro espaço adequado para o movimento, leva e traz materiais didáticos como bolas, bambolês e redes, escora-se em algum lugar como as arquibancadas, alambrados ou bancos, e espera o sinal da escola tocar para a próxima (não) aula. Sua maior preocupação é evitar e/ou resolver

⁴ Também nomeado como desinvestimento pedagógico ou “rola-bola” (González, 2020).



eventuais conflitos que possam ocorrer durante o horário destinado à aula de Educação Física.

Apesar das práticas tradicionais, aquelas baseadas em tendências hegemônicas (como a ginástica e, principalmente, o esporte), serem, à primeira vista, diametralmente opostas às práticas inovadoras (baseadas no empenho de ensinar os diversos conteúdos da disciplina e pautadas pelos parâmetros de um componente curricular) (González, 2020), ambas têm um ponto de convergência entre si que as diferencia da categoria de desinvestimento pedagógico: planejamento e intencionalidade. Por mais que os objetivos, métodos e justificativas sejam diferentes, as duas categorias possuem um comprometimento com o componente curricular e com a sua prática pedagógica, por isso as consideramos e agrupamos como práticas comprometidas com a Educação Física, em contraposição à falta de planejamento e intencionalidade mencionadas como características do perfil (descompromissado) de abandono do trabalho docente.

Mas o que faz o professor abandonar o trabalho docente e se tornar um “rola-bola”? Qual o motivo desse “momento-charneira” - aquele momento no qual as “pessoas conseguem reorientar seu comportamento, pensamento, ambiente, modo de ser e agir” (Teixeira; Louro-Hettwer, 2019) - na vida profissional do docente? Essa não é uma resposta simples, pois é subjetiva e multifatorial. O que pode ser motivo-chave para Fulano pode não ser para Sicrano, e vice-versa. Pode ser algo pessoal ou profissional, físico ou mental, intrínseco ou extrínseco, ou até mesmo a junção desses elementos. O fato é que não há como categorizar e abordar todos os possíveis motivos para que ocorra o desinvestimento pedagógico, então o foco desta reflexão se dará sob a perspectiva da (des)motivação do professor de Educação Física ocasionada pela (in)visibilidade docente a partir da dimensão da cultura escolar e de suas categorias.

Todos concordamos que ser reconhecido em seu trabalho - seja por seus pares, clientes ou superiores hierárquicos - é motivante para qualquer profissional. “O reconhecimento é algo fundamental para que se consiga desenvolver o trabalho” (Gomes, 2019). Segundo a autora, o reconhecimento profissional aumenta a produtividade, além de fazer do ambiente de trabalho um local saudável. Nesse mesmo diapasão, Gondim e Silva (2004) corroboram com essa linha de pensamento ressaltando que “poucos teriam dúvida de que a motivação é um dos importantes processos que explicam a conduta humana, especialmente no ambiente de trabalho”. A desmotivação pessoal e a insatisfação, por sua vez, levam ao abandono, desinvestimento e indisposição constante (Nóvoa, 1995, p. 22).



A importância do reconhecimento para o homem é inegável. Ser reconhecido pelos demais membros de uma comunidade é “instrumento fundamental para a autonomia e a autorrealização dos indivíduos, uma vez que é no reconhecimento social intersubjetivo que os indivíduos e os grupos formam suas identidades” (Faria; Machado; Bracht, 2012). De acordo com os autores, as relações intersubjetivas de reconhecimento presentes no cotidiano escolar influenciam na construção da identidade docente, pois é a partir delas que os professores “elaboram sua condição de ‘ser professor, avaliam seu trabalho pedagógico e garimpam apoios para a realização de seus projetos”.

Logo, a partir dessa perspectiva, se a valorização do trabalho atua como elemento motivador para que o professor continue investindo e inovando na sua prática pedagógica (Faria; Machado; Bracht, 2012), por outro lado, a invisibilidade docente e consequente falta de reconhecimento do trabalho do profissional comprometido com a Educação Física pode ocasionar uma desmotivação e, eventualmente, levá-lo a assumir um perfil de atuação baseado no desinvestimento pedagógico em algum momento de sua carreira.

O desconhecimento e/ou percepção enviesada de parte dos atores escolares do que é (ou deveria ser) ensinado nas aulas de Educação Física é chamado de invisibilidade do conhecimento disciplinar (González, 2020). Essa invisibilidade do currículo da Educação Física pode se dar por fatores pessoais daquele ator escolar (como uma vivência escolar enquanto estudante com um professor “rola bola”) ou por fatores estruturais da Educação Física Escolar no Brasil (como a hegemonia da ginástica e, posteriormente, do esporte).

Alguns autores (Faria; Bracht, 2014; Faria; Machado; Bracht, 2012) identificaram, em agentes escolares, a falta de reconhecimento da Educação Física como componente curricular, uma visão deturpada de que é uma “disciplina de segunda classe” que funciona como auxiliar de outras disciplinas ou apêndice da escola. Segundo os autores há uma deslegitimação da Educação Física escolar porque “os agentes escolares têm ainda grande dificuldade de perceber a aula de Educação Física como um momento de aprendizado sistematizados e com objetivos próprios e relevantes para a educação dos alunos” (Faria; Machado; Bracht, 2012).

O não entendimento de que a Educação Física é um componente curricular com conteúdos, habilidades e objetivos, a não percepção do que deveria ser ensinado nas aulas dessa disciplina, faz com que qualquer forma de ocupar o tempo de aula seja considerada como válida por parte da comunidade escolar. Em alguns casos, é mais importante a atuação do docente nas atividades extracurriculares, “quebrando galhos” para a escola, e,



preferencialmente, sem atrapalhar o andamento normal, o silêncio e a “quietude” da instituição, do que as aprendizagens específicas do componente curricular.

Como resumem González *et al* (2013), “os conhecimentos tematizados (ou não) nas aulas de Educação Física parecem ser *invisíveis* ao olhar dos gestores escolares”. Acrescento que, não só ao olhar dos gestores, mas de toda (ou grande parte) da comunidade escolar. Não há preocupação com a intencionalidade de determinada aula ou qual conteúdo está sendo trabalhado.

Nesta lógica, o “bom” professor de Educação Física é aquele que não falta ao trabalho, cumpre horário, mantém a burocracia em dia, dá conta dos alunos da sua turma e daqueles que estão *soltos* no pátio, consegue conter situações indesejáveis (alunos machucados, indisciplina, uso indevido do espaço, saídas da escola, etc.), não é muito exigente (conforma-se com o material e infraestrutura disponível), está sempre à frente da organização de eventos e disponível para diferentes demandas da escola (por exemplo, cuidar da merenda escolar), independente do que proponha em suas aulas (González *et al*, 2013).

Essa invisibilidade da atuação docente - por parte da gestão (reconhecendo mais a atuação extraclasse que a prática pedagógica); dos alunos (muitas vezes com afastamentos e/ou “indisciplina” por não aceitarem uma proposta que não seja o “racha/baba/pelada”); e da comunidade escolar como um todo (por não reconhecer a Educação Física como componente curricular) - pode atuar como fator desmotivante para o professor comprometido com a Educação Física, levando-o à frustração pela falta de reconhecimento e à adoção de um perfil de abandono do trabalho docente.

Percebo o “não se importar” com as aprendizagens específicas da disciplina, e o “se importar mais” em colaborar com outras demandas da escola, exemplificados no estudo de González *et al* (2013). Nesse trabalho, os pesquisadores buscaram compreender como os diferentes atores da comunidade escolar, e mais particularmente a gestão, percebem a atuação de duas docentes de Educação Física - Joana e Maria - com práticas pedagógicas similares (classificadas como perfil de desinvestimento pedagógico), mas com um envolvimento diferenciado com a escola na qual atuam, com alguns atores da comunidade escolar, e em atividades extracurriculares relacionadas a demandas da instituição.

A professora Joana tinha 48 anos, casada, sem filhos e possuía uma carga horária de 40 horas semanais. Em sua prática pedagógica, encaminhava os alunos ao local das práticas, estes separavam times e passavam a jogar até o final da aula sob o olhar da professora, entretanto sem qualquer tipo de intervenção. Em relação ao contexto escolar no qual estava inserida, Joana descreve como hostil a ela e à disciplina. A docente reclama



da falta de material didático e redução na carga horária do componente curricular. Além disso, relata um mau relacionamento com a diretora por diferenças político-partidárias (González *et al*, 2013).

A diretora nega que tenha problema de relacionamento com qualquer professor da escola e afirma que compra o material requisitado pela professora, mas nem sempre na quantidade pedida devido à limitação de orçamento. Ela enfatiza que não investe em materiais a mais para a Educação Física pois não enxerga a utilização deles, já que, segundo ela, nos seus 30 anos de atuação na escola o que prevalece nas aulas da disciplina é o futsal, sem que haja necessidade de outros materiais (González *et al*, 2013).

Nesse contexto, ainda se esforçando para não fazerem críticas diretas ao trabalho de Joana, a diretora e outros atores escolares deixam escapar manifestações sobre a insatisfação (...) produzida pela atuação da professora. O não envolvimento da Joana com a escola/aluno é apontado em diversas oportunidades a partir de uma ideia de “problema” atitudinal (“um desânimo!”) da docente com a instituição e os colegas. No entanto, nas diferentes conversas, não apareceu uma “queixa” ou “reclamo” dos gestores em relação aos conteúdos não ensinados nas aulas de Educação Física (González *et al*, 2013).

A partir da exemplificação da dinâmica da aula de Educação Física da professora Joana e da leitura do relato acima, percebe-se o que González (2020) identifica como “não disposição para a reflexão”, atitude comum a professores com perfil de abandono do trabalho docente, o autor cita “uma rigidez de um sistema de convicções que não se abala frente às críticas ou contraprovas fáticas”. Dessa forma culpam outros atores escolares, como a diretora no caso, ou os alunos, por não respeitarem o componente curricular. Estes professores, assim como Joana, relatam que poderiam fazer mais em sua prática pedagógica, mas, por não receberem condições adequadas, julgam que a escola e os alunos não merecem o esforço demandado (González, 2020). Além disso, identificamos, no caso da falta de materiais didáticos citados por Joana, um círculo vicioso: a diretora não compra outros materiais justificando que há prevalência do futsal; a professora, mesmo que queira diversificar sua prática, não pode, já que não há material para isso. Essa responsabilização da culpa sendo jogada de um lado para o outro e a falta de diálogo entre docente e gestão gera um problema *ad infinitum* que prejudica a disciplina e os estudantes.

A professora Maria tinha 35 anos, casada, um filho e 30 horas semanais de trabalho na escola (apenas uma hora de planejamento). Dividia seu tempo entre a docência, uma nova graduação na área da saúde, família, auxílio aos pais na administração de um pequeno comércio, além de participação em outras atividades



culturais. Na escola, além das aulas regulares do currículo, atuava em um projeto de dança com alguns alunos e gerenciava a merenda (González *et al*, 2013).

Sua atuação também é baseada no jogo esportivo sem que haja uma intencionalidade pedagógica ou contextualização do que seria trabalhado no dia ou menção a aulas anteriores. Nos fragmentos dos diários de campo apresentados por González *et al* (2013) fica evidente que, nas aulas, a professora atuava como administradora do material didático (bolas, redes, etc) e árbitra das partidas. Os pesquisadores mencionam que a professora não consultou planejamento algum durante suas aulas. Mas como planejar tendo apenas uma hora para essa finalidade e com as outras demandas que fogem ao componente curricular mencionadas anteriormente?

Apesar de sua prática pedagógica em sala ser semelhante à de Joana, suas aulas são bem avaliadas pelos diferentes atores da comunidade escolar a qual ela pertence. Outros professores, gestão e alunos elogiam a professora e sua maneira de conduzir as aulas. Isso fica claro no seguinte fragmento:

Particularmente, a direção da escola apoia sua forma de trabalhar, e a expectativa é que ela continue dessa forma. De acordo com a diretora, “a professora realiza um ótimo trabalho, os alunos gostam muito das aulas dela”. Também afirma que a professora tem o que é preciso para o desenvolvimento das aulas. A professora Maria tem apoio da direção para executar qualquer prática pedagógica. Dessa forma, as práticas realizadas aparecem mais como uma opção da professora que por algum tipo de constrangimento imposto pela gestão educacional. Conforme a diretora “a professora tem plena autonomia e apoio para as práticas que quiser realizar” (González *et al*, 2013).

No caso de Joana, apesar de também não haver uma proposta de ensino baseada nos saberes necessários e fundamentais da Educação Física Escolar, seu bom relacionamento com os sujeitos que fazem parte da instituição, além do engajamento e colaboração em atividades extracurriculares (como as aulas de dança e o gerenciamento da merenda), fazem com que sua atuação receba apoio da comunidade escolar.

Ainda que tenham atuações parecidas em suas aulas, a relação com a instituição é o que parece ser fundamental para a avaliação das professoras de Educação Física nos casos analisados. Segundo González (2020) “fica a ideia de que esses outros espaços, diferentemente da aula, permitem ao professor ‘mostrar trabalho’, ou seja, ‘resolver’ seus problemas de não reconhecimento criado pelo componente curricular”. González *et al* (2013) corroboram o entendimento de que “o fato da professora se engajar em outras tarefas escolares fundamentais ao andamento do dia a dia institucional, como o cuidado com a merenda escolar, é o que sustenta seu prestígio na instituição”.



A comunidade escolar parece não conhecer (e nem estar preocupada) com o que (não) se ensina no componente curricular Educação Física, muitos ainda a veem como mera atividade, e não como uma disciplina como as outras. Este processo de invisibilidade do conhecimento disciplinar por diversos atores escolares pode levar também - se o professor de Educação Física não se engajar em atividades alheias ao componente curricular, mas importantes para a escola (como a merenda e/ou atividades culturais) - a uma conseqüente invisibilidade docente e desinvestimento pedagógico.

De que adianta planejar uma aula, com o pouco tempo disponível para isso, se os alunos não aderirem? Se a gestão não reconhecer a diferença entre uma aula com e sem intencionalidade pedagógica? Como tratar a Educação Física na escola como ciência que estuda a cultura corporal de movimento se a visão sobre ela ainda é de mera atividade que objetiva o cuidado com o corpo orgânico e/ou atividade que vai compensar o tédio dos estudantes?

Percebe-se então, a partir da incompreensão dos conhecimentos específicos da Educação Física pela comunidade escolar e, conseqüentemente, da invisibilidade do trabalho docente de seu professor, uma desvalorização dos profissionais, saberes e habilidades da disciplina na escola em contraposição a uma supervalorização (principalmente relacionada à gestão) do engajamento e colaboração em atividades extracurriculares. Muitas vezes a avaliação desse docente não é pautada no ensinar Educação Física, mas sim na capacidade de adequar sua prática a demandas da escola que fogem ao componente curricular. A carreira docente em Educação Física é marcada por complexidades próprias dessa profissão, complexidades que são ainda mais latentes para o professor em início de carreira, no começo do processo de construção de sua identidade docente.

2.3 Entrada na carreira docente: veredas trilhadas entre a sobrevivência e a descoberta no “tornar-se professor”

“O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia (Guimarães Rosa, p. 85, 1994)”.

A carreira docente é como uma vereda do sertão, cheia de cactos, espinhos e caminhos sinuosos, porém o sertanejo resiliente, assim como o professor comprometido, consegue trilhar esse percurso e encontrar o caminho das águas para se refrescar, uma sombra para “descansar o juízo” e a beleza da flor do mandacaru para apreciar. Entretanto essa “manha” para percorrer o melhor caminho só se conquista com a prática e a



experiência. Embrenhando-se na vereda docente, o professor eventualmente vai rasgar sua roupa em um espinho, pode se furar ao esbarrar em um cacto, terá sede quando errar um caminho em determinada encruzilhada, mas, com a resiliência típica do sertanejo, aprenderá a se orientar pela exuberância da caatinga e abrirá novas veredas e possibilidades no caminho de educar.

Nessa trajetória, que é orgânica e não-linear, um dos momentos de mais encontros e desencontros na construção da identidade docente é a fase de entrada na carreira - que, segundo Huberman (2000), dura três anos⁵. Esse período de tateamento na carreira apresenta as seguintes características: é marcado por desafios, dilemas e conquistas; considerado uma etapa de sobrevivência na profissão; quando ocorre a descoberta da prática de ensino; percebe-se uma distância dos ideais para a realidade da sala de aula; exploração das questões institucionais; entre outros (Huberman, 2000; Folle *et al*, 2009). É um momento novo, de integração e adaptação à comunidade e à cultura escolares.

Alguns professores em início de carreira relatam começar a ensinar sem ainda se perceberem como docentes, sem se sentirem professores (Goodson, 2022, p. 202). O “tornar-se professor”, a construção da identidade docente, é um processo lento, orgânico e inacabado. Na mesma direção, Nóvoa (1995, p. 21) salienta que a afirmação profissional do professor “é um percurso repleto de lutas e conflitos, de hesitações e de recuos”. O docente vai moldando sua prática e a si mesmo a partir das suas vivências, conquistas e frustrações na escola e na sala de aula. Folle *et al* (2009) corroboram com esse pensamento, os autores consideram que a transição da identidade de estudante para a de professor causa um impacto inicial nos docentes em início de carreira, uma transição “de conceitos acadêmicos para a aplicabilidade prática, de rotinas em grupo para a sustentação e posicionamento individual”.

Entretanto, convém lembrar o que foi mencionado anteriormente ao abordarmos o abandono do trabalho docente e os fatores que contribuem para que esse fenômeno ocorra. Cada indivíduo é único, com suas próprias vivências e suas próprias maneiras de percebê-las e interpretá-las. Folle *et al* (2009) alertam que além de cada docente ter seu próprio “ritmo de trabalho”, existem fatores extraescolares (sociais,

⁵ Não coincidentemente o mesmo intervalo de tempo necessário para aprovação no estágio probatório para professores da rede pública.



afetivos, econômicos) que também podem interferir no desempenho e desenvolvimento da carreira do professor.

Nessa vereda que nunca foi explorada, o professor em início de carreira muitas vezes se vê perdido. Até onde seguir avançando e qual o momento de recuar para onde veio? Em que lutas deve entrar e em quais deve ceder? Como aplicar seus ideais e os conhecimentos e habilidades adquiridos durante a formação acadêmica concretamente, com indivíduos de carne e osso em toda a pluralidade que a escola possui?

O professor que está na fase de entrada na carreira se depara com inúmeros questionamentos e reflexões que apenas a experiência e o tempo responderão. Huberman (2000) aponta que essa fase da carreira é caracterizada por alternâncias entre os estágios de sobrevivência e descoberta na profissão. O estágio de sobrevivência é caracterizado pelo choque entre o idealizado e o real, o imaginado e o concreto, a teoria e a prática, é o momento em que os professores se deparam com as complexidades que ocorrem na sala de aula, enquanto no estágio de descoberta o professor se sente entusiasmado em relação a sua nova profissão, uma disposição para implementar uma prática pedagógica baseada em suas referências e ideais. Para os autores, é o entusiasmo do estágio da descoberta que permite que o docente iniciante suporte as incertezas e crises relacionadas ao estágio de sobrevivência (Krug; Krug; Krug, 2020).

No trabalho de Krug, Krug e Krug (2020), os autores pesquisaram a percepção de professores em início de carreira sobre esse estágio da vida profissional por meio de análise de palavras caracterizadoras relacionadas a esse momento peculiar da carreira docente. Os pesquisadores identificaram 14 palavras caracterizadoras, algumas com conotações positivas (ligadas ao estágio de descoberta na carreira) e outras com conotações negativas (ligadas ao estágio de sobrevivência na carreira), que no caso foram maioria.

As palavras caracterizadoras encontradas no estudo foram: problemático; dificuldade; choque; aprendizado; insegurança; crise; satisfação; insatisfação; desafio; entusiasmo; frustração; decisão; provação; e segurança (Krug; Krug; Krug, 2020). Ao analisar as palavras e a pesquisa dos autores, percebemos uma predominância na citação de palavras negativas pelos professores iniciantes entrevistados, o que ilustra a complexidade e dificuldade enfrentadas por esses docentes em seu começo de trajetória.

Favatto e Both (2019) listaram alguns motivos que levam ao desejo de abandono da carreira docente por professores de Educação Física iniciante: desvalorização financeira; indisciplina; desacordo com a rede de ensino; agressão física;



e estresse. Nesse mesmo diapasão, Kamanzi, Tardif e Lessard (2015) apontam “uma perspectiva pessimista em relação às mudanças de políticas educativas e uma relação negativa com (...) carga de trabalho, relações com colegas e autonomia profissional” como fatores e percepções que podem levar o professor a abandonar o seu cargo.

Em contrapartida, Favatto e Both (2019) também listaram motivos que levam ao desejo do professor de Educação Física iniciante de permanecer na carreira docente: necessidade financeira; estabilidade estatutária; identificação com a profissão; satisfação no trabalho com crianças; auxiliar na formação dos alunos. No estudo foi possível perceber que “professores com pouco tempo de docência apresentaram instabilidade no cotidiano frente ao processo de adaptação ao funcionamento da rede escolar e aquisição de experiências em sua atuação docente” (Favatto; Both, 2019).

Os professores em diferentes etapas da carreira entrevistados no estudo de Folle *et al* (2009) relataram algumas dificuldades enfrentadas ao lembrarem os primeiros anos de docência:

- Uma professora relatou aversão por parte dos alunos ao tentar implementar seus “planos e teorias”;
- Um professor comentou ter sentido um choque de realidade ao sair de uma escolinha esportiva e ingressar na escola;
- Distância entre ideais e a realidade da sala de aula;
- Docentes que não se sentem devidamente preparados ao concluírem a graduação
- Responsabilidades profissionais cada vez mais crescentes

Por mais que o professor novato seja crítico, reflexivo, comprometido e bem referenciado, as realidades experimentadas e vividas em sala de aula e as percepções sentidas no cotidiano escolar pelo profissional são diferentes das teorizadas, idealizadas, abordadas e discutidas na universidade. Eventualmente o imensurável pode ocorrer (e uma sala com 30 estudantes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental é o espaço que ele costuma surgir). Cada história de carreira docente é única, de acordo com Krug, Krug e Krug (2020) alguns professores que enfrentam o estágio de sobrevivência não suportam o choque inicial e abandonam a profissão antes de completar três anos de docência, enquanto outros se sentem mais preparados, não passam por dificuldades e não enfrentam o estágio de sobrevivência, passando direto para a fase de sobrevivência, entretanto a maioria dos professores oscila entre os estágios, vivendo-os conjuntamente e alternando



entre momentos mais relacionados à sobrevivência e outros mais relacionados à descoberta na carreira docente.

Considero que a compreensão da cultura escolar na qual se está inserido é fundamental para o professor em início de trajetória docente. A interação entre as referências adquiridas durante a formação inicial, em confluência com a cultura escolar da qual se faz parte e os fatores externos à escola mencionados anteriormente (sociais, afetivos, econômicos), vai construindo a identidade do profissional a partir de suas vivências, experiências e interações. Nem todas as experiências serão boas, porém mesmo as ruins atuam para moldar o perfil do professor em início de carreira.

Ao desbravar uma mata desconhecida, o sertanejo só pode concluir que deve voltar e tomar uma outra trilha após percorrer parte do caminho e não encontrar o destino. Da mesma forma, o professor vai se frustrar por “pegar o caminho errado” em determinada situação, mas nada impede que ele reconheça o equívoco e “trace uma nova rota” para alcançar a meta. A nova rota pode surpreender como atalho ou até mesmo um caminho mais bonito e agradável de se percorrer. Cada caminho trilhado é único e necessário para a construção da identidade docente e o estudante finalmente se perceber efetivamente como professor. Inacabado e consciente do seu eterno inacabamento (Freire, 2021, p. 49) e, com isso, professor.

2.4 Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: um caminho de descobertas

“É que ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, sem aprender a refazer, a retocar o sonho por causa do qual a gente se pôs a caminhar” (Paulo Freire, 1997 p. 79).

O novo caminho trilhado pela Educação Física e seus professores no município de Fortaleza/CE é percorrido nas creches e nas escolas públicas de Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental espalhadas pela cidade.

Assis e Pontes (2015) destacam a complexidade e peculiaridade desse novo caminho. De acordo com os autores, os estudantes dessa faixa etária são novatos na vida escolar, ainda estão em fase de aprendizagem e adaptação em relação às regras gerais, esquemas globais e rotinas coletivas do cotidiano escolar. Os autores enfatizam que essas alunas e esses alunos ainda possuem certa dependência para algumas atividades básicas (desde amarrar um cadarço até resolver conflitos entre os pares), indo de encontro com a



autonomia já desenvolvida pelos estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio - etapas nas quais o professor de Educação Física já atua.

Soma-se a isso a falta de repertório motor de algumas crianças desta geração (acentuada pela pandemia da COVID-19 em 2020) que “brincam cada vez mais com objetos eletrônicos e cada vez menos nas ruas” e que relatam que pais ou responsáveis não têm tempo⁶ para brincarem com elas (Assis e Pontes, 2015).

O caminho é complexo e peculiar justamente por ser novo. Como já mencionado, em 2023, pela primeira vez no município de Fortaleza/CE, professores efetivos da área foram, preferencialmente, lotados em todas as turmas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Vale lembrar, como apresentado no trabalho de Ferreira, Sanches e Venâncio (2022) que anteriormente, um movimento assim foi ensaiado, mas em menor proporção.

Até 2022 - como em muitos outros municípios brasileiros - o ensino da Educação Física, na maioria dos casos, não era sistematizado e o responsável pelo componente curricular nessas escolas era o professor polivalente (pedagogo/regente), amparado pela resolução estadual nº 412 (Ceará, 2006), que se virava como podia para lecionar Educação Física (recreação/psicomotricidade) sem estrutura, material e/ou formação específica sobre a área (Brandl; Brandl Neto, 2015) - o que, eventualmente, desgastava o professor regente, prejudicava o estudante e negava a obrigatoriedade e importância do componente curricular e do professor da área para esse nível da Educação Básica. Apesar da escassez de professores licenciados em Educação Física nesse nível de ensino antes de 2023, vale mencionar que, em algumas poucas escolas, esse profissional já se aventurava e descobria novos caminhos, como apresentado no estudo de Ferreira, Sanches Neto e Venâncio (2022).

Fonseca e Cardoso (2014) corroboram a ideia do desgaste do professor regente na docência da Educação Física. Na pesquisa das autoras, professoras regentes participantes relataram não se sentirem preparadas para ministrar o componente curricular, trabalhando a Educação Física como recreação, psicomotricidade ou “rola-bola”. Guirra e Prodócimo (2010) reforçam essa percepção, segundo os autores os/as professores/as generalistas (pedagogos/as) se sentem incapazes de realizarem os trabalhos corporais, “vendo na

⁶ Possivelmente a falta de tempo do trabalhador brasileiro para atividades extralaborais se deve à exploração do homem pelo homem no capitalismo contemporâneo, ocasionada pelo ultraliberalismo que, na última década, “varreu” direitos e garantias duramente conquistados pela classe trabalhadora e está relacionada ao fenômeno de precarização do trabalho (também acentuado durante a pandemia) que tem como consequência o aumento da jornada de trabalho, como aponta Souza (2021).



figura do professor de educação física um elemento indispensável para que seja realizado esse trabalho com maior qualidade”. Além disso, pedagogos entrevistados por Ferreira e Torres (2013) afirmam que a Educação Física deveria ser ministrada por profissionais licenciados na área devido à especificidade do trabalho. Para os entrevistados a qualificação desse profissional garante maior aproveitamento por parte do educando.

Contudo, neste trabalho não temos interesse em adentrar na querela de quem deveria ocupar o ensino da Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Pelo contrário, temos o dever de valorizar o belíssimo trabalho que as pedagogas e os pedagogos desenvolvem no acesso tematizado de vários saberes da cultura humana.

Apesar de ter *status* de componente curricular obrigatório (Brasil, 1996, cap. II, art. 26, § 3º), a Educação Física ainda é tratada em muitos municípios como mera atividade “ministrada de qualquer forma e por qualquer docente, nos primeiros anos do ensino fundamental, desrespeitando e podendo prejudicar o desenvolvimento dessas crianças” (Brandl; Brandl Neto, 2015).

Apesar da legislação obrigar a Educação Física desde a Educação Infantil, visibilizando-a (Brasil, 1996), a própria legislação desvaloriza os sujeitos e saberes vinculados ao componente curricular nessa etapa de ensino (Ferreira, Sanches Neto, Venâncio (2022) ao desobrigar os professores especialistas da área nessa etapa de ensino e caracterizá-la como “recreação” (Ceará, 2006), o que segundo Ferreira, Sanches Neto e Venâncio (2022) explica o baixo número de professores de Educação Física nas primeiras etapas de ensino.

Mesmo com as contradições observadas, a atuação do professor regente da turma (pedagogo/polivalente) lecionando Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental é amparada pelo parecer CNE/CB nº. 11/2010, que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para essa etapa de ensino.

Houve mudança no perfil do professor que ministra Educação Física para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental das escolas públicas de Fortaleza/CE, mas será que houve mudanças na forma de ensinar a Educação Física? Se houve, quais foram elas? Será que o professor de Educação Física efetivo de Fortaleza/CE continua, como outrora, propagando uma “monocultura corporal” e reproduzindo singularmente o esporte “na escola” sem dar chances a outras práticas corporais ou até mesmo ao esporte “da escola”? Será que continua buscando padronizar movimentos?

E as perguntas são válidas, visto que Silva (2013), em sua revisão de literatura, ao analisar 24 estudos sobre os conteúdos ministrados em aulas de Educação Física dos Anos



Iniciais e Anos Finais do Ensino Fundamental, constatou que, em 18 dos 24 artigos analisados, os esportes tradicionais conhecidos popularmente como “quarteto fantástico” (futebol, voleibol, basquetebol e handebol) predominaram. O autor comenta que esse fenômeno não é exclusividade do Brasil e ocorre em outros lugares do mundo, além de ser o preferido dos alunos. Além disso, o estudo de Brandl e Brandl Neto (2015) menciona que, até 1990, muitos cursos de graduação em Educação Física não capacitavam seus estudantes para lecionar nos Anos Iniciais, requerendo aprofundamentos e formações sobre o tema.

Ou será que os novos professores, a partir de sua inserção nessa etapa de ensino, ressignificaram o componente curricular demonstrando a importância de sua presença no ambiente estudado como nos casos apresentados no trabalho de Brandl e Brandl Neto (2015)? Qual a importância da Educação Física como componente curricular dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental?

Brandl e Brandl Neto (2015); Assis e Pontes (2015), ao revisitarem estudos que abordam o tema, nos apontam alguns argumentos sobre a importância da Educação Física nos Anos Iniciais: condiciona aprendizagens (pré) escolares ao conscientizar a criança sobre o próprio corpo, lateralidade, dominação do espaço-tempo, habilidade e coordenação dos gestos e movimentos; construção de relações entre o real e o simbólico; estímulo à criatividade e à criticidade, fomentando o desenvolvimento cognitivo; melhora o sentido de ajuda e cooperação, além de proporcionar alegria, satisfação e prazer; estimula a expressão do verdadeiro “eu” por meio da corporeidade; domínio do corpo e conquista sensorial e intelectual do espaço pelo movimento; desenvolvimento de capacidades físico-motoras, perceptivo-cognitivas e socioafetivas; superação da dicotomia entre mente e corpo.

A criança é um ser total e seu desenvolvimento intelectual está intimamente ligado ao desenvolvimento motor, sendo a brincadeira e o jogo uma necessidade básica, pois imita a vida e exige concentração e atenção. Defendemos que “o aprender brincando” deveria ser respeitado pelas escolas como processo de ensino aprendizagem. Fala-se tanto em assegurar os direitos das crianças, então porque a maioria das escolas não o faz? [...] Alertamos para o problema da falta de oportunidade de movimento para grande parte das crianças. Atualmente há uma grande insegurança nos espaços físicos para a criança brincar. Pais trabalhadores também têm pouco tempo de dedicação às crianças. Televisão, jogos eletrônicos, computador, celular, internet, também afetam esta problemática. Cada vez mais as atividades físicas ficam a cargo da escola. E a disciplina educação física é a que realiza o que as crianças mais gostam: a brincadeira, o jogo. A responsabilidade aumenta, por isso necessitamos de bons professores, conhecedores de todos os aspectos relativos a crianças e das práticas pedagógicas que devem ser utilizadas com eles (Brandl; Brandl Neto, 2015).



Além disso, a Educação Física é o componente curricular que tematiza e sistematiza, com intencionalidade pedagógica, elementos da cultura corporal de movimento por meio da prática pedagógica. A Educação Física é fundamental para a contemplação do movimento, da expressão corporal e seus símbolos como linguagem, como conhecimento universal criados, atualizados e ressignificados pelo homem em seu *lócus* (Bracht, 1992; Bracht, 2000; Daólio, 2004).

Apesar de todos os argumentos mencionados, a maior parte dos municípios brasileiros continua negando o ensino sistematizado e comprometido da Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Entretanto, o município de Fortaleza/CE, em um movimento de vanguarda, muda a realidade da Educação Física nas creches e escolas de Ensino Fundamental, buscando qualificar a educação dos discentes matriculados, e traz os profissionais da área para lecionarem o componente curricular nessas turmas. Isso não significa menosprezar o professor regente, pelo contrário, “a colaboração entre o professor de classe e o professor de Educação Física é benéfica”, o essencial não é quem, quantos ou de que área são os professores que vão ministrar essas aulas, e sim que as planejem e executem com “comprometimento e seriedade” (Brandl; Brandl Neto, 2015).

Assis e Pontes (2015) corroboram com a ideia de colaboração entre o professor de Educação Física e outros agentes escolares nos Anos Iniciais, afirmando que “o trabalho docente exige improvisos e negociação com os demais sujeitos que integram o contexto escolar - sobretudo com o/a professor/a de referência”. Para os autores, essa articulação entre professor especialista e professor regente pode contribuir para a desfragmentação das disciplinas nessa etapa. Além disso, os autores ressaltam que essas trocas são fundamentais para o professor de Educação Física, que tem uma menor carga horária (duas horas semanais) e, em contato com o professor de maior carga horária, pode trocar informações para compreender melhor a turma e trabalhar de acordo com suas necessidades.

Guirra e Prodócimo (2009) vão nesse mesmo diapasão, os autores também reconhecem a importância do trabalho conjunto entre professor especialista e professor generalista:

“esses dois profissionais deveriam trabalhar juntos, dialogando, preparando as aulas, discutindo sobre os temas a serem tratados, e que eles sejam relevantes e contextualizados com a realidade e a vida das crianças. A professora de sala de aula conhece o dia a dia dos pequenos, suas características, suas dificuldades e suas qualidades. O especialista possui uma maior afinidade com o movimento, o corpo e as atividades relacionadas a ele. (...) O trabalho conjunto



entre a professora generalista e o professor especialista apresenta-se como a melhor forma de ação, pois respeitar os direitos, as vivências, observar as particularidades, talvez seja o grande sucesso dessa parceria em prol da educação das crianças da educação infantil.”

Logo, o professor de Educação Física, principalmente aquele que está sendo introduzido em um novo *locus*, deve afirmar e - cotidianamente - examinar sua prática pedagógica comprometida com o ensino do componente curricular em suas particularidades. Entretanto não pode estar alheio à cultura escolar já estabelecida, ao bom convívio e ao diálogo com a comunidade escolar da qual faz parte.

A partir dessa relação dialógica, o professor enquanto sujeito inacabado constrói, desconstrói e reconstrói sua prática docente, muitas vezes ressignificando seu modo de trabalhar a partir dessas reflexões. Nesse novo espaço-tempo que o professor de Educação Física de Fortaleza/CE está inserido “é fundamental compreender os arranjos da escola, romper barreiras que foram construídas entre os próprios/as professores/as e demais setores escolares, e elaborar novas organizações que possibilitem a integração da EF” (Assis e Pontes, 2015).

Outra análise necessária a se fazer na caminhada do docente de Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental é: o que deve ser ensinado e aprendido nessa etapa de ensino? Quais as Unidades Temáticas, objetos de conhecimento e habilidades que devem ser estimulados e desenvolvidos nas aulas do componente curricular do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental? Que currículo de Educação Física deve ser ofertado a esses estudantes? Como construir esse currículo?

2.4.1. BNCC e DCRC nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental

“É comum vermos crianças sedentas pela aula de Educação Física quando chegamos às escolas; salta-me aos olhos imagens de ‘explosão corporal’ diante da possibilidade de ‘libertar-se das carteiras escolares’ que funcionam, na maioria das vezes, como ‘armaduras corporais’, até mesmo em pré-escolas. (...) Assumirmos essas especificidades, sem a pretensão de sermos os ‘donos’ da expressão corporal das crianças, pode ser um importante ponto de partida para configurarmos entrelaçamentos com diferentes áreas do conhecimento” (Ayoub, 2001).

Para responder a essas questões se deve levar em consideração que visão político-pedagógica de escola o docente tem e como o professor se posiciona em relação às



finalidades educativas da escola. Estes pesquisadores se manifestam a favor de uma escola socialmente justa com base no terceiro posicionamento elencado por Libâneo (2019): a educação como desenvolvimento de capacidades humanas em articulação com a diversidade.

Enquanto professores da rede pública de ensino básico em um programa de mestrado profissional público, defendemos uma escola socialmente justa que promova e amplie o desenvolvimento das potencialidades humanas, estimulando cognitivamente, moralmente e afetivamente os estudantes para que alcancem autonomia e liberdade e possam analisar, refletir, criticar e intervir na sociedade.

Esse posicionamento se faz necessário, pois apesar dos avanços em direitos sociais conquistados com muita luta pela classe trabalhadora no século passado e o advento da Constituição Federal de 1988, a educação pública no Brasil é constantemente alvo de interesses e interessados ligados à classe dominante, preocupados principalmente em maximizar lucros (o orçamento da Educação constantemente figura entre os maiores da estrutura pública), e não com a formação integral e o desenvolvimento da autonomia e do pensamento crítico do estudante ligado à classe trabalhadora - o que na verdade os ameaça.

Afinal, como enfatiza Freire (1981, p. 73) “seria uma atitude muito ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que permitisse às classes dominadas perceberem as injustiças sociais de forma crítica”.

A CF/88 foi um grande avanço que deve servir como norte, mas com a ressalva da característica neoliberal que permeia o Estado brasileiro (distribuindo *vouchers* de instituições privadas, *uberizando* o professor, trocando livros físicos por digitais, inserindo “ração humana” na merenda escolar) e por vezes reacionário/protofascista (perseguição à escola enquanto instituição, “escola sem partido”, Movimento Brasil Livre invadindo escolas e universidades para constranger e ganhar *likes*, filmagem de professores durante aulas, acusações de doutrinação, massacres).

A escola socialmente justa deve proporcionar o acesso aos meios de apropriação dos saberes sistematizados socialmente e culturalmente, considerando a diversidade social e cultural dos sujeitos que lá estão inseridos. É “aquela que atende a todos por meio de um currículo de formação cultural e científica, articulado pedagogicamente com a diversidade sociocultural, e diretamente enlaçado às condições sociais, culturais e materiais de vida dos alunos”. É uma escola que deve garantir a todos o acesso a conhecimentos fundamentais, que busque diminuir desigualdades e estimule dignidade,



respeito e cooperação entre os estudantes por meio de um currículo aberto que inclua toda a diversidade dos alunos, que seja universal e comum, integrando o particular e o diverso, sem perder de vista as necessidades e interesses dos estudantes (Libâneo; Silva, 2020).

A partir daí se espera uma atenuação das desigualdades escolares, garantindo aos estudantes uma educação digna e baseada na igualdade e solidariedade entre os pares. Para que essa educação seja garantida na sociedade brasileira é necessário reconhecer as várias diversidades presentes no ambiente escolar - diversidade social, cultural, histórica, de personalidade, etc. A Educação Física enquanto componente curricular da educação básica tem seu papel na busca por esses objetivos e orienta sua atuação a partir de alguns marcos legais (Brasil, 1996; Brasil, 2010; Brasil, 2017; Ceará, 2019).

Apoiada nesses documentos e diretrizes de base, a Educação Física de qualidade e comprometida deve ser inclusiva, atenta à diversidade, e apoiar todos os estudantes no desenvolvimento de diferentes habilidades necessárias para se tornarem cidadãos saudáveis, resilientes e socialmente responsáveis.

Martins, Ferreira Júnior e Moura (2022) chamam atenção para a busca por esses objetivos nas últimas décadas por meio de políticas educacionais como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que determina, em seu Artigo 26 (Brasil, 1996) que os currículos do Ensino Fundamental devem ter uma base nacional comum - corroborando com a ideia de uma escolarização semelhante para diferentes indivíduos - que deve ser complementada (pelos sistemas de ensino e estabelecimentos escolares) por uma parte diversificada permeada por aspectos regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela, aproximando-se da recomendação de considerar a diversidade dos sujeitos.

A BNCC esclarece que a Educação Física no Ensino Fundamental deve tematizar as práticas corporais em suas diversas codificações e significações sociais, o documento enfatiza que o movimento humano está inserido no âmbito da cultura e apresenta os objetivos de aprendizagem da Educação Física escolar sobre os temas abordados: experimentação; uso e apropriação; fruição; reflexão sobre a ação; construção de valores; análise; compreensão; protagonismo comunitário. A Educação Física escolar deve ser diversa, plural e integral, estimulando o desenvolvimento cognitivo, motor, afetivo e social do estudante. Os diferentes elementos da cultura corporal são sistematizados pela BNCC em Unidades Temáticas, que no caso dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental são: jogos e brincadeiras; esportes; lutas; danças; e ginásticas (Brasil, 2017). É tomando



como referência a BNCC que as redes de ensino, escolas e professores devem alinhar suas propostas pedagógicas e políticas (Neira, 2018).

Apesar do avanço em implementar uma base curricular comum para todos os brasileiros e brasileiras, o documento elaborado é passível de críticas por problemas não resolvidos ou ampliados com a BNCC. Mesmo a ideia de um currículo comum a todas as escolas é combatida por alguns autores, que acreditam que o currículo deve “fazer sentido e ser construído contextualmente, atender demandas e necessidades que não são homogêneas” (Lopes, 2018, p. 25). Para a autora não é necessário e nem possível que o currículo seja igual, pois sujeitos diferentes produzem e mobilizam saberes diferentes, têm experiências e projetos de futuro diversos. Além disso, Lopes (2018, p. 26) destaca que por mais que o currículo seja detalhadamente igual para todas as escolas, cada instituição o interpretará à sua maneira, de acordo com o seu contexto.

Alguns autores, como Neira (2018), denunciam incoerências e inconsistências na BNCC de Educação Física, que fomenta a retomada de princípios tecnocráticos, priorizando a racionalidade técnica em detrimento do pensamento crítico, revelando-se assim, para o autor, “frágil, incoerente e inconsistente”. Neira (2018) também destaca que as habilidades estabelecidas para a Educação Física também evidenciam a visão instrumental e tecnicista do documento, que prioriza as habilidades relacionadas a processos cognitivos (explicar, planejar, identificar, descrever, discutir, colaborar na proposição, diferenciar e formular) em detrimento a processos afetivos (experimentar e fruir).

Ao analisarem a BNCC, Martinelli *et al* (2016) notaram uma concepção de Educação Física que valoriza a subjetividade humana, o indivíduo. Os autores ressaltam que essa concepção esvazia os conteúdos de ensino para os filhos da classe trabalhadora estudantes da escola pública. “Essa perspectiva secundariza a ação do professor e, desse modo, converge com as políticas educacionais neoliberais e pós-modernas advindas dos organismos internacionais” (Martinelli *et al*, 2016). Outros pontos discrepantes e frágeis do documento são: falta de apontamento dos critérios de progressão, desconsideração de algumas dimensões do conhecimento para formulação das habilidades e hegemonia do esporte (Neira, 2018; Neira, 2019).

Outra crítica pertinente é relacionada à forma como o documento foi elaborado (Aguiar, 2018; Neira, 2018; Neira, 2019; Holanda; Lasch; Dias, 2021), ou seja, a metodologia adotada pelo Ministério da Educação (MEC) na sua construção “privilegia



especialistas e subalterniza o diálogo com as comunidades educacionais e escolares, em um modelo centralizador de tomada de decisões” (Aguiar, 2018, p. 14).

Alguns autores denunciam que a metodologia de construção da BNCC foi linear, verticalizada, pouco democrática e centralizadora, que não discutiu suficientemente consensos e dissensos que surgiam e eram decididos pelo MEC, o que põe em cheque sua legitimidade (Aguiar, 2018; Neira, 2018; Neira, 2019; Holanda; Lasch; Dias, 2021). Por isso, alguns questionamentos são trazidos à tona a respeito da base:

“Para que serve esse Documento? Para quem? A partir de qual concepção? Há conversa com Documentos anteriores? Quais os possíveis avanços? (...) O que se entende por formação humana, para além da dimensão cognitiva? Qual o projeto de sociedade que embasa o Documento? A proposta articula, como definido no PNE, os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento ou se restringe a aprendizagem?” (Aguiar, 2018, p. 16).

No estado do Ceará, o documento produzido para se aproximar da diversidade (cultural/regional) dos sujeitos presentes no contexto escolar foi o Documento Curricular Referencial do Ceará - DCRC. O DCRC é um instrumento, e não um currículo, que possibilita reconhecer a diversidade cearense e que busca garantir um conjunto de conhecimentos e habilidades comuns aos estudantes de escolas públicas e privadas, urbanas e rurais em todo o estado. O documento foi baseado na BNCC, no entanto incorpora itens específicos, significativos e próprios do/para o povo cearense (Ceará, 2019).

Alguns itens foram incorporados no DCRC graças à inovação perante a BNCC de criar Objetos de Conhecimento Específicos que, como apontam Martins, Ferreira Júnior e Moura (2022) “visam assegurar ampla variedade de manifestações corporais, ao mesmo tempo em que resguardam as peculiaridades regionais”, o que ampliou os conteúdos de ensino e aprendizagem na área para o Ensino Fundamental. Os autores explicam que a BNCC traz pressupostos universais que todo estudante brasileiro deve acessar, enquanto o DCRC apresenta pressupostos regionais e locais situados nas demandas cotidianas do estudante cearense, contudo é importante pontuar que “não há o que se possa chamar de uma parte curricular nacional ou global pura, um contexto local puro, sem inter-relações entre os sentidos dessas supostas *partes*” (Lopes, 2018, p. 25). Ao final deste subcapítulo apresentamos uma tabela com semelhanças e diferenças entre BNCC e DCRC. As diferenças foram destacadas com fundo amarelo ou azul e as semelhanças estão com fundo branco.

O reconhecimento da diversidade dos sujeitos escolares e o ensino baseado no respeito à diversidade é recomendado e almejado, inclusive nos documentos norteadores.



Para que isso ocorra, o professor de Educação Física deve perceber o estudante como elemento central do processo de ensino-aprendizagem. Além disso, deve reconhecer a complexidade do processo e buscar ser um colaborador que crie possibilidades para a construção de determinado conhecimento a partir do domínio de conhecimentos pedagógicos e específicos, da compreensão da realidade em que está inserido, do quanto conhece a realidade e diversidade dos estudantes que acompanha e dos contextos educacionais existentes (Libâneo; Silva, 2020).

Todavia refletimos sobre que condições a escola e o poder público encontram e oferecem para que isso seja alcançado. Efetivamente, na realidade da Educação Física nas escolas públicas de Ensino Fundamental - com mais de 30 alunos em cada turma, apenas um encontro semanal com 2 horas/aula e 14 turmas diferentes - como reconhecer cada uma das diversidades presentes nesse contexto? Como diagnosticar e separar potenciais desigualdades e diferenças que ocorrem nessa realidade para intervir com tantos estudantes e tempo reduzido?

Os “temas contemporâneos”, por exemplo, podem ser oportunidades interessantes para o ensino a partir da diversidade, não obstante há uma falta de sistematização e encaminhamento sobre como se deve trabalhar esses temas, fragilizando a ação e colocando toda a responsabilidade sobre os docentes, que muitas vezes já está sobrecarregado pelas tantas obrigações do magistério. Além disso, no atual contexto político, pode haver um receio por parte dos docentes de serem acusados de “doutrinação”, o que os leva a deixar de discutir temas importantes, norteados por diretrizes e alinhados a sua formação para evitar desgastes e perseguições (Martins; Ferreira Júnior; Moura, 2022).

Contudo, devemos ter altivez para defender a escola socialmente justa - e por isso democrática e republicana - que ofereça acesso a diversidade do patrimônio e dos saberes fundamentais da cultura corporal de movimento para todo estudante brasileiro, visando diminuir as desigualdades a partir de um ensino diverso, integral e solidário, impedindo avanços reacionários, “negacionismos” e “terraplanismos” no ambiente escolar e acadêmico.

Com a expansão do número de professores de Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da rede pública de ensino de Fortaleza/CE, os docentes recém-chegados nessas instituições de ensino devem se integrar e unir com outros agentes escolares no caminhar por uma escola socialmente justa para os estudantes fortalezenses. Pretensiosamente, acredito nesse caminho, e que a Educação Física tem papel importante



na construção dessa escola, não isolada como uma ilha, mas integrada com os demais agentes escolares comprometidos com a busca por uma educação pública de qualidade. Pretensiosamente, vislumbro um belo caminho na afirmação da Educação Física enquanto componente curricular fundamental para essa etapa de ensino a partir do fenômeno ocorrido em Fortaleza/CE.

| Semelhanças e diferenças entre a BNCC e o DCRC | | | | |
|--|--|--|---|--|
| Documento | BNCC | | DCRC | |
| Ciclo | 1º e 2º Ano | 3º ao 5º Ano | 1º e 2º Ano | 3º ao 5º Ano |
| Unidades Temáticas | Brincadeiras; esportes; ginásticas; e danças. | Brincadeiras; esportes; ginásticas; danças; e lutas | Brincadeiras; esportes; ginásticas; danças; e lutas | Brincadeiras; esportes; ginásticas; danças; e lutas |
| Objetos de Conhecimento | Brincadeiras e jogos da cultura popular presentes no contexto comunitário e regional; esportes de marca e de precisão; ginástica geral; danças do contexto comunitário e regional. | Brincadeiras e jogos populares do Brasil e do mundo, e de matriz indígena e africana; esportes de campo e taco, de rede/parede e de invasão; ginástica geral; danças do Brasil e do Mundo e de matriz indígena e africana; lutas do contexto comunitário e regional e de matriz indígena e africana. | Brincadeiras e jogos da cultura popular presentes no contexto comunitário e regional; esportes de marca e de precisão; ginástica geral; danças do contexto comunitário e regional; disputas corporais. | Brincadeiras e jogos populares do Brasil e do mundo, e de matriz indígena e africana; esportes de campo e taco, de rede/parede e de invasão; ginástica geral; danças do Brasil e do Mundo e de matriz indígena e africana; lutas do contexto comunitário e regional e de matriz indígena e africana. |
| | | | Criados com o objetivo de contemplar todas as competências específicas da | |



| | | |
|--|---|--|
| <p>Objetos Específicos</p> | <p>Não possui.</p> | <p>Educação Física em cada ciclo, relacionando-as com Unidade Temática, Objeto de Conhecimento e Habilidades. Criados com o objetivo de contemplar. Visam assegurar ampla variedade de manifestações corporais, ao mesmo tempo em que resguardam peculiaridades regionais. Buscou apresentar mais claramente a possibilidade de atendimento à parte diversificada, à diversidade (inclusive sexual) e à etnia para combater preconceitos e superar esse tipo de comportamento.</p> |
| <p>Articulação entre o Universal e o Local</p> | <p>Pressupostos universais que todo/a estudante brasileiro/a deve acessar.</p> | <p>Pressupostos regionais e de relevância local, permitindo o/a estudante cearense aprender por meio da Educação Física uma compreensão das práticas corporais mais situadas em suas demandas cotidianas.</p> |
| <p>Quadro 1: Semelhanças e diferenças entre a BNCC e o DCRC. Fonte: Brasil (2017); Ceará (2019); Martins; Ferreira Júnior; Moura (2022).</p> | | |



3 PERCURSO INVESTIGATIVO

Este estudo se trata de uma pesquisa estruturada a partir de uma abordagem qualitativa, pois busca entender, aprofundar, compreender e refletir sobre a percepção dos vários sujeitos pertencentes à comunidade de uma escola pública de Ensino Fundamental (Anos Iniciais) da periferia do município de Fortaleza/CE em relação às aulas de Educação Física desse público a partir do aumento substancial de professores do componente curricular neste universo ocorrido em 2023.

Neste caso, a pesquisa do tipo qualitativa é necessária pois será investigada uma população específica, dessa forma deve identificar variáveis que não são facilmente medidas, compreender complexamente e detalhadamente um problema e escutar vozes que são silenciadas (Del-Masso, 2021). Neste estudo buscaremos escutar e analisar atentamente os significados sobre a Educação Física Escolar elaborados por estudantes, professores e gestão escolar - como outras pesquisas brilhantemente já o fizeram (Conceição; Molina Neto, 2017; González *et al*, 2013), mas também nos preocupamos em potencializar a voz de outros membros da comunidade escolar, fundamentais para que a escola funcione e cumpra sua função social, como assistentes e auxiliares, além de buscar ouvir e refletir sobre a percepção das famílias dos estudantes em relação à Educação Física a partir de 2023.

A escolha por esse tipo de pesquisa, que costuma ser muito utilizada na área escolar, deu-se por algumas de suas características típicas (qualitativas) que se encaixam com os objetivos do estudo em questão: envolve dados descritivos obtidos a partir da interação direta do pesquisador com a situação estudada, mais preocupada com o processo que com o produto, e preocupada em retratar os pontos de vista dos participantes. Nesse tipo de pesquisa conseguimos capturar e descrever minuciosamente as subjetividades próprias do fenômeno estudado buscando significados. Silverman (2009, p. 72) explica que a pesquisa qualitativa busca ver através dos olhos de determinados sujeitos, descrever detalhes triviais para compreender o contexto e estar atenta a todas as etapas do processo, e não somente ao produto final e aos resultados.

A pesquisa qualitativa (ou naturalística) tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados, no caso desta pesquisa, a escola. Nesse tipo de pesquisa os dados coletados são predominantemente descritivos, o pesquisador deve ficar atento a todos os dados presentes em determinada realidade e descrevê-los minuciosamente para que o contexto do ambiente pesquisado seja compreendido. Na pesquisa qualitativa o pesquisador se preocupa mais com o processo do que com o produto, é a partir das observações do



cotidiano e do que ocorre na caminhada até os objetivos serem atingidos que o pesquisador pode elaborar suas teses. Além disso, é na pesquisa qualitativa que o pesquisador se preocupa em estudar, compreender e refletir sobre o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida, é esse tipo de estudo que procura coletar dados relativos às perspectivas dos sujeitos participantes e os significados que atribuem a determinado fenômeno (Lüdke; André, 2020, p. 12).

Em relação aos objetivos, Gil (2002, p. 41) classifica as pesquisas em exploratórias, descritivas e explicativas. Este estudo qualitativo, a partir da classificação mencionada anteriormente, trata-se de uma pesquisa descritiva e exploratória. De acordo com o autor, as pesquisas descritivas têm o objetivo central de descrever as características de determinada população ou fenômeno. Neste estudo será descrito o fenômeno da inserção do professor de Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em uma escola pública de Fortaleza, além das diferentes percepções e pontos de vista sobre a entrada desse profissional nesta escola e tudo o que cerca esse fenômeno. Por ser um fenômeno novo, inédito, o estudo também se aproxima da pesquisa exploratória que, segundo o autor, tem o objetivo de proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o explícito e disponibilizando mais informações para investigações mais aprofundadas. Dessa maneira, gentilmente estimamos que esta pesquisa desperte a curiosidade de outros pesquisadores e sirva de base para eventuais corroborações ou contraposições que possam aprofundar o tema e as reflexões sobre as problemáticas que o cercam.

As pesquisas também podem ser classificadas segundo sua abordagem metodológica. Aqui buscamos estudar um grupo específico em seu local natural participando diretamente desse processo para captar diferentes percepções e significados entre os sujeitos envolvidos sobre o fenômeno pesquisado. Os escritos científicos sociais sobre determinadas pessoas, que descrevem um sistema de significados culturais para esse grupo, são chamados de etnografia (Silverman, 2009, p. 71; Lüdke; André, 2020, p. 15).

É na pesquisa etnográfica que se busca representar fielmente o mundo dos sujeitos, reconhecendo que os significados dos sujeitos são parte de um sistema de significados mais amplo e entendendo que os sujeitos envolvidos são os mais capazes de fazerem descrições sobre o fenômeno estudado (Silverman, 2009, p. 97). Segundo Lüdke e André (2020, p. 16) alguns critérios precisam ser observados para a utilização da abordagem etnográfica: o problema inicial da pesquisa é redescoberto no campo, podendo ser revisto e aprimorado; a maior parte do trabalho de campo deve ser realizado pessoalmente pelo pesquisador para que o contexto seja vivenciado e compreendido por quem realiza o estudo; o trabalho de



campo necessita de uma longa e intensa imersão na realidade para entendimento da cultura; o pesquisador deve ter tido uma experiência com outras culturas; combinação de diferentes métodos de coleta para um entendimento mais completo da realidade; grande quantidade de dados primários produzidos pelos informantes.

Assim, inspiramo-nos em fragmentos da pesquisa etnográfica para a abordagem metodológica deste estudo, entretanto, devido ao limite de tempo pré-estabelecido da pós-graduação, não poderemos cumprir todos os ritos que a pesquisa etnográfica clássica exige.

Como professor novato no serviço público de Fortaleza e nas turmas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental me vi inserido em uma cultura escolar completamente nova para mim, aí estava delimitado meu problema de pesquisa: entender e analisar a cultura escolar da qual faço parte e compreender suas perspectivas em relação ao meu trabalho e ao componente curricular no qual atuo, destacando dificuldades e oportunidades nessa trajetória.

Dessa forma, como procura compreender a perspectiva da comunidade escolar sobre a inserção do professor de Educação Física em todas as turmas dos Anos Iniciais de uma escola pública de Fortaleza, além de entender, descrever, refletir e analisar os diferentes significados e pontos de vista sobre esse fenômeno a partir de relatos e descrições dos sujeitos envolvidos nessa cultura escolar (que serão apresentados no produto educacional “Guia da Educação Física”), fica cristalino que este estudo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, descritiva, exploratória e com base etnográfica.

3.1 Universo da pesquisa

A pesquisa foi realizada entre agosto de 2023 e dezembro de 2024 em uma Escola Municipal de Fortaleza/CE voltada à Educação Infantil e aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental na qual atuo como professor efetivo de Educação Física (em estágio probatório) com carga horária de 40 horas semanais distribuídas em 13 turmas da manhã e tarde do 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

Além de mim, a escola conta com outros dois professores de Educação Física egressos do concurso realizado em 2022 (Edital nº 108/2022). A escola fica localizada no Conjunto Ceará, bairro periférico do extremo oeste da capital cearense (limite municipal com Caucaia).

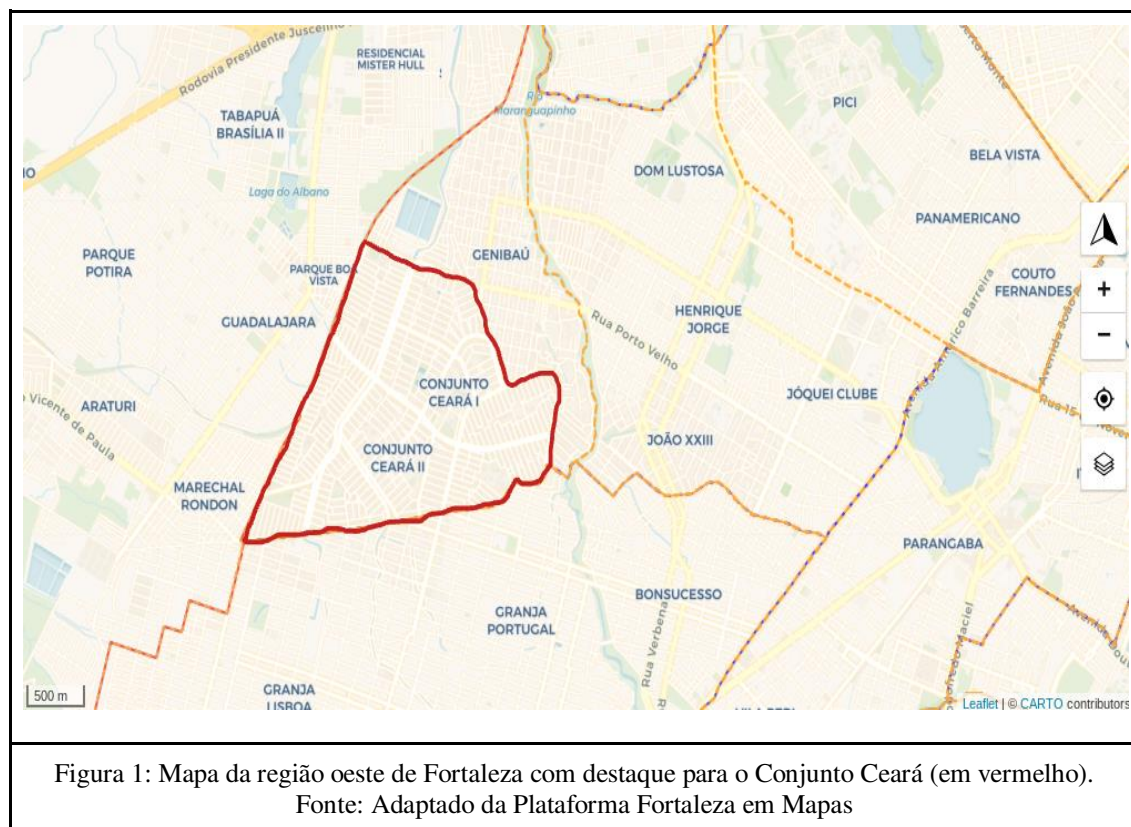
Para uma melhor compreensão do leitor, esclareço que a Prefeitura de Fortaleza divide o Conjunto Ceará em dois bairros (Conjunto Ceará I e Conjunto Ceará II) para



melhor organização administrativa, entretanto neste trabalho consideraremos o bairro sob a perspectiva dos moradores, que não reconhecem essa divisão.

De acordo com dados do Censo Demográfico de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da plataforma “Fortaleza em Mapas”, desenvolvida pelo Instituto de Planejamento de Fortaleza (IPLANFOR), o bairro conta com 12948 domicílios particulares permanentes e população residente de 47289 habitantes, com área de 3422 km² e densidade populacional de 13,819 habitantes/km².

Fica localizado no Território 38 (Conjunto Ceará I, Conjunto Ceará II e Genibaú) da Secretaria Executiva Regional (SER) 11. O Conjunto Ceará (contornado em vermelho no mapa abaixo) faz limite com bairros de Fortaleza como Genibaú (norte e leste), Granja Portugal e Granja Lisboa (sul), e também bairros da Grande Jurema, em Caucaia, como Parque Albano, Parque Boa Vista, Parque Guadalajara e Marechal Rondon (oeste).



De acordo com a plataforma Fortaleza em Mapas e com dados da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico (SDE) de Fortaleza (2010), o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do bairro é de 0,36, classificado como “Muito Baixo”.

Apesar do baixo índice, o Conjunto Ceará é o bairro com o melhor desempenho nesse indicador quando comparado aos bairros limítrofes. Seguem a seguir fotografias de alguns pontos característicos do bairro:



Figura 2: Monumento representando as quatro etapas do bairro, no Polo de Lazer.
Fonte: Blog Fortaleza em Fotos



Figura 3: Cruzamento da Avenida A com a Avenida Central (Serra de Maranguape ao fundo).
Fonte: Blog Fortaleza em Fotos



Figura 4: Uma das várias praças e quadras do Conjunto Ceará.
Fonte: Blog Fortaleza em Fotos



Figura 5: Canal da Avenida C, local de corrida e caminhada para os populares.
Fonte: Blog Fortaleza em Fotos

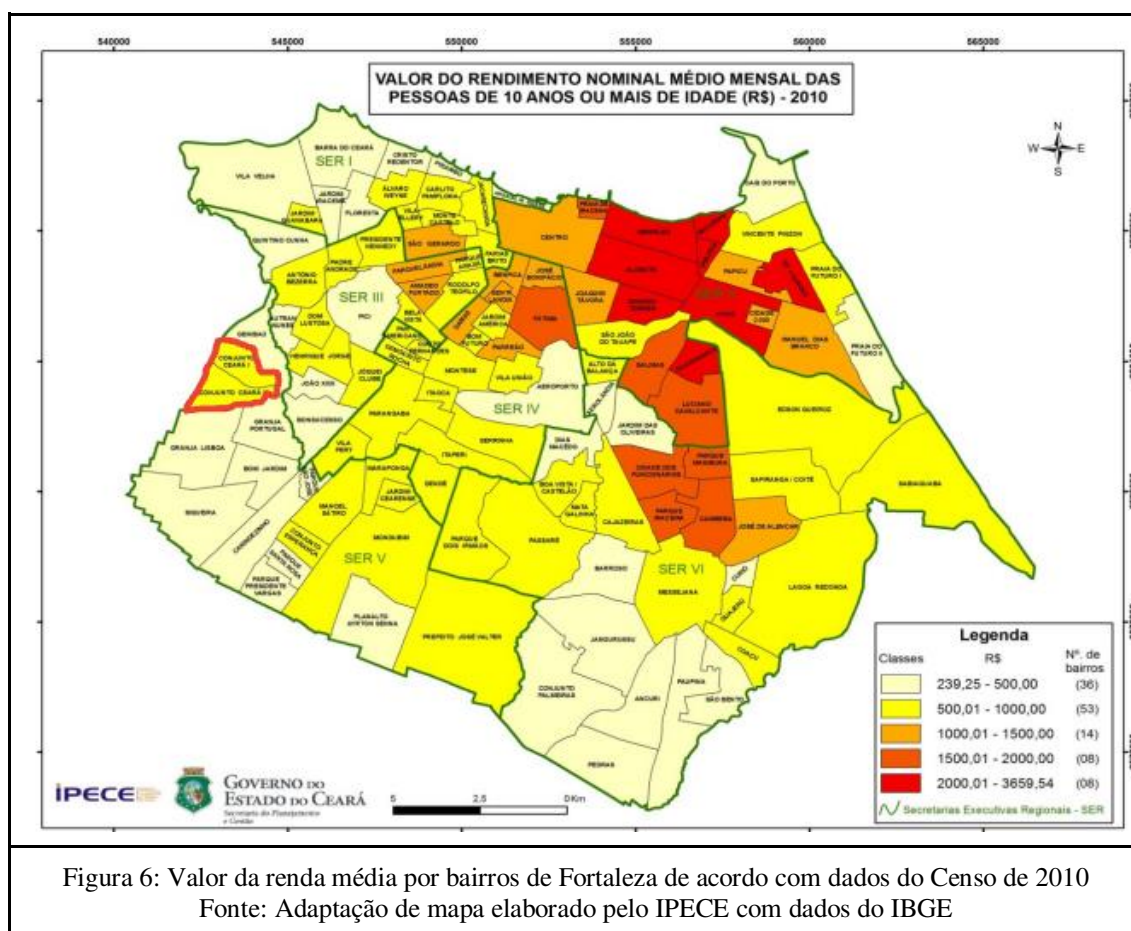
O Conjunto Ceará foi criado a partir da política de habitação da Ditadura Militar na capital cearense, baseada na produção de grandes conjuntos habitacionais, com as primeiras casas entregues em 1977. Apesar de bastante desenvolvido e equipado atualmente, (creches, escolas municipais e estaduais, escolas particulares, bancos, postos de saúde, lotéricas, postos de gasolina, supermercados, pólo de lazer, praças, quadras, terminal de ônibus, estação de trem etc), nasceu sem condições mínimas de moradia e longe de tudo, fazendo com que os primeiros moradores reivindicassem equipamentos, serviços essenciais para o bairro e até mesmo a emancipação do conjunto habitacional da Granja Portugal para se tornar bairro em 1989 (Barros, 2021).

Mesmo com a diversificação de equipamentos encontrada hoje, o bairro ainda possui um certo ar de interior quando comparado às regiões mais centrais de Fortaleza. Devido ao desenvolvimento de seus equipamentos possui alguma independência em relação ao centro da cidade, os moradores conseguem realizar a maioria de seus afazeres e atividades dentro do próprio bairro. É um bairro de gente simples, que ainda se encontra



nas praças ou coloca sua cadeira de balanço na calçada para reparar a vida alheia. Vale ressaltar que apesar desses ares interioranos, o bairro está localizado na periferia de Fortaleza e apresenta vários problemas urbanos e contradições comuns às grandes metrópoles e, principalmente, aos bairros periféricos, como a violência e a desigualdade, por exemplo.

O Conjunto Ceará é apenas o 53º colocado em um ranking do IDH entre 121 bairros da capital cearense. No último censo, realizado pelo IBGE, pertencia à Secretaria Executiva Regional V (SER V), a regional administrativa mais populosa da cidade e aquela com



menor renda média pessoal (R\$ 471,70).

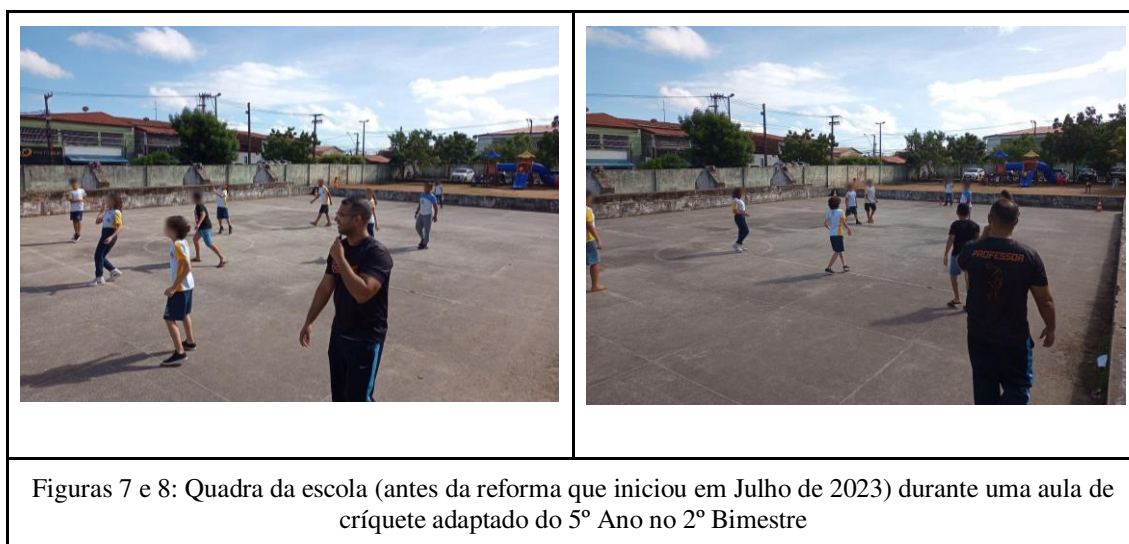
Entretanto, quando comparado aos bairros vizinhos, o Conjunto Ceará (contornado em vermelho no mapa da página anterior) é o que possui melhor indicador nesse sentido, estando na segunda menor faixa de renda, a amarela (R\$ 500,01 a R\$ 1000,00), enquanto os bairros adjacentes estavam todos na menor faixa de renda, a bege (R\$ 239,25 a R\$ 500,00), como podemos observar na figura acima e na tabela abaixo - elaboradas pelo

IPECE (Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará) com dados extraídos do Censo de 2010 (IBGE, 2012; Barros, 2021).

| SER | Número de Bairros | População | % | Renda Média | Rk |
|-----|-------------------|-----------|------|-------------|----|
| I | 15 | 363912 | 14.8 | 587.7 | 5 |
| II | 21 | 363406 | 14.8 | 1850.1 | 1 |
| III | 16 | 360551 | 14.7 | 658.0 | 4 |
| IV | 20 | 281645 | 11.5 | 845.2 | 2 |
| V | 18 | 541511 | 22.1 | 471.7 | 6 |
| VI | 29 | 541160 | 22.1 | 715.4 | 3 |

Quadro 2: Distribuição da renda e da população por regionais administrativas de Fortaleza
Fonte: Elaborado pelo IPECE com dados do IBGE

A escola⁷ escolhida como universo para esta pesquisa possui um Projeto Político Pedagógico (PPP) baseado nos seguintes princípios: cordialidade; respeito às diferenças; cooperação; transparência; autonomia pessoal e coletiva; gestão democrática; e responsabilidade social. A missão da escola é oferecer ensino sistematizado através de uma educação inovadora que promova a excelência do aluno. A visão da instituição é ser uma unidade de educação de referência e contribuir na formação de cidadãos participativos,



Figuras 7 e 8: Quadra da escola (antes da reforma que iniciou em Julho de 2023) durante uma aula de críquete adaptado do 5º Ano no 2º Bimestre

conscientes, críticos, solidários e honestos.

A escolha por essa escola ocorreu devido a alguns critérios necessários para a realização de uma pesquisa com abordagem etnográfica. Na pesquisa etnográfica, segundo

⁷ A partir desta página apresentamos algumas fotos da escola, mas - por respeito às questões éticas - os rostos dos estudantes e o nome da escola foram borrados com a função "Edição Mágica" do *Canva*.



Lüdke e André (2020, p. 16) a maior parte do trabalho de campo deve ser realizada pessoalmente pelo pesquisador para que este vivencie e compreenda o contexto no qual realiza o estudo. Os autores enfatizam a importância de uma longa e intensa imersão na realidade estudada para o entendimento da cultura no trabalho de campo da pesquisa etnográfica. Logo, a escola que atuo como professor efetivo de Educação Física se apresentou como ideal, pois lá tenho acesso garantido, além de passar longa parte do meu dia (atuo 40 horas semanais nessa escola), possuir certa estabilidade no cargo por ser professor efetivo (apesar de estar no estágio probatório), e já estar vivenciando e compreendendo o contexto e cultura escolares presentes na instituição de ensino.



Figuras 9 e 10: Turma do 5º Ano produzindo “Almanaques Temáticos de Jogos e Brincadeiras” em grupos dentro da sala de aula. A atividade funcionou como avaliação (AV3) no 1º Bimestre.



Figura 11: 4º Ano brincando de “Corre Cutia” em uma aula sobre jogos e brincadeiras do contexto comunitário e regional na entrada da escola

Figura 12: Quadra e campinho de areia da escola entraram em reforma nas férias de Julho de 2023 - previsão de 6 meses para conclusão

Além disso, a escola pesquisada atende a Educação Infantil e os Anos Iniciais do Ensino Fundamental de uma comunidade da periferia de uma das maiores metrópoles do país (e a maior do Nordeste). Até 2022 eu lecionava para os Anos Finais do Ensino Fundamental de uma comunidade do centro de uma cidade do interior (Quixeramobim, no

Sertão Cearense), um público e uma cultura completamente diferentes dos que tenho convivido atualmente. Assim, a escolha por essa escola atende mais um dos critérios necessários para a realização de uma pesquisa etnográfica listados por Lüdke e André (2020, p. 16): o pesquisador deve ter tido uma experiência com outras culturas.



Figura 13: Fachada da escola e portão de entrada e saída



Figura 14: Aula de esgrima do 5º Ano no espaço do playground



Figura 15: “Cine Educação Física” no 5º Ano - discutindo esporte e gênero a partir do filme “Os Batutinhas”



Figura 16: “Cine Educação Física” no 4º Ano - conhecendo, discutindo e vivenciando brincadeiras antigas com a “Turma da Mônica”

Também é importante comentar que algumas características da pesquisa de natureza qualitativa - que necessita de dados descritivos a partir de uma interação direta do pesquisador com a situação estudada, na qual detalhes triviais do cotidiano e subjetividades próprias do fenômeno estudado são fundamentais de serem observados e analisados para descrição minuciosa e procura de significados (Lüdke; André, 2020, p. 12) - foram fundamentais para a escolha desta escola. Por já estar inserido na escola como professor efetivo, tenho certo conhecimento e familiaridade com a cultura estudada, o que pode facilitar o processo de entendimento dos significados ali presentes.



Figuras 17 e 18: Pátio da escola no recreio do segundo ciclo do turno da tarde

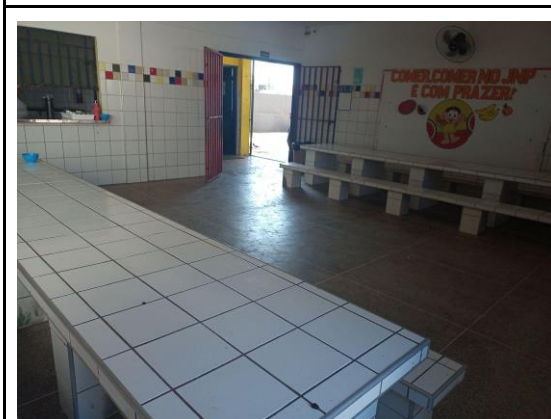


Figura 19: Refeitório

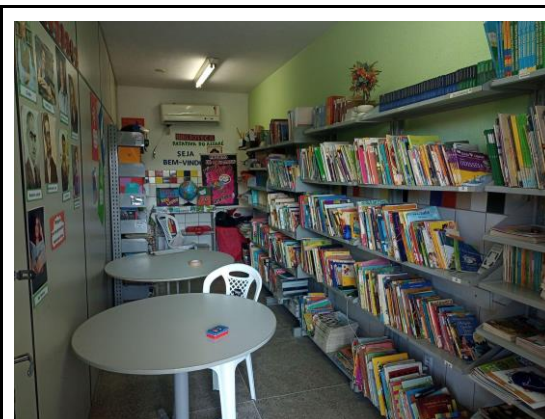


Figura 20: Biblioteca Patativa do Assaré

3.2 Participantes

Os participantes da pesquisa fazem parte da comunidade de uma escola da rede pública de educação de Fortaleza/CE, localizada na periferia da cidade. Esses sujeitos são ativos no cotidiano escolar em diversos papéis (estudantes, pais, professores, gestores, auxiliares, assistentes, monitores etc).

Vale destacar que, durante as observações e vivências deste pesquisador na escola no ano de 2023, preliminares ao estudo efetivo de campo, foi possível perceber que grande parte dos sujeitos que fazem parte da escola (estudantes, professores, gestores e funcionários) residem ou no próprio bairro em que fica a escola ou em bairros adjacentes.

Relembro que os sujeitos da escola estudada nesta pesquisa, assim como na maioria das escolas municipais desta etapa de ensino, não tinham uma vivência com professores de Educação Física lecionando o componente curricular em sua realidade, ficando a disciplina sob a responsabilidade do professor polivalente (pedagogo/regente) da turma.

Como mencionado anteriormente, ressalto que buscamos escutar vozes que normalmente são silenciadas na escola, compreender e analisar o que pensam esses sujeitos



- fundamentais para o bom funcionamento do cotidiano escolar - que por muitas vezes são invisibilizados dentro do espaço escolar. Salientamos que esses funcionários conhecem os pormenores do cotidiano escolar e podem enxergar aspectos que são ignorados ou irrelevantes para outros sujeitos frequentemente entrevistados nesse tipo de pesquisa - como gestão e professores, por exemplo.

É necessário entender os significados atribuídos, pela pluralidade de atores presentes no contexto escolar, sobre a Educação Física e a inserção do professor dessa área nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de uma Escola Municipal. Alguns outros estudos investigaram notavelmente as percepções de membros da comunidade escolar acerca da Educação Física (Conceição; Molina Neto, 2017; González *et al*, 2013), entretanto se limitaram a estudar percepções de estudantes, professores e gestores.

Neste estudo abrimos o leque, olhos e ouvidos, com o objetivo de mapear e descrever minuciosamente outros pontos de vista invisibilizados ou ignorados, além de ampliar as percepções acerca dos significados atribuídos à Educação Física pela pluralidade de agentes escolares, heterogeneidade de sujeitos presente no ambiente escolar e diversidade de pontos de vista, pensamento e significados desses indivíduos.

Por isso buscamos incluir e entrevistar pessoas com diferentes vínculos e atuações no espaço escolar: duas professoras pedagogas (sendo uma delas, também, mãe de um estudante), uma assistente de inclusão, uma coordenadora, uma diretora, uma professora do Atendimento Educacional Especializado, uma estudante do 5º ano, uma manipuladora de alimentos, duas mães de estudantes (sendo uma delas professora pedagoga na escola) e uma secretária. Todas as participantes das entrevistas fazem parte da comunidade escolar que serve de universo para esta pesquisa, com diferentes funções na escola. Todas são mulheres, cisgênero, com idades entre 11 e 67 anos e grau de instrução que vai do Ensino Fundamental incompleto até a especialização completa.

Também são participantes desta pesquisa outros professores efetivos de Educação Física aprovados e empossados pelo último concurso público realizado para a área em Fortaleza/CE e que estão desempenhando sua função em diferentes escolas de Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Em relação à faixa etária: 57,6% da amostra têm entre 26 e 33 anos; 18,2%, entre 40 e 50 anos; 15,2%, entre 33 e 40 anos; e 3%, mais de 50 anos. Em relação ao nível de formação acadêmica: 57,6% têm especialização completa; 24,2%, mestrado incompleto; 9,1%, mestrado completo; 6,1%, doutorado completo; e 3%, especialização incompleta.



Em relação ao tempo de docência e etapas de ensino que já havia ensinado: 54,5% têm 3 anos ou menos de carreira; 24,2%, entre 7 e 25 anos; e 21,2%, entre 4 e 7 anos de magistério. 75,8% dos respondentes nunca haviam trabalhado com turmas de Anos Iniciais antes desta experiência atual, enquanto 24,2% já haviam trabalhado com turmas dessa etapa de ensino.

Os critérios de inclusão para selecionar sujeitos-participantes para esta pesquisa são:

1. Ser sujeito da comunidade escolar universo desta pesquisa enquanto funcionário, estudante ou responsável por estudante com vínculo anterior a 2023;
2. Ser professor de Educação Física dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da rede municipal de ensino de Fortaleza/CE em estágio probatório.

É critério de exclusão para selecionar sujeitos-participantes da comunidade escolar para a pesquisa:

1. Estar de licença ou afastamento no ano de 2023 e/ou 2024.

3.3 Materiais e Métodos

Para atingir o objetivo deste estudo pretendemos desenvolver a investigação com base em três etapas, citadas por Lüdke e André (2020, p. 18) e explicadas nos próximos tópicos deste capítulo: exploração, decisão e descoberta. Nessas três fases utilizaremos os seguintes instrumentos: questionário com outros professores de Educação Física novatos na rede municipal de Fortaleza em 2023, entrevistas semiestruturadas com membros da comunidade escolar da Escola Municipal pesquisada e a análise de conteúdo dos resultados obtidos.

3.4 Procedimentos para a coleta de dados

No estágio inicial da coleta de dados desta pesquisa, a fase de exploração, buscou-se adquirir maior conhecimento sobre o fenômeno estudado e possibilitar a seleção de aspectos peculiares que podem ser mais sistematicamente investigados pelo pesquisador (Lüdke; André, 2020, p. 18).

Nessa etapa foi aplicado um questionário eletrônico via *Google Forms* com outros professores de Educação Física que possuem como característica comum, comigo e entre si, o fato de sermos novatos na rede municipal de ensino de Fortaleza, oriundos do mesmo concurso público realizado para ingresso no serviço público municipal. Nessa etapa se tem o desejo de observar a relevância e o momento circunstancial de pesquisar este objeto de



estudo, pois teremos vários docentes em situação similar. O questionário conta com quinze questões - sendo dez questões fechadas e cinco abertas.

Pretendeu-se, com o questionário aplicado com os professores, compreender um panorama geral da entrada desses professores nas escolas de Fortaleza. A partir da compreensão desse panorama, algumas dúvidas surgiram e se tornaram questões norteadoras para a elaboração de um roteiro de entrevistas semiestruturadas realizadas com sujeitos da comunidade escolar, tendo como tema central a entradas dos docentes de Educação Física nas turmas de Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Além disso, os dados coletados nessa etapa da pesquisa também foram analisados e, posteriormente, selecionados para dialogarem com os relatos da comunidade escolar e com a literatura disponível sobre o tema da pesquisa.

Há viabilidade e pertinência no emprego do questionário em pesquisas acadêmicas “quando se trata de problemas cujos objetos de pesquisa correspondem a questões de cunho empírico, envolvendo opinião, percepção, posicionamento e preferências dos pesquisados” (Chaer; Diniz; Ribeiro, 2011). Foi escolhido o formato eletrônico pela sua celeridade e conveniência para os participantes.

Pretendemos encontrar pontos de convergência e pontos de divergência, de aproximação e de distanciamento, entre as realidades vividas por esses profissionais em suas escolas de atuação e a realidade vivenciada por mim na escola que serviu de universo para esta pesquisa a partir das opiniões, percepções e posicionamentos dos sujeitos entrevistados. Os dados coletados na fase inicial auxiliaram na estruturação das entrevistas que foram realizadas com os membros da comunidade escolar da qual faço parte na fase seguinte.

A população total de professores de Educação Física aprovados no concurso público regido pelo Edital nº 108/2022 era, inicialmente, 307 professores aprovados. Contudo, desde o efetivo exercício até o presente momento, alguns desses desistiram, pediram exoneração, foram exonerados, além dos que foram lotados na Educação Infantil e Anos Finais do Ensino Fundamental. Por isso, foi usada como base de cálculo para definição da amostra a população de professores de Educação Física de Fortaleza lotados em turmas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental que faz parte de um grupo de *WhatsApp* denominado “E.F Fundamental I”, e conta com 117 participantes, além deste pesquisador.

Para selecionar o tamanho da amostra participante do questionário utilizou-se a seguinte equação: $n = [z^2 * p(1-p)] / e^2 / 1 + [z^2 * p(1-p)] / e^2 * N$. Sendo:



- N = tamanho da população (117);
- z = escore z (1,65);
- e = margem de erro (0,05);
- p = desvio padrão (0,5);
- n = tamanho da amostra (82).

No entanto, apesar da insistência no envio do questionário eletrônico e em estratégias de convencimento para atingir a totalidade dos participantes, houve certa resistência por parte do grupo de docentes. Dessa forma, apenas 33 professores responderam o questionário, limitando o tamanho da amostra. Contudo se deve lembrar que esta é uma pesquisa qualitativa, com foco na qualidade das informações coletadas e não na quantidade de dados.

O segundo estágio da pesquisa, a fase de decisão, “consiste numa busca mais sistemática daqueles dados que o pesquisador selecionou como os mais importantes para compreender e interpretar o fenômeno estudado (Lüdke; André, 2020, p. 18). É aqui que o pesquisador busca refletir e compreender os significados atribuídos a determinado fenômeno pelos sujeitos participantes.

A partir da análise dos dados do questionário, foi criado um roteiro de entrevistas semiestruturadas que foram realizadas com membros da comunidade escolar que serve de cenário para este estudo com o intuito de aprofundar pontos levantados no questionário pelos professores.

Nessa etapa foram realizadas entrevistas semiestruturadas com a pluralidade de membros da comunidade escolar do contexto pesquisado com o objetivo de captar, registrar, identificar e apresentar diferentes pontos de vista e percepções, como também semelhanças e aproximações, nos discursos de diferentes sujeitos atuantes na escola acerca da disciplina Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e da introdução do professor desse componente curricular nessa etapa de ensino. As entrevistas foram gravadas e transcritas para futura análise dos dados coletados no estágio seguinte.

Foram selecionados, na escola universo deste estudo, sujeitos dos seguintes grupos para fazerem parte da amostra pesquisada no segundo instrumento (entrevista), somando um total de 10 desses indivíduos, sendo: duas professoras pedagogas (sendo uma delas, também, mãe de um estudante), uma assistente de inclusão, uma coordenadora, uma diretora, uma professora do Atendimento Educacional Especializado, uma estudante do 5º ano, uma manipuladora de alimentos, duas mães de estudantes (sendo uma delas professora pedagoga na escola) e uma secretária. Devido ao tempo limite para a conclusão deste



trabalho, optou-se por selecionar uma pequena amostra de cada grupo da comunidade escolar.

Esse foi um momento desafiador, pois oportunizou-se a aprendizagem com quem não é nativo da nossa profissão. Por isso, foi necessário filtrar com muito rigor o que realmente será de cunho investigativo para o presente estudo. No entanto, foi ao mesmo tempo saboroso oportunizar outros olhares que nem sempre são convidados a se posicionar em estudos de pós-graduação, tais como os profissionais da cozinha, os voluntários, entre outros.

De acordo com Lüdke e André (2020, p. 38) a entrevista é um dos instrumentos básicos para a coleta de dados em uma pesquisa qualitativa. Os autores pontuam que a entrevista é capaz de captar informações de maneira imediata e fluida sobre diferentes tópicos e com qualquer informante. Além disso, “pode permitir o aprofundamento de pontos levantados por outras técnicas de coleta de alcance mais superficial, como o questionário” (Lüdke; André, 2020, p. 39).

Lüdke e André (2020, p. 40) citam que existem três diferentes tipos de entrevista: padronizada ou estruturada; não estruturadas; e semiestruturada. Para esta fase da pesquisa, na qual serão entrevistados diferentes perfis de sujeitos presentes na escola, utilizar-se-ão as pesquisas semiestruturadas, pois são mais flexíveis, que se desenrolam “a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações” (Lüdke; André, 2020, p. 40).

3.5 Procedimentos para a análise de dados

O terceiro estágio da pesquisa etnográfica, a fase de descoberta, “consiste na explicação da realidade, isto é, na tentativa de encontrar os princípios subjacentes ao fenômeno estudado e de situar as várias descobertas em um contexto mais amplo” (Lüdke; André, 2020, p. 19). Segundo os autores, nessa etapa, as teorias são desenvolvidas a partir da análise dos dados coletados. A interação entre os dados e possíveis explicações teóricas “permite a estruturação de um quadro teórico dentro do qual o fenômeno pode ser interpretado e compreendido” (Lüdke; André, 2020, p. 19).

Como método para desenvolver esta etapa foi utilizada a análise de conteúdo dos dados coletados. Sousa e Santos (2020) explicam que a análise de conteúdo “objetiva analisar diferentes aportes de conteúdo, sejam eles verbais ou não-verbais, por meio de uma sistematização de métodos empregados numa análise de dados”. A análise de conteúdo é organizada em três fases: a pré análise (com o objetivo de organizar o material,



operacionalizando e sistematizando ideias iniciais); a exploração do material (com o objetivo de codificar os resultados); o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação - com o objetivo de significar, analisar e destacar os principais resultados encontrados (Bardin, 1977, p. 95).

As entrevistas com sujeitos da comunidade escolar foram gravadas e transcritas. A partir da análise do seu conteúdo, foram identificadas categorias de análise que emergiram das percepções e relatos dos voluntários sobre a entrada do professor de Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Os dados coletados e categorizados foram objeto de reflexão e diálogo com outros estudos e obras, registrados na seção seguinte deste trabalho (resultados e discussão).

Na última pergunta da entrevista, o pesquisador pede um conselho ou recomendação que o entrevistado, a partir do seu ponto de vista, possa oferecer a um professor de Educação Física que está atravessando a entrada na carreira ou em uma nova etapa de ensino. Analisaram-se os conselhos e recomendações coletados e, na sequência, após o tratamento desses dados, foi produzido o Guia da Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental ancorado nesses relatos, percepções e conselhos.

3.6 Aspectos Éticos

Nesta pesquisa o pedido de autorização aos participantes ocorreu por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Também foi solicitada autorização à gestão escolar do Universo da Pesquisa para permissão da pesquisa de campo a ser realizada nesta dissertação.

A pesquisa seguiu as recomendações da Resolução nº 466/12 e da Resolução nº 510/16, do Conselho Nacional de Saúde - CNS. Segundo essas resoluções, toda pesquisa com seres humanos envolve riscos multidimensionais, em tipos e gradações variadas, mesmo que mínimas. Por isso, os benefícios da pesquisa devem trazer proveito auferido pelo participante e/ou sua comunidade em decorrência de sua participação na pesquisa, assegurando retorno social, acesso aos procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa.

Para atenuar esses riscos foram utilizadas algumas medidas minimizadoras, referenciadas na tabela de riscos e medidas minimizadoras de riscos produzida pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alfenas/MG, como: garantir o sigilo em relação aos dados coletados, utilizando-os apenas para fins científicos; garantir um ambiente que proporcione privacidade durante a coleta de dados; abordagem humanizada, escutando atentamente e acolhendo o participante, obtendo apenas



informações necessárias à pesquisa; garantir a não identificação nominal em formulários e/ou banco de dados para assegurar o anonimato; esclarecer e informar acerca do respeito ao anonimato e interrupção do processo a qualquer momento que o participante desejar, sem qualquer dano à pesquisa ou a si próprio; assegurar confidencialidade e privacidade, proteção da imagem, não estigmatização, garantindo a não utilização das informações coletadas em prejuízo dos participantes; garantir a explicação necessária para que as questões sejam respondidas com clareza; garantir liberdade para não responder questões constrangedoras; garantir uma abordagem cautelosa ao participante, considerando e respeitando valores, culturas e crenças; zelar pelo sigilo dos dados fornecidos e guarda adequada das informações coletadas, apagando qualquer registro em ambiente compartilhado ou “nuvem” após a coleta dos dados; garantir a não interferência dos pesquisadores nos procedimentos habituais do local de estudo ou na vida do participante (Brasil, 2021).

Por fim, a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa, do Instituto Federal de Ciência, Educação e Tecnologia (IFCE) e cadastrada na Plataforma Brasil, cujo parecer de aprovação é de nº 7.084.848 datado de 18/09/2024.



4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo serão discutidos os resultados obtidos no estudo a partir da análise e categorização dos dados coletados na primeira (questionário com os professores de Educação Física novatos na rede) e segunda fase (entrevistas realizadas com diferentes sujeitos da comunidade escolar universo desta pesquisa) desta pesquisa.

É necessário destacar que, desde o início deste estudo, considerou-se pertinente ouvir diferentes vozes presentes na escola, inclusive aquelas que normalmente são silenciadas. Essas pessoas, em conjunto, fazem o cotidiano escolar acontecer. Afinal, como diz o conhecido provérbio africano, “é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”.

Trechos das entrevistas vão ser utilizados para ilustrar as categorias de análise. Entretanto, para preservar o anonimato dos voluntários, alteramos seus nomes. As identidades adotadas neste estudo para nomear os participantes são de personagens do livro “O guia do mochileiro das galáxias”, obra que, de certa forma, inspirou o produto educacional fruto desta pesquisa.

4.1 Oportunidades e impactos positivos com a inserção do professor de Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Inegavelmente, a chegada dos professores de Educação Física nas turmas de Anos Iniciais do município de Fortaleza pode ser considerada uma janela de oportunidades para a área, para os docentes da área, para os estudantes e para a escola como um todo.

Nesta categoria foram discutidos, com sujeitos da comunidade escolar, possíveis impactos positivos na educação pública fortalezense decorrentes da chegada desses profissionais nas escolas dessa etapa de ensino.

Será que o trabalho docente do professor de Educação Física é enxergado, percebido e entendido pelos diferentes sujeitos que fazem parte da comunidade escolar dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental? Ou será que problemáticas como a invisibilidade estão presentes nessa etapa de ensino?

A invisibilidade docente e/ou invisibilidade do conhecimento disciplinar da Educação Física são fatores que, assim como observado por Santos et al (2023) e González et al (2013), podem impossibilitar uma Educação Física inovadora ou causar o abandono do trabalho docente nos Anos Iniciais?

Nesta categoria serão analisadas possíveis oportunidades e impactos positivos vislumbrados pela comunidade escolar com a chegada dos docentes de Educação Física nas turmas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Oportunidades relacionadas ao



desenvolvimento integral dos discentes, ao aumento do interesse, engajamento e protagonismo estudantil, além da valorização, ressignificação e construção da identidade do componente curricular na escola serão abordadas nas próximas páginas.

4.1.1 Educação de corpo inteiro: contribuições para o desenvolvimento integral do estudante

Ao analisar as entrevistas realizadas notou-se que a chegada dos professores de Educação Física nas turmas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental foi um fenômeno reconhecido, por diferentes sujeitos da comunidade escolar, como um fator que enriquece o desenvolvimento integral dos estudantes (cognitivo, motor e social).

É importante destacar essa percepção já que a Educação Física foi, por muito tempo, reconhecida como atividade exclusivamente motora (Castellani Filho, 1997; Oliveira, 1994). Entretanto, sabemos que os documentos norteadores do trabalho pedagógico (BNCC, 2018; DCRC, 2019; Documento Curricular Referencial de Fortaleza - DCRFor, 2024) já anunciam uma Educação Física holística, integral, baseada em competências, habilidades e objetivos cognitivos, motores e sociais. Esse anúncio, nos documentos referenciais, acompanha o pensamento introduzido por obras e pesquisadores mais antigos, como Freire (1989), que já destacava a importância de buscar uma educação de corpo inteiro, que leve em consideração o ser humano por completo e, por consequência, vise a um desenvolvimento integral desse indivíduo.

Além disso, não se pode separar esses aspectos do desenvolvimento um do outro, Gallahue e Ozmun (2013, p. 73), por exemplo, destacam que o desenvolvimento motor contribui para o avanço de habilidades cognitivas e sociais essenciais na infância. Logo, é animador perceber que a comunidade escolar enxerga a Educação Física para além do se movimentar, indo ao encontro do que é proposto e vislumbrado pelos documentos referenciais.

Alguns relatos obtidos nas entrevistas feitas com a comunidade escolar ilustram essa percepção de que a chegada do professor de Educação Física contribuiu para o desenvolvimento integral dos estudantes. A professora Trillian, por exemplo, ao ser questionada sobre como vê a chegada dos professores de Educação Física nas turmas de Anos Iniciais, respondeu que esses profissionais chegaram para “ajudar a trabalhar o cognitivo e o corpo para um avanço integral do desenvolvimento”.

Trillian, que leciona Língua Portuguesa nessas turmas, percebe ganhos no seu componente curricular a partir da inserção da Educação Física nessa etapa. De acordo com



ela, o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita passa pela noção do próprio corpo pela criança, a docente relata que a lateralidade e a percepção corporal trabalhadas nas aulas auxiliam diretamente no processo de alfabetização:

Na verdade, a chegada de vocês na Educação Infantil e nos Anos Iniciais já era um desejo que eu tinha no meu coração. Porque o profissional de Educação Física, como trabalha com o corpo, com toda essa noção corporal, lateralidade, todos esses aspectos são muito relevantes durante o processo de alfabetização, leitura e escrita, né? A criança está inserida nos Anos Iniciais, 1º e 2º ano, principalmente, e eles tinham muito essa dificuldade porque para a criança poder escrever, ela precisa ter noção do seu corpo, ela precisa conhecer direita e esquerda, ela precisa conhecer algumas noções que quem vai trabalhar essas noções mais específicas de maneira mais direcionada são exatamente vocês, os professores de Educação Física (Professora Trillian, 28/09/2024).

Pacher e Fischer (2003) corroboram o relato e a percepção de Trillian pois, segundo as autoras, alterações psicomotoras podem interferir no desenvolvimento da escrita como: falta de maturidade motora; hipertonicidade/hipotonicidade; e incoordenações motoras. Essas alterações podem levar a dificuldades em movimentos gráficos, lentidão, letras incompletas ou mal acabadas, movimentos espasmódicos, dificuldades para segurar o lápis, etc.

A diretora Frankie também enxerga a chegada dos docentes de Educação Física como fundamental para o desenvolvimento integral dos estudantes dessa etapa de ensino. Para Frankie, esse movimento político de trazer os professores de Educação Física para as turmas dos Anos Iniciais foi um marco para a educação de Fortaleza:

Ah, eu acho que foi fundamental até pela questão do desenvolvimento integral, porque a gente só trabalhava muito mais a parte cognitiva, conceitual, e nunca a parte física, né? A não ser que alguma professora tivesse, assim, aquela disponibilidade de fazer uma recreação, né? E que era bem livre, essa recreação, né? Não tinha nada de direcionamento, né? E nem planejado, né? (Diretora Frankie, 28/10/2024).

Pode-se notar, pelo trecho do relato de Frankie, que, antes da chegada dos professores específicos da área nos Anos Iniciais não havia uma Educação Física de corpo inteiro, preocupava-se, predominantemente, com as habilidades cognitivas dos estudantes, o que é uma falha quando pensamos no desenvolvimento integral do discente:

Corpo e mente devem ser entendidos como componentes que integram um único organismo. Ambos devem ter assento na escola, não um (a mente) para aprender e o outro (o corpo) para transportar, mas ambos para se emancipar (Freire, 1989, p. 9).

Essa autocrítica feita pela diretora - que antes de diretora é professora - vai ao encontro da crítica de Freire (1989, p. 9) em relação à escola e como ela restringe o movimento corporal, para o autor uma das marcas características da criança é a intensidade da atividade motora. O corpo em movimento faz parte da identidade da



criança, por meio dele a criança descobre o mundo, constroi sua identidade e se expressa. Para o autor não se deve considerar o corpo como um intruso na escola.

Entretanto é necessário enfatizar que as/os pedagogas/os, muitas vezes, deixavam de trabalhar os temas, objetivos e habilidades relacionados à cultura corporal de movimento, principalmente no que diz respeito ao procedimental, ao se movimentar, ao experimentar e fruir, nas aulas de Educação Física - não por considerar desnecessário, e sim por uma dificuldade em trabalhá-los, como reconhece Trillian:

Então com a chegada desse profissional, o professor mais amado da escola, vocês são os mais queridos, a gente percebe que as crianças estão com outras participações, estão conseguindo se desenvolver de uma maneira diferente. E é realmente um desejo que sempre temos, que eles avancem, que eles aprendam. É muito difícil para a gente trabalhar o cognitivo e o corpo, e agora chegaram vocês para poderem nos dar essa ajuda e a gente percebe que a gente está conseguindo avançar com essas crianças de maneira integral no seu desenvolvimento (Professora Trillian, 28/09/2024).

Outro relato corrobora essa dificuldade dos/as pedagogos/as trabalharem o corpo na escola. A secretária escolar Hylithia, no trecho seguinte, comenta sobre o que percebe como um “apagamento” do pedagogo na disciplina Educação Física/Recreação, que pode ser relacionada com a dificuldade em trabalhar o corpo mencionada por Trillian anteriormente. Para a secretária:

Vi uma maior interação, sabe? Aquilo que antes acontecia só na sala de aula, vocês souberam aproveitar os espaços, né? Nós temos uma quadra em obra, quando você chegou aqui a quadra já estava em obra, estamos terminando o ano e a quadra não foi concluída, mas eu vejo que isso não foi empecilho para que a aula aconteça da forma que vocês querem que aconteça, sabe? Então, vejo os meninos tendo prazer de participar, vejo esse acolhimento com as crianças, né? Então, assim, vocês são muito queridos por terem feito um trabalho de qualidade. E, vejo sim essa diferença, como o professor de Educação Física, antes não, antes era o recreador, e o pedagogo acabava ficando um pouco apagado nessa disciplina. Então o educador físico veio e tem mostrado para o que veio, isso faz a diferença (Secretária Hylithia, 29/11/2024).

Apesar de Trillian reconhecer a importância do professor específico de Educação Física como um parceiro no trabalho com o corpo, que era uma dificuldade enfrentada por ela em sua práxis pedagógica, em outro trecho da entrevista ela deixa explícita sua percepção de que a Educação Física vai além do corpo e é uma aliada na busca pelo desenvolvimento integral dos estudantes:

A aula de Educação Física é contextualizada, tem um significado, ela tem um porquê daquilo estar acontecendo, ela está relacionada a outros assuntos, ela segue o que a BNCC proporciona, então tudo isso é tão cheio de sentido que é muito diferente da nossa época e quando eu vejo acho que são momentos riquíssimos para os meninos, porque eu acho que eles não trabalham somente o corpo, mas eles enriquecem também o cognitivo deles e eu acho isso fantástico (Professora Trillian, 28/09/2024).



O desenvolvimento de habilidades cognitivas e sócio afetivas nas aulas de Educação Física é tão necessário quanto o corporal/motor. A percepção de Trillian dialoga com as reflexões de Betti e Zuliani (2002), ambos destacam que o trabalho com o corpo, com as habilidades motoras e as capacidades físicas é necessário na Educação Física, mas não suficiente:

Para isso, não basta aprender habilidades motoras e desenvolver capacidades físicas, aprendizagem esta necessária, mas não suficiente. Se o aluno aprende os fundamentos técnicos e táticos de um esporte coletivo, precisa também aprender a organizar-se socialmente para praticá-lo, precisa compreender as regras como um elemento que torna o jogo possível (portanto é preciso também que aprenda a interpretar e aplicar as regras por si próprio), aprender a respeitar o adversário como um companheiro e não um inimigo, pois sem ele não há competição esportiva (Betti e Zuliani, 2002).

Outro relato que destaca a importância da Educação Física e da chegada dos professores da área para o desenvolvimento integral dos estudantes, especialmente aqueles com deficiência, é o da professora Benjy, professora da sala do AEE (Atendimento Educacional Especializado). Essa professora é responsável por acompanhar individualmente os alunos com deficiência, TEA (Transtorno do Espectro Autista) ou superdotação. Ela enxerga ganhos na socialização e interação, interesse e participação, além do autoconhecimento, a partir da Educação Física e do corpo em movimento:

Eu achei muito bom mesmo. No sentido das crianças terem esse momento da Educação Física, porque só tinha recreação, aí era o professor [pedagogo] que dava a recreação, mas não era como, não tinha preparação para o professor da sala de aula. Então agora eu percebo que está tendo um desenvolvimento muito grande das crianças, interesse delas, né? A participação delas muito grande em relação a isso. Eu acho que foi um ganho muito grande para a Educação Fundamental (Professora Benjy, 28/10/2024).

Assim como a diretora Frankie, Benjy também enxerga a chegada dos professores de Educação Física nessa etapa de ensino como um ganho. Em outro trecho, ao ser questionada sobre pontos satisfatórios com a chegada desses profissionais na escola, Benjy exemplifica alguns avanços no desenvolvimento integral do estudante alcançados com a chegada dos professores de Educação Física:

Eu vejo a questão da socialização entre eles, a questão para eles não ficarem tão parados, porque as vezes em casa a criança passa o dia todinho assistindo TV, as vezes não pratica nenhuma atividade física, e, estando na escola, a Educação Física proporciona isso para eles, esse movimento... e também a questão do se conhecer, no momento que ele participa da Educação Física, o perder, o ganhar, as regras, né? E vai melhorando a questão do desenvolvimento dele na escola (Professora Benjy, 28/10/2024).

Para fechar a primeira categoria, destacam-se mais dois trechos relacionados ao desenvolvimento integral das crianças a partir da Educação Física e da chegada dos



professores específicos. Eddie (assistente de inclusão) e Fenchurch (mãe de uma criança atípica) corroboram os relatos anteriores. Fenchurch reconhece a importância da Educação Física para as crianças com deficiência e/ou atípicas e o desenvolvimento integral dos estudantes:

Eu achei muito bom, porque antes ficava uma coisa faltando algo, e hoje em dia já está uma coisa melhor. Para as crianças interagirem melhor. Porque eu acho que só você colocar brincadeira não é o suficiente. Vocês botam tanto a brincadeira, quanto vocês botam para a criança executar o que eles estão fazendo. Eu acho muito importante, principalmente para as crianças que são autistas como a minha. A minha, ela tem dificuldade na motorização, né? Então para ela é muito bom. Porque ela vai ter lá no Moura de Souza, que é onde ela faz as terapias e ela vai ter uma aula a mais aqui. [...] [Um ponto positivo que eu vejo é] de desenvolver mais a criança. Eu acho. Um ponto é de desenvolver, porque antes crianças que não tinham oportunidade de se expressar e, quando vocês chegaram já mudou para melhor, eu acho. (Mãe de estudante Fenchurch, 13/12/2024).

Já Eddie, que acompanha e assiste as crianças com deficiência e/ou atípicas durante as aulas, ilustra a importância do professor de Educação Física no desenvolvimento integral de crianças atípicas lembrando um episódio ocorrido em uma das aulas de Educação Física que tematizava as lutas de longa distância a partir da esgrima:

A socialização, principalmente para as crianças atípicas, né? Por exemplo, a Paloma não senta para fazer nenhuma atividade, mas tu explicou a atividade da Educação Física uma vez e ela já pegou tudo. E acho que para coordenação motora deles também, até saúde em si né? Que se movimenta já tem aquele negócio de uma rotina de prática de exercícios (Assistente de inclusão Eddie, 15/10/2024).

Assim, percebe-se que a comunidade escolar, pluralmente representada neste estudo por diferentes sujeitos, reconhece amplamente a importância da chegada dos professores de Educação Física como fator que potencializou o desenvolvimento integral dos estudantes - cognitivo, motor e social. Os voluntários entrevistados também destacaram o desenvolvimento dos discentes com deficiência e/ou atípicos a partir dessa nova realidade.

Apesar da ênfase na melhora relacionada à dimensão motora nas aulas de Educação Física apontada por alguns participantes da pesquisa, que era uma dificuldade no trabalho relatada por alguns pedagogos/as, a comunidade escolar percebe que o “se movimentar” é apenas uma das dimensões envolvidas nas aulas de Educação Física de Fortaleza hoje. O relato de Hylithia, ao comparar as aulas atuais com seu tempo de escola ilustra essa percepção:

Meu Ensino Médio foi na escola pública, e aí realmente o que acontecia é que a gente ia para a quadra ou para a pracinha e era correr, carimba, realmente o que era trabalhado, ao meu ver, era somente essa questão física, o corpo em



movimento, que é somente uma daquilo que vocês trabalham, né? [...] Então, assim, eu vejo uma diferença muito grande mesmo em relação à minha época de estudante para o que tenho visto hoje, sabe? (Secretária Hylithia, 29/11/2024).

Evidências parecidas são apontadas por Bailey (2006), segundo o autor a Educação Física e o esporte escolar são promotores de desenvolvimento em diferentes domínios, ele sugere que eles têm o potencial de contribuir para desenvolver habilidades motoras fundamentais, competências físicas, mas também habilidades sociais e atitudinais, além do desenvolvimento acadêmico e cognitivo.

Outros autores (Brandl; Brandl Neto, 2015; Assis; Pontes, 2015) listam aspectos e habilidades que podem contribuir para o desenvolvimento integral dos estudantes a partir da Educação Física: condiciona aprendizagens (pré) escolares ao conscientizar a criança sobre o próprio corpo, lateralidade, dominação do espaço-tempo, habilidade e coordenação dos gestos e movimentos; construção de relações entre o real e o simbólico; estímulo à criatividade e à criticidade, fomentando o desenvolvimento cognitivo; melhora o sentido de ajuda e cooperação, além de proporcionar alegria, satisfação e prazer; estimula a expressão do verdadeiro “eu” por meio da corporeidade; domínio do corpo e conquista sensorial e intelectual do espaço pelo movimento; desenvolvimento de capacidades físico-motoras, perceptivo-cognitivas e socioafetivas; superação da dicotomia entre mente e corpo.

A chegada dos professores específicos de Educação Física nas turmas de Anos Iniciais é um passo à frente no caminho de uma educação de corpo inteiro, uma educação integral, holística, completa. É, como bem enfatizado por alguns voluntários entrevistados, um marco histórico para a educação de Fortaleza.

4.1.2 Aumento do interesse dos estudantes pela escola

Outro impacto positivo, notado pelos sujeitos da comunidade escolar entrevistados e relatado nas entrevistas conduzidas neste estudo, foi o aumento do interesse dos estudantes pela escola após a chegada dos professores de Educação Física. Fica evidente, a partir da análise dos relatos, que foi percebido pelos participantes da pesquisa um aumento do interesse dos alunos em frequentar a escola - especialmente nos dias de aula de Educação Física.

Foram registradas percepções e reflexões sobre: aumento da frequência dos estudantes; ansiedade e empolgação pelas aulas; melhora no engajamento; participação e protagonismo discente - que podem ser indicativos de um maior interesse escolar.



frequência. O relato da diretora Frankie evidencia uma mudança significativa na frequência e na disposição dos estudantes nos dias de aula de Educação Física:

Eu vejo os alunos assim, eles criam uma expectativa muito grande para a aula de Educação Física. Vejo também que nos dias de algumas turmas, né? Quando tem aula de Educação Física, é o dia que a frequência é melhor. É impressionante como a infrequência diminuiu em relação aos dias que tem a aula de Educação Física (Diretora Frankie, 28/10/2024).

Essa expectativa, demonstrada pelos estudantes da escola universo deste estudo, pelas aulas de Educação Física, também é enfatizada pela estudante Agrajag. Além da percepção dos próprios sentimentos, ela também descreve a ansiedade e empolgação de seus colegas para a hora da aula do componente curricular, como pode ser observado no seguinte trecho:

Agora nos dias que tem Educação Física eles ficam mais felizes, mais agitados, ficam emocionados. [...] Eu gostava porque não tinha só aquelas matérias, né? E as crianças gostam de Educação Física. Uma matéria que eu sei que a maioria das crianças não gosta é Matemática, porque tem que fazer números. Agora as quintas-feiras são Matemática e Educação Física e, quando acaba a aula de Matemática, o pessoal “EDUCAÇÃO FÍSICAAAA” (Estudante Agrajag, 01/11/2024).

É interessante notar que, essa emoção causada pela Educação Física - descrita por Agrajag e representada pela gritaria da turma quando o professor de Educação Física entrava na sala após a aula de Matemática - também é percebida por Gargravar, que é pedagoga e mãe de um estudante atípico da escola. Gargravar percebe, no olhar das crianças, como elas gostam da disciplina, além de um aumento no engajamento e participação dos discentes na escola depois da chegada dos professores de Educação Física:

Eu vejo como uma contribuição, eu acho que só veio a agregar à educação pública, sabe, Rodrigo? Por causa que a gente percebe até no olhar dos meninos como eles gostam, como eles valorizam. Eu, particularmente, como mãe do Raian, apesar do Raian ter suas limitações, mas eu acho, assim, o máximo, eu, pelo menos, gostei demais. [...] Eu percebo que [melhorou] o engajamento dos meninos, sabe? O engajamento, a disciplina, o querer realmente, a participação assim, porque criança em si já gosta, né, de se movimentar, então eu percebo essa parte de engajamento maior deles. Eu fico com ciúme um pouco das aulas (Professora e mãe de estudante Gargravar, 19/11/2024).

A professora Trillian também nota que os estudantes vão mais motivados a ir à escola quando têm aula de Educação Física. Essa motivação está diretamente relacionada ao interesse em participar, em estar, em ir. Quando questionada sobre diferenças percebidas na escola após a chegada dos professores de Educação Física, Trillian pontua que:

Sim [percebi diferenças], porque todos os dias eles querem que seja aula de Educação Física. Eu acho que eles só vão para a escola motivados para isso, porque eles têm essa necessidade. Porque “ah vai brincar”, não é isso. A gente



precisa inclinar nosso olhar para isso, porque quando eles ficam perguntando o dia todo se vai ter aula de Educação Física, se é hoje que o tio vem para cá, não é porque eles vão correr, é porque eles vão explorar algo que antes não era explorado, algo que para eles é novo, é importante que eles tenham esse momento. [...] E a gente vê esse interesse em participar, em estar, em ir, em saber o que vai ter na aula, porque o tio não veio, o que ele tem... a gente pode adoecer, morrer, ninguém sente falta. Quando o professor de Educação Física adoece é o caos, eu não desejo para ninguém ficar na sala de vocês quando vocês precisam faltar (Professora Trillian, 28/09/2024).

Mudanças de comportamento e de atitudes, assim como aumento no interesse e entusiasmo pelas aulas de Educação Física são percebidos em diferentes espaços da escola. Dona Cynthia (manipuladora de alimentos), por exemplo, do refeitório escolar, enxergou algumas dessas mudanças. Segundo ela, nos dias de Educação Física o ambiente fica mais movimentado, as crianças ficam mais dispostas e, aparentemente, há uma melhora até mesmo na rotina escolar:

Os alunos ficaram muito felizes porque vocês trabalham divinamente bem e eu sempre fico ouvindo, olho a participação de cada um. E traz muitos benefícios para todos. [...] Depois que chegaram os professores de Educação Física, eles tiveram mais interesse de vir para a escola para participar de tudo, né? [...] Essas crianças vão dormir pedindo a Deus para chegar o horário para poder participar da Educação Física. Porque essa Educação Física é boa para tudo. Principalmente para a memória deles, para eles terem mais vontade de estudar, de vir para a escola. Porque só na sala de aula e sair 20 minutos para brincar, correr e voltar... não é tão importante e necessário como uma Educação Física. E a sua Educação Física é muito criativa, muito mesmo. [...] Vai fazer 20 anos que eu estou na escola e nunca vim ver o que estou vendo hoje (Dona Cynthia, manipuladora de alimentos, 01/11/2024).

Quem também percebe a alegria e empolgação dos estudantes com as aulas de Educação Física são os pais e responsáveis. De acordo com a secretária Hylithia, as mães costumam comentar que os seus filhos falam muito sobre o professor de Educação Física e a aula nas suas casas. Segundo ela, os estudantes novatos ficam deslumbrados com o componente curricular:

O que eu percebo é os pais, as crianças, os funcionários, todo mundo falando sempre dos professores de Educação Física sempre com muito carinho. Às vezes as mães chegam aqui “tia, quem é o professor Rodrigo, Arthur, Ford?”, aí eu falo “não, é o professor de Educação Física”, “ah, meu filho não tira o nome desse professor da boca”. O que eu percebo é, no início do ano, quando chegam os alunos novatos, parece que os professores de Educação Física deixam eles mais deslumbrados, sabe? Eu não sei se a presença masculina, a questão do gênero, e, querendo ou não, é uma representação até de pai. Acho que alguns veem vocês, desejam “ah como eu queria que meu pai fosse assim”, a figura masculina representa muito dentro da comunidade, que a gente sabe que têm muitas mães solo, têm muitas crianças que os pais são separados e, às vezes, vive com o padrasto, o padrasto não dá carinho. Então essa parte da afetividade, também, eu vejo muito em cena, tanto de você quanto dos outros dois professores (Secretária Hylithia, 29/11/2024).



A relação afetuosa entre professor de Educação Física e seus discentes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental é apontada por esses docentes, no questionário, como uma realidade que os surpreendeu positivamente em relação à expectativa criada:

[A] relação com as crianças, que é bastante afetiva. Eles amam você e tem como referência, isso é muito louco, recebemos muito amor das crianças e também o fato de que elas são bastante abertas a novidades, diferente dos mais velhos (Professor 1).

A aceitação dos alunos e o carinho recebido por eles [me surpreendeu positivamente] (Professor 2).

O relacionamento com os alunos em sua maioria é extremamente afetuoso. Eles são muito carinhosos, enérgicos (Professor 3).

Acolhimento dos alunos [me surpreendeu positivamente]... (Professor 4).

O acolhimento recebido pelos professores e alunos [me surpreendeu positivamente] (Professor 5).

É necessário enfatizar que, apesar dos estudantes já sentirem atração natural pelo componente curricular e seus temas, o papel do professor é fundamental para fomentar esse entusiasmo. Planejamento adequado e respeito ao sentimento dos alunos são, segundo Lemes et al (2022), ações necessárias ao professor de Educação Física para manter os estudantes motivados.

Outras obras corroboram a necessidade de planejamento adequado, Freire (1996), por exemplo, explica que “ensinar exige rigorosidade metódica, segundo ele “ensinar não se esgota no ‘tratamento’ do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível” (Freire, 1996, p. 26). Produzir as condições para um aprender crítico passa, necessariamente, por planejar adequadamente uma aula ou sequência pedagógica.

Destaca-se que os sujeitos da comunidade escolar também enxergam o planejamento como necessário, a coordenadora Prefect, por exemplo, relata que no início sentiu certo receio ao saber da chegada dos professores de Educação Física para as turmas de Anos Iniciais da escola, esse receio estava ligado a experiências com o “rola-bola” na Educação Física durante sua vida escolar e a de seu filho. Prefect preocupava-se que o desinvestimento pedagógico fosse regra na Educação Física escolar, entretanto foi surpreendida com profissionais comprometidos, preparados, participativos e estudiosos, que conduziam suas aulas com planejamento e direcionamento, como mostrado no trecho a seguir:

Comecei a ver [mudanças no componente curricular] pelo tipo de profissional que trabalha aqui na escola. [...] Eu vejo os professores querendo se aperfeiçoar, querendo ser melhores, fazendo um trabalho digno da Educação Física mesmo, não é só a bola, não é só o brincar, é o ensinar mesmo. Eu senti



essa diferença. [...] Tem um conteúdo a ser seguido. Tem um planejamento a ser feito. Porque não é “hoje nós vamos brincar”, não, a gente percebe que o professor vem preparado para dar uma aula, não faz de qualquer jeito. (Coordenadora Prefect, 25/10/2024).

Freire (1996) dialoga com Lemes et al (2022) também em relação à necessidade de respeitar o sentimento dos estudantes. Para respeitar é preciso, antes, entender. E, para entender, é preciso, antes, escutar. Para Freire (1996, p. 113) “ensinar exige saber escutar”, e é escutando que aprendemos a falar com os discentes, a dialogar.

Para haver diálogo a criança precisa se perceber como pertencente àquele espaço, àquele lugar e àquela aula. Se a criança se sente pertencente, ela se sente respeitada e percebe que pode ser livre para se expressar. A mãe atípica Fenchurch relata que, com a chegada dos professores de Educação Física, as crianças ficaram mais à vontade para se expressarem:

[Um ponto positivo é o] de desenvolver mais a criança. Eu acho. Um ponto é de desenvolver, porque antes crianças que não tinham oportunidade de se expressar e, quando vocês chegaram já mudou para melhor, eu acho (Fenchurch, mãe de estudante, 13/12/2024).

O interesse das crianças pela Educação Física e a participação efetiva de uma grande quantidade de estudantes nessas aulas também foi notado pela professora do AEE, Benjy, e pela diretora Frankie.

Ao ser questionada sobre como vê a chegada dos professores de Educação Física na escola, Benjy reflete sobre o desenvolvimento do interesse e participação dos discentes. A reflexão dela é complementada em outro trecho da entrevista, quando destaca a importância do brincar, inclusive para os discentes do AEE:

Eu percebo que está tendo um desenvolvimento muito grande das crianças, interesse delas, né? A participação delas muito grande em relação a isso. [...] Eu achei a escola mais ativa, né? Em relação à questão das crianças terem esse momento mais ativo na escola. A gente diz recreação, Educação Física, mas para eles é mais uma brincadeira, né? E que isso trouxe essa atividade, essa recreação muito forte, que é o que eles mais gostam, né? Não perdendo na Educação Fundamental 1 a questão do brincar, né? Do brincar, que no brincar ele interage, socializa, e é até bom para os meninos do AEE, né? (Benjy, professora do AEE, 28/10/2024)

Frankie considera que um dos pontos positivos com a chegada dos professores de Educação Física nas turmas de Anos Iniciais da escola foi o aumento na participação dos estudantes: “Uma participação efetiva de todos os alunos, né? Você encontra um ou outro que se recusa a fazer, eu acho isso positivo” (Diretora Frankie, 28/10/2024).

Vários docentes de Educação Física de outras escolas do município, ao serem questionados sobre as expectativas que tinham acerca da docência nos Anos Iniciais de Fortaleza/CE quando aprovados no concurso e a realidade encontrada ao entrar em



exercício, surpreenderam-se positivamente com a participação e engajamento dos estudantes. Ao pedir para exemplificarem realidades que os surpreenderam positivamente em relação à expectativa criada, os professores responderam:

Como nunca tinha lecionado nos anos iniciais, teve algo que surpreendeu-me, no caso a questão da participação e o engajamento dos estudantes nas aulas. Consigo ter um ótimo quantitativo de estudantes! (Professor 1).

O bom número de alunos participativos nas aulas de educação física (Professor 2).

A aceitação dos alunos e o carinho recebido por eles (Professor 3).

O principal fator que me surpreendeu foi o engajamento e reinvenção que tive com as crianças, pois ainda não tinha trabalhado profissionalmente com crianças do 1º ano, e isso me fez desconstruir diferentes perspectivas que anteriormente eu imaginava (ex.: comportamento, planejamento e atividade docente, diversificação dos conteúdos, etc.) (Professor 4).

O gosto dos alunos pelas aulas práticas de educação física (Professor 5).

Difícilmente os alunos faltam às aulas de Educação Física (Professor 6).

Empolgação na participação dos alunos em atividades simples (Professor 7).

Tenho uma aluna de inclusão do 5º ano do ensino fundamental que não participava das aulas por indicação prévia de seus pais. Aos poucos durante os anos, busquei ir incluindo a aluna em algumas atividades. Ela adorou e a turma a acolheu muito bem. (Professor 8).

É importante e necessário que os professores de Educação Física que ingressaram nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental realizem um trabalho de excelência, comprometido, e que promovam o interesse dos estudantes nas atividades propostas. Para que, desde cedo, eles compreendam os objetivos e possibilidades da Educação Física durante sua vida escolar, evitando problemáticas sobre como deveria (não) ser a aula, além de prevenir o afastamento dos estudantes da disciplina em etapas de ensino mais avançadas, como costuma ocorrer (Bellúcio et al, 2021; Millen Neto et al, 2010).

Para atingir a excelência e o comprometimento na prática docente e, por consequência promover o interesse dos estudantes, o professor de Educação Física pode vislumbrar quatro aspectos que devem impregnar seu planejamento e seu quefazer pedagógico: Crítica ao ensino baseado em tendências hegemônicas voltadas à aptidão física ou esportivização do componente curricular; Alegria na tematização dos objetos de conhecimento; Sintonia com a cultura infantil; Engajamento para além das aulas - formando o anagrama CASE (Martins, 2022).

Nesse sentido, a Educação Física pode ter papel de destaque no aumento do interesse das crianças pela escola se for norteadada por um ensino crítico, plural e diversificado, que transmita alegria e felicidade, que tenha significado para os discentes



precisa enfrentar para que seja respeitado profissionalmente e para que a Educação Física afirme sua identidade enquanto componente curricular.

Alguns voluntários relataram surpresa com a nova identidade do componente curricular construída a partir da chegada dos professores da área, pois quando pensavam em Educação Física muitos lembraram de seus tempos de estudante, quando a disciplina se resumia a esportes coletivos ou repetição de métodos ginásticos, enquanto outros compararam com um passado mais recente, quando o componente era reduzido à recreação. No imaginário social, como pontuam Bertini Junior e Tassoni (2013), a Educação Física figura como uma disciplina livre, o que é caracterizado pelo desinvestimento pedagógico/abandono do trabalho docente/rola bola.

As tendências pedagógicas, historicamente, moldaram a Educação Física escolar, seus objetivos e conteúdos (Martins, 2014). Três dessas tendências merecem destaque por manterem, por muito tempo, uma condição de hegemonia, e, por isso - apesar do avanço de concepções pedagógicas críticas - ainda ocupam lugar de destaque na percepção popular sobre a Educação Física, são elas: higienista/biológica; militarista/ginástica; esportivista. As duas últimas foram frequentemente lembradas por alguns dos sujeitos entrevistados que tiveram experiências escolares com tendências hegemônicas, mas mudaram sua visão do componente curricular nos últimos dois anos por perceberem diferenças a partir da chegada dos professores de Educação Física na escola, como pode ser observado nos seguintes relatos:

Na verdade, a nossa visão de Educação Física está muito relacionada ao que nós vivemos na escola quando estudantes. Acredito que na sua época também era diferente da forma que vocês trabalham hoje. Na nossa época era mais correr, mais jogar, essas coisas. E, hoje, o que vejo sendo trabalhado no componente curricular são coisas tão ricas como as matrizes africanas, quando vejo vocês trabalhando, eu acho que isso enriquece tanto o saber dos meninos, a cultura dos meninos, a percepção cultural de outros lugares, porque eles não têm essas vivências, eles não sabem o que acontece em outros lugares, e desmistifica aquela coisa de que aula de Educação Física é só correr (Professora Trillian, 28/09/2024).

Eu não me lembro assim de Educação Física no Fundamental, só no sexto ano que foi quando eu estudei aqui no Adelino Alcântara, que é o uv6, e era assim: a gente ficava mais na aqui na pracinha mesmo, fora, só aquelas brincadeiras assim. Não tinha muito nem a parte teórica, que os meninos menores daqui tu dá teórica para eles e eu não lembro de teoria não. Só brincadeira assim... [...] [No Ensino Médio] já era melhor. Já tinha a teoria e a prática, que era mais esportes mesmo, as modalidades né (vôlei, futsal). [...] Só esporte. Não tinha dança, luta, assim. Mais esporte de quadra mesmo (Assistente de inclusão Eddie, 15/10/2024).

Percebo demais. Muito mesmo. Eu acho que hoje, eu vou falar em relação a mim, eu nunca tive tanto interesse na Educação Física, até porque eram uns exercícios muito, talvez para a época fosse um marco, mas eu tinha muita preguiça de fazer polichinelo, de dar não sei quantas voltas numa quadra, tinha



muita dificuldade. Era para o condicionamento, hoje não, eu vejo que tem uma outra abordagem, né? Eu vejo assim que vocês trazem o novo, né? Trazem brincadeiras passadas, de outros povos, que vocês ensinam as artes que são praticadas de diferentes maneiras, fora aquela estrutura que vocês colocam, assim, do envolvimento coletivo, dos grupinhos, vamos formar grupos de tantos, que eu acho que isso é um grande diferencial (Diretora Frankie, 28/10/2024).

Fica evidente, observando os relatos de Trillian, Eddie e Frankie, que a Educação Física vivenciada por elas, no tempo de escola, seguia tendências militaristas ou esportivistas e, em alguns casos, ocorria o abandono do trabalho docente/desinvestimento pedagógico. Entretanto, no trecho destacado acima, Frankie comenta ter percebido uma outra abordagem nas aulas. Há um entendimento de que os professores de Educação Física “trazem o novo”.

Também é notado, no trecho, um olhar para a diversidade de conteúdos do componente curricular, além de uma visão mais cultural da Educação Física. Esse olhar da Diretora Frankie contrasta com a invisibilidade apresentada por González *et al* (2013), pois, segundo os autores, “os conhecimentos tematizados (ou não) nas aulas de Educação Física parecem ser *invisíveis* ao olhar dos gestores escolares”

A resignificação do componente curricular, o enriquecimento do currículo e essa percepção cultural da Educação Física escolar também é destacada por outros sujeitos participantes desta pesquisa. Trillian, por exemplo, percebe que, hoje, a aula de Educação Física tem significado e é cheia de sentido:

A aula de Educação Física é contextualizada, tem um significado, ela tem um porquê daquilo estar acontecendo, ela está relacionada a outros assuntos, ela segue o que a BNCC proporciona, então tudo isso é tão cheio de sentido que é muito diferente da nossa época e quando eu vejo acho que são momentos riquíssimos para os meninos, porque eu acho que eles não trabalham somente o corpo, mas eles enriquecem também o cognitivo deles e eu acho isso fantástico (Professora Trillian, 28/09/2024).

O trecho acima, o qual Trillian pontua sobre contextualização e significado nas aulas de Educação Física, dialoga com a seção anterior deste trabalho, que destacou um maior interesse dos estudantes a partir da chegada dos professores de Educação Física na escola. Esse diálogo entre os dois trechos pode, em síntese, nos conectar com a concepção freireana de que educar é impregnar de sentido as práticas da vida cotidiana.

Entendimento semelhante ao de Trillian é o de Hylithia, a secretária percebe a construção de uma nova identidade da Educação Física escolar ao comparar com as lembranças de suas próprias aulas quando estudava no Ensino Básico e com a recreação ofertada na escola antes da chegada dos professores de Educação Física:



eu digo sempre, uma aula mais light, claro que não tem de tá copiando, não é a Matemática, mas que a gente vê que tem um direcionamento, tem um conteúdo a ser cumprido, não é feito de qualquer jeito (Coordenadora Prefect, 25/10/2024).

Benjy confessa uma falta de habilidade dos/as pedagogos/as para lecionar Educação Física por falta de uma formação específica, o que pode ser indicativo da inexistência de planejamento e direcionamento nas aulas de recreação e, por consequência, ocasionar desinteresse dos estudantes e eventual evasão das aulas do componente curricular. Ao ser questionada sobre como vê a chegada dos professores de Educação Física, a professora responde:

Eu achei muito bom mesmo. No sentido das crianças terem esse momento da Educação Física, porque só tinha recreação, aí era o professor [pedagogo] que dava a recreação, mas não era como, não tinha preparação para o professor da sala de aula. Então agora eu percebo que está tendo um desenvolvimento muito grande das crianças, interesse delas, né? A participação delas muito grande em relação a isso. Eu acho que foi um ganho muito grande para a Educação Fundamental (Professora do AEE Benjy, 28/10/2024).

A secretária Hylithia, nesse mesmo diapasão, comenta sobre dificuldades do/a pedagogo/a para organizar e lecionar a disciplina de recreação, a voluntária também pontua diferenças que enxerga com a chegada do professor de Educação Física na escola.

Vi uma maior interação, sabe? Aquilo que antes acontecia só na sala de aula, vocês souberam aproveitar os espaços, né? Nós temos uma quadra em obra, quando você chegou aqui a quadra já estava em obra, estamos terminando o ano e a quadra não foi concluída, mas eu vejo que isso não foi empecilho para que a aula aconteça da forma que vocês querem que aconteça, sabe? Então, vejo os meninos tendo prazer de participar, vejo esse acolhimento com as crianças, né? Então, assim, vocês são muito queridos por terem feito um trabalho de qualidade. E, vejo sim essa diferença, como o professor de Educação Física, antes não, antes era o recreador, e o pedagogo acabava ficando um pouco apagado nessa disciplina. Então o educador físico veio e tem mostrado para o que veio, isso faz a diferença (Secretária Hylithia, 29/11/2024).

Esses relatos vão ao encontro da percepção dos próprios pedagogos que, muitas vezes, não se sentem preparados para ministrar o componente curricular (Fonseca; Cardoso, 2014), ou incapazes de realizarem trabalhos corporais (Guirra; Prodócimo, 2010). Há, ainda, aqueles que afirmam que a Educação Física deveria ser responsabilidade dos professores licenciados na área devido à especificidade do trabalho no componente curricular (Ferreira; Torres, 2013).

A estudante Agrajag também compara a recreação de anos anteriores com a Educação Física de agora, além de, assim como a mãe de discente Fenchurch, enxergar a ressignificação da disciplina sob o prisma da expansão e diversidade de Unidades Temáticas e objetos de estudo no componente curricular:



Bom, na recreação não tinha Educação Física. A gente levava um ou dois brinquedos e sentava lá no cantinho, em uma hora que não consigo me lembrar, faz muito tempo, e a gente ficava lá brincando com nossos brinquedos. (...) (Agora) a gente costuma estudar as lutas, meio que o mundo só que de uma forma diferente. Brincadeiras, a gente estava estudando ginástica, estudamos dança, estudamos brincadeiras africanas (Estudante Agraajag, 01/11/2024).

Estava faltando algo. (...) Eu consigo enxergar que antes eram só dois tipos, ou era o futebol ou era o outro, né? E agora não, vocês tem mais específicos, mais conteúdos para eles fazerem, como a dança, como os jogos que eles interagem, na bola que eu percebi, é muita coisa que vocês fazem, eu acho que mudou muito e para melhor. (Mãe de estudante Fenchurch, 13/12/2024).

Essa nova identidade da Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental é percebida por Agraajag e por outros estudantes. A professora Gargravar nota que os discentes têm um novo olhar para a Educação Física, o que pode ser indício de uma ressignificação do componente curricular pelas crianças:

Eu acho que, assim, que eles passaram a ter um novo olhar, uma nova perspectiva de uma brincadeira saudável, não só uma brincadeira, porque a gente sabe que existe ali um objetivo, existe uma aula também que não é só o brincar por brincar, né? Mas eu percebo que eles, que ficou assim, aquela coisa atrativa, que é o brincar e o aprender caminhando juntos (Professora e mãe de estudante Gargravar, 19/11/2024).

Mudanças na legislação, nas tendências pedagógicas, na organização das redes de ensino, na formação inicial e continuada em Educação Física são aspectos que influenciam na valorização do componente curricular nas escolas brasileiras. A construção de um perfil docente e, por consequência, de uma identidade para a Educação Física nos Anos Iniciais passa por diferentes ciclos e recebe influências multirreferenciais durante a carreira:

A atuação do professor de Educação Física na escola é influenciada por questões históricas, sociais, pedagógicas, estruturais, bem como pelo distanciamento entre a formação inicial e a realidade escolar, pela falta de condições de trabalho e de políticas públicas efetivas de formação continuada, e a legislação da Educação Física escolar, em alguns momentos não garante sua legalidade e sua legitimidade (Bahia; Nascimento; Farias, 2016).

Entretanto, assim como alertado por Bertini Junior e Tassoni (2013), percebe-se, a partir da vivência, das entrevistas e reflexões com a comunidade escolar ocorridas durante esta pesquisa, que as ações pautadas dentro da escola, assim como o compromisso do docente com a Educação Física escolar crítica e com seus discentes, é que influenciam diretamente na valorização da área dentro do ambiente escolar.

Em contraposição aos achados de alguns autores que identificaram uma deslegitimação da Educação Física por agentes escolares (Faria; Bracht, 2014; Faria; Machado; Bracht, 2012), a entrada dos professores de Educação Física nas turmas de



A falta de recursos materiais necessários e de estrutura física adequada para a organização, implementação e desenvolvimento de uma Educação Física compromissada, significativa e de excelência é destacada como um desafio nas escolas brasileiras (Carvalho; Barcelos; Martins, 2020; Carmo; Silva, 2022; Knuth; Loch, 2014).

Esses aspectos relacionados às condições de trabalho podem, inclusive, tornarem-se fatores associados ao abandono ou permanência na profissão docente como demonstrado por Leal e Alves (2024), como também à desmotivação e falta de interesse dos estudantes nas aulas (Barros, 2021). São aspectos que dificultam o trabalho do professor de Educação Física e prejudicam a oferta de uma educação de qualidade.

Martins, Cordeiro e Santos (2024), no mesmo sentido, destacam a importância de haver condições de trabalho que apoiem a prática docente. De acordo com os autores, “a aprendizagem dos vários saberes só é viável se houver uma prática pedagógica sensível e crítica por parte dos/as professores/as, apoiada por condições reais de trabalho que a fortaleçam” (Martins; Cordeiro; Santos, 2024).

Dois dos três fatores mais citados, no questionário realizado, pelos professores de Educação Física participantes desta pesquisa, como dificultadores para o exercício da docência nas escolas de Fortaleza/CE foram: o espaço físico inadequado, que ficou em 1º lugar nas citações - com 19 dos 33 professores (57,6%) marcando essa opção; e a falta de materiais, que ficou em 3º lugar nas citações - com 13 docentes marcando essa opção.

Nesta pergunta do questionário, era apresentada uma lista, inspirada na análise de Maldonado e Silva (2019), com catorze fatores que podem dificultar o trabalho docente na Educação Física. Os voluntários podiam selecionar até três fatores que considerassem mais relevantes.

Fatores dificultadores do trabalho docente na Educação Física

- Cultura do aluno com os estudos
- Indisciplina dos alunos
- Jornada de trabalho extensa
- Falta de materiais
- Espaço físico inadequado
- Formação continuada insuficiente
- Influências climáticas para as aulas
- Falta de organização da escola ou da rede de ensino
- Restrição médica para participar das aulas
- Falta de condições para a educação inclusiva
- Barulho causado pelas aulas de Educação Física
- Visão deturpada da Educação Física
- Número elevado de alunos por turma
- Número reduzido de aulas

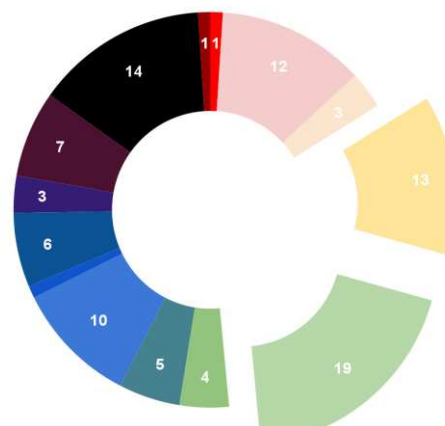


Figura 21: Fatores que dificultam o trabalho docente na Educação Física



A ausência de estrutura física apropriada e escassez de materiais pedagógicos - necessários para o ensino da diversidade de temáticas, objetos de conhecimento e habilidades envolvidas na Educação Física - é uma realidade enfrentada por professores (não só de Educação Física) em muitas escolas públicas brasileiras.

Você considera que possui espaço físico e materiais adequados para lecionar Educação Física?

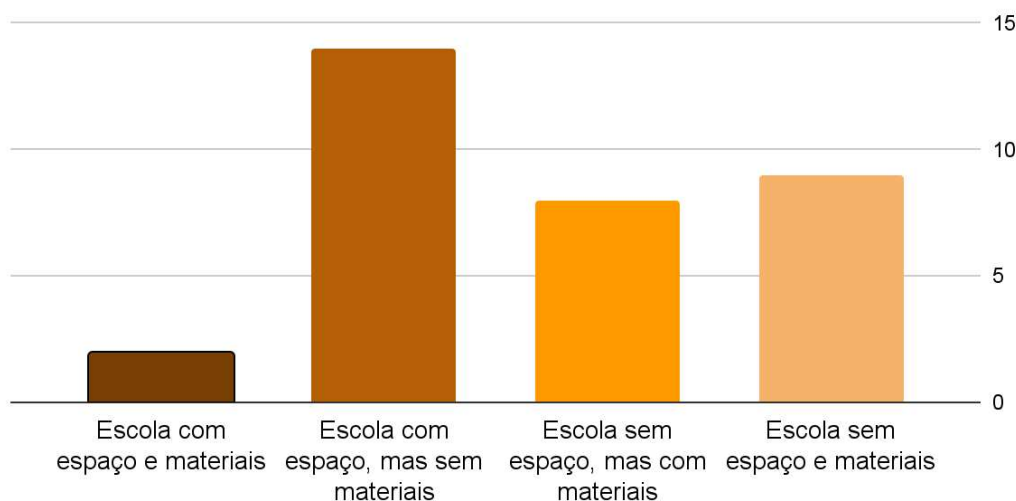


Figura 22: Percepção dos professores sobre espaço físico e recursos materiais disponíveis

Devemos lembrar, no entanto, que Fortaleza/CE é uma das principais cidades do país e, como outras metrópoles, é afetada pela desigualdade, que também se materializa nas escolas públicas. Dois professores (6,1%) relataram, no questionário realizado, possuírem espaço físico adequado e o material necessário para suas necessidades. Enquanto isso, a maioria (93,9%) relata não ter espaço físico e/ou materiais necessários para atender suas necessidades pedagógicas, como pode ser observado no gráfico anterior.

Essa desigualdade fica ainda mais aparente quando comparamos as descrições de professores de escolas diferentes da mesma rede de ensino sobre o espaço físico e os recursos materiais disponíveis em ambas.

Dois professores relatam uma maior variedade de espaços e materiais:

Temos quadra coberta, descoberta e pátio entre as salas. Temos bolas de futsal, basquete, vôlei, cones pequenos, raquetes de badminton, bolas de tênis e materiais que criamos (Professor 1).

Espaço: quadra coberta, quadra descoberta, pátio coberto, pátio descoberto (área verde); Material: bolas (fut, volei, basquete, hand, tênis), cordas, cones, raquetes de badminton e petecas. Maior dificuldade é um lugar para concentrar o material que temos, fica espalhado em vários locais, o que dificulta um pouco na rotina (Professor 2).



Outros professores lamentam com a falta de espaços adequados e com recursos materiais insuficientes para desenvolver suas aulas:

Temos um pátio central na escola, onde atividades realizadas lá atrapalham as outras aulas. Materiais escassos, só alguns cones, arcos, bolinhas e cordas (Professor 3).

Espaço físico: possuo um "campinho" com o tamanho aproximado de 4mX7m, e o pátio onde as pessoas circulam, inclusive no momento da aula (Professor 4).

Sobre o espaço físico há um local que seria tipo um pátio, mas o piso é inapropriado de cimento, então as crianças caem e se machucam, não é coberto, então fica inutilizável nos horários de sol quente e dias de chuva, e o tamanho é pequeno e fica menor ainda pois tem um brinquedão de parquinho, de material são bambolês quebrados, 2 bolas de leite, algumas cordas (Professor 5)

Nossa escola original está passando por uma reforma, então desde a nossa entrada na prefeitura estamos em um prédio alugado. Lá só tem um pátio pequeno que divide o espaço com as mesas e cadeiras do "refeitório" e por serem muitas turmas dividimos também com outros professores (dentro do tempo de 2 horas de aula só podemos ficar na quadra por metade desse tempo e ainda dividindo, pois são 4 professores no mesmo horário). Em relação aos materiais até que temos alguns (1 bola de futebol, 2 de basquete, cordas...), sinto falta de alguns materiais específicos como tatame para fazer as aulas de ginástica, bambolês pra fazer algumas brincadeiras. No final sempre temos que nos adaptar. Além disso, temos que ficar atentos com o barulho porque as salas são bem próximas e acaba atrapalhando as outras aulas (Professor 6).

Considero boa minha convivência escolar com a comunidade, os desafios existem mas com a colaboração de todos podemos melhorar. Os pontos negativos que posso destacar são o que a maioria das escolas possuem na área de educação física, falta de espaço físico e materiais adequados (Professor 7).

Por outro lado, alguns professores relatam algumas conquistas em relação a materiais a partir do diálogo com a gestão, como por exemplo:

Materiais: Ano passado foi bem precário quando cheguei na escola. Por ser uma escola em Tempo Integral, imaginei que tinha muitos materiais, mas não tinha quase nada. Já esse ano deu uma melhorada, com diálogos com a gestão consegui com que comprassem mais materiais para as aulas de EF (Professor 8).

Atualmente os espaços da minha escola estão reduzidos, visto que a quadra foi interdita para reforma, o pátio é usado para dar reforço, e os dois locais que restam, temos que rever com outros professores de EF. Sobre os materiais, estão chegando aos poucos, pois anteriormente não tinha EF no Ensino Fundamental anos iniciais, logo temos essa resposta da coordenação (Professor 9).

Além de serem destacados pelos próprios docentes de Educação Física, como observado no gráfico 1, esses problemas foram percebidos e relatados por todos os sujeitos participantes das entrevistas desta pesquisa. Em seus relatos, todos os voluntários apontaram a falta de recursos materiais e/ou a ausência de espaço físico adequado como fatores limitantes para a Educação Física escolar, alguns deles podem ser observados:



Há, ainda, aqueles que buscam adaptar as atividades aos espaços disponíveis, como observado por Eddie ao ser questionada sobre as principais dificuldades para o professor de Educação Física na escola: “Aqui [a maior dificuldade] é a estrutura, né? Tem que se virar nos 30 para você dar aula aqui nesse espacinho. Ainda tendo cuidado para não incomodar as outras salas” (Eddie, assistente de inclusão, 15/10/2024).

A mãe Fenchurch reconhece o empenho dos docentes de Educação Física para adequar os espaços às atividades: “Era para ter a quadra. Mas não tem, mas o que está limitando no momento é a quadra, mas mesmo assim você dá um jeito” (Fenchurch, 13/12/2024). A secretária Hylithia vai no mesmo sentido e também percebe o esforço dos professores de Educação Física em adaptarem os espaços disponíveis para as atividades propostas. Para ela, a falta de espaços adequados é uma realidade limitante, mas não impeditiva para esses docentes:

[O limitante são os] espaços, né? Embora a gente tenha aqui na frente aquele espaço, ou dos lados. Mas ainda vejo. E, até aproveitando, você, enquanto professor de Educação Física, nós temos três, mas eu vejo que você é aquele que melhor aproveita os espaço, que diz que não é o fato de não ter espaço que não vai dar aquela aula do jeito que preparei, da forma que eu gostaria que fosse aproveitada pelos alunos. Então, de quando em quando, você está ali, às vezes até no meio do Sol. Então você procura dar um significado para aquela aula. Eu acho que quando se restringe à sala de aula, tem atividade que não cabe na sala de aula, não é nem pelo espaço em si, mas pela estrutura, pela forma como a atividade é proposta. Então eu acho que, de forma geral, vocês procuram, sim, adaptar os espaços dentro do limite que a escola oferece. Então um ponto negativo é esse porque se a quadra estivesse em pleno funcionamento eu tenho certeza que dia de Educação Física era 100% de frequência dos alunos (Secretária Hylithia, 29/11/2024).

Os desafios relacionados à falta de condições de trabalho são limitantes, mas não determinantes para que a aula de Educação Física aconteça, como demonstram os trechos de Fenchurch e Hylithia. Os professores buscam formas de contornar essas problemáticas, adaptando o que haviam planejado, transformando materiais e modificando os espaços. Martins, Cordeiro e Santos (2024) destacam o papel do professor comprometido na superação de eventuais desafios. Os autores salientam que “mesmo diante de desafios, a escola abriga práticas pedagógicas transformadoras. Docentes engajados/as em uma educação sensível, humanista e crítica promovem o bem viver compartilhado e fortalecem a permanência estudantil”.

Apesar de, hoje, os sujeitos da comunidade escolar reconhecerem os esforços dos professores de Educação Física para oportunizarem uma aula de qualidade apesar da falta de espaços adequados, em outros tempos a ausência de estrutura física na escola universo



desta pesquisa foi motivo de apreensão por parte da coordenadora Prefect ao ser informada sobre a chegada dos professores de Educação Física na escola:

A nossa preocupação maior foi isso, por nossa escola não ter uma quadra, né? Também foi outra preocupação, porque querendo ou não, professor, você precisa dar sua aula, e sua aula de Educação Física tem a parte da sala de aula, mas tem a parte prática também. E a gente sente uma dificuldade de não ter um local (Coordenadora Prefect, 25/10/2024).

Além da ausência de estrutura física percebida como fator limitante, a professora Trillian também observa que há escassez de recursos materiais para a execução de aulas diferentes e momentos únicos, o que, por vezes, acaba empobrecendo a aula:

Um ponto que acho limitante demais é a falta de recursos. Eu acho que vocês sofrem muito com isso e a gente percebe quando a gente chega na escola, porque muitos de vocês querem fazer uma aula bacana, pensam em coisas diferentes e querem fazer momentos únicos, mas quando vão procurar material não tem. E a gente sabe que isso é uma falha, e às vezes a aula fica empobrecida nesse sentido, de que a falta de materiais é complicado (Professora Trillian, 28/09/2024).

Os estudantes são os que mais sentem com a ausência de espaços adequados e a falta de materiais necessários para as aulas de Educação Física escolar, no depoimento de Agrajag, ela sonha com diferentes materiais para cada unidade temática do componente curricular:

Bom, eu vou dizer sobre [o que falta em] cada matéria. Lutas falta os materiais de luta, os materiais de proteção, né? Tipo assim, se a gente fosse praticar uma luta tinha que ter as armaduras para praticar esgrima, né? E sobre dança teria que ter um espaço só para dança. E também uma sala para cada matéria, não necessariamente para jogos e brincadeira, porque dá para fazer na quadra. Na minha opinião, para a escola ficar perfeita, está faltando a quadra (Estudante Agrajag, 01/11/2024).

Essa problemática também foi observada por Santos, Mendes e Ladislau (2014), segundo os autores, a carência de materiais pedagógicos necessários para a aula de Educação Física faz com que os docentes busquem soluções criativas para suprir deficiências, como a produção de materiais alternativos e reciclados, por exemplo.

Para contornar o problema há, ainda, docentes que compram seu próprio material, enquanto outros pedem para que os estudantes tragam os materiais necessários de casa. A análise de Santos, Mendes e Ladislau (2014) corrobora o relato da coordenadora Prefect:

O espaço para exercer a profissão, materiais, infelizmente nem toda escola dispõe, que o professor tem que tirar do bolso dele. Chegou até se não me engano a vir um dinheiro para a Educação Física, mas eu sei que não foi o suficiente, porque existe a faixa etária, tem professor que só pega a Educação Infantil, tem professor que só pega os primeiros e segundos anos, os outros só os maiores, então tem que ter um material diversificado para que o profissional exerça a função dele com excelência (Coordenadora Prefect, 25/10/2024).



Isso também ocorre na realidade dos docentes de Fortaleza/CE. Ao descreverem os materiais disponíveis no questionário, dois professores revelaram que, com a escassez de recursos, recorreram a essa prática:

Minha escola teve materiais, mas só duraram os 6 primeiros meses de 2023. Hoje temos materiais que eu comprei com meu dinheiro. Espaço não há, trabalho num pequeno pátio no Interior da escola (Professor 9).

[Tenho] uma cantina e alguns cones e duas bolas que eu comprei (Professor 10).

Essas alternativas encontradas demonstram o interesse do professor em conduzir o componente curricular mesmo sem as condições adequadas. Entretanto, apesar de interessado, o engajamento para que os órgãos responsáveis ofereçam melhores condições é indispensável como posição política para uma Educação Física de qualidade. (Santos; Mendes, Ladislau, 2014).

É necessário lembrar que a falta de condições de trabalho é um dos fatores que pode levar ao abandono da carreira docente (Leal; Alves, 2024). Então é responsabilidade do poder público - dever do Estado, com base no inciso V, art. 206 da Constituição Federal de 1988, que versa sobre o princípio da valorização dos profissionais da educação escolar (Brasil, 2016) - valorizar o docente, dando as condições necessárias de trabalho para que haja desejo de permanecer na profissão. A Lei n. 14.817 de 16 de janeiro de 2024, que estabelece as diretrizes para a valorização dos profissionais da educação determina que:

Art. 3º A valorização dos profissionais da educação escolar básica pública contemplará: (...) III - condições de trabalho que favoreçam o sucesso do processo educativo, assegurando o respeito à dignidade profissional e pessoal dos educadores (Brasil, 2024).

A ausência de infraestrutura adequada para as aulas de Educação Física pode impactar negativamente na qualidade das aulas e, por consequência, no interesse e participação dos estudantes. A falta desses espaços restringe possibilidades de trabalho docente, limita a diversidade de atividades que poderiam ser oferecidas e obriga o professor a conduzir eventuais adaptações nos espaços ou nas atividades. Transformar corredores em sala (o que pode atrapalhar outras salas de aula) e salas de aula em ginásios poliesportivos (o que pode ocasionar problemas com estudantes que têm sensibilidade auditiva) é uma rotina para alguns desses docentes.

A escassez de recursos materiais para a Educação Física é outro fator limitante identificado neste estudo. Essa falta de recursos pode limitar o acesso dos estudantes a experiências e práticas corporais diversificadas, reduzindo o potencial do componente



curricular. A falta de materiais dificulta o planejamento docente, além de impactar negativamente na motivação dos estudantes (Santos, Mendes e Ladislau, 2014), o que pode levar à diminuição no engajamento e absenteísmo nas aulas. Para enfrentar essa problemática, os professores utilizam estratégias como compra de materiais para si, confecção de materiais reciclados e pedidos para que os discentes tragam seu próprio material.

Para garantir uma Educação Física de qualidade é necessário que se cumpra o que dispõe a Constituição Federal de 1988 e a Lei n. 14.817/2024: o profissional da educação deve ser valorizado. Uma das formas de valorização é melhorar as condições de trabalho dos profissionais escolares. É dever do poder público investir na construção e manutenção de quadras, áreas cobertas, espaços ao ar livre, salas de dança, aquisição de equipamentos adequados e materiais esportivos diversificados para que a Educação Física eleve seu potencial como componente curricular promotor do desenvolvimento integral do estudante.

Cabe ao professor e à comunidade escolar fiscalizar e cobrar dos representantes do Estado que as políticas públicas relacionadas à valorização do profissional da educação e à melhoria das suas condições de trabalho sejam colocadas em prática no Brasil. Enquanto isso não se materializa, o professor tem o dever de fazer o seu melhor com as condições que lhe são oferecidas.

4.2.2 O desafio da adaptação inicial dos professores de Educação Física

As limitações relacionadas à falta de infraestrutura e à escassez de recursos materiais disponíveis nas escolas de Anos Iniciais do Ensino Fundamental não são exclusividade das escolas dessa etapa de ensino, são entraves encontrados, também, em outros níveis (Anos Finais do Ensino Fundamental, Ensino Médio).

Entretanto, uma característica específica que atravessa a entrada dos professores de Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de Fortaleza/CE é o ineditismo desse fenômeno. O novo requer adaptação. Portanto, a inserção desses docentes nessa etapa de ensino apresenta desafios e oportunidades - percebidos e relatados pelos sujeitos participantes da pesquisa - relacionados à adaptação desses profissionais ao novo contexto educacional. Uma nova escola, um novo público, novos objetos de estudo, novos colegas de trabalho, tudo novo, um novo caminho - complexo e peculiar.



Para boa parte dos professores de Educação Física novatos na rede, esse caminho é novo por ser a primeira oportunidade de trabalho com os Anos Iniciais e, para outra parte, por serem docentes na fase de entrada na carreira (até 3 anos de docência) - entre a sobrevivência e a descoberta (Huberman, 2000). Os dois gráficos abaixo ilustram esses indícios. Dos profissionais entrevistados: mais da metade estão na fase de entrada na carreira (54,5%); e, mais de $\frac{3}{4}$ nunca haviam trabalhado com turmas de Anos Iniciais do Ensino Fundamental (75,8%).

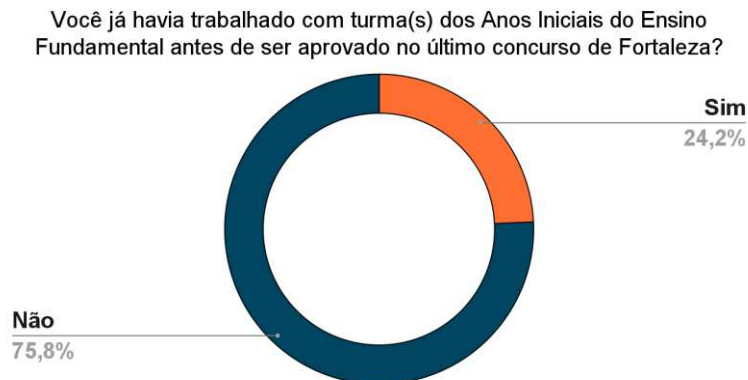


Figura 23: Experiência docente com os Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Há quanto tempo você atua como professor de Educação Física Escolar?

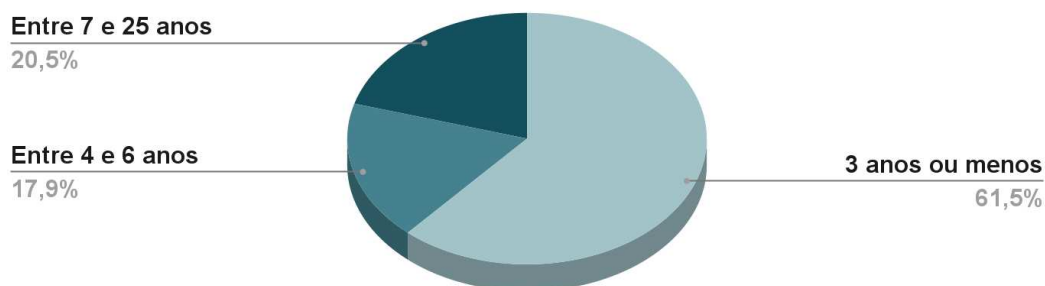


Figura 24: Tempo de experiência na Educação Física Escolar

A fase de entrada na carreira é um dos momentos de mais encontros e desencontros na construção da identidade docente e apresenta algumas características particulares: é marcada por desafios, dilemas e conquistas; considerada uma etapa de sobrevivência na profissão; quando ocorre a descoberta da prática de ensino; percebe-se uma distância dos ideais para a realidade da sala de aula; exploração das questões institucionais; entre outros (Huberman, 2000; Folle *et al*, 2009). É um momento de novidade, de conhecer, adaptar-se e se integrar à comunidade escolar.

É importante destacar que esse processo de adaptação é uma via de mão dupla, ou seja, os sujeitos da comunidade escolar também precisaram se adaptar à chegada de um



novo profissional nas instituições de ensino, como demonstra o relato da coordenadora Prefect:

Meu filho eu vou ser bem sincera [sobre a chegada dos professores de Educação Física], enquanto gestão foi uma loucura, né? Porque era mais um professor, o objetivo a gente entendia, que precisava de um professor de Educação Física, só que mexeu com a carga horária de todo mundo. E o próprio Distrito não sabia informar como a gente ia fazer esse horário, porque o horário na Prefeitura de Fortaleza não é de Deus, né? A organização ficava por conta da gestão. [...] Então nós tivemos que nos adaptar, né? E eles diziam que talvez não tivesse professor suficiente para todas as escolas, aí quer dizer, eu fazia um horário que eu não sabia se vinha professor. Então foi muito difícil para nós enquanto gestão, também para os outros professores entenderem que não haveria nenhuma perda salarial para eles, porque eles achavam que se tirasse duas horas do professor PRA [Professor Regente “A” - de maior carga horária], porque o primeiro direcionamento era assim “tira duas horas do professor PRA que vai entrar o professor de Educação Física”. Então se o professor PRA ele tinha 13 ou 14. ele ia passar a ter duas a menos, e ninguém entendia isso. Depois é que foi organizado, que existia o PRB [Professor Regente “B” - de menor carga horária], que antes dava Ciências e Matemática para só ser dado só Matemática para o professor de Educação Física pegar as duas horas. Mas isso, meu filho, foi um processo de dois a três meses para a gente se adequar, o professor chegar... A prova é tanta que hoje tem professor que é todo quebrado, porque dá 6 horas aqui, 7 horas em outra escola, para poder completar as 13 horas ou 14. Então foi um processo de adaptação, né? [...] A gente teve também que se adequar aos professores, porque a gente não tinha o conhecimento da Educação Física, porque no meu tempo, o que era o professor de Educação Física? Pega uma bola e deixa os meninos brincando na quadra (Coordenadora Prefect, 25/10/2024).

Em Fortaleza/CE, como na maior parte dos municípios brasileiros, o ensino da Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental era responsabilidade - na maioria das turmas - do/da pedagogo/a responsável pela turma. Os professores de Educação Física, no município, trabalhavam, preferencialmente, nas turmas de Anos Finais. Como já mencionado, isso muda em 2023, com a posse de um grande número de professores do componente curricular e a lotação desses profissionais em vagas de turmas de Educação Infantil, de Anos Iniciais e de Anos Finais do Ensino Fundamental, ou seja, atravessando todas as etapas de ensino que são responsabilidade municipal.

Sanches e Venâncio (2022) destacam que, anteriormente, um movimento parecido foi ensaiado, mas em menor proporção. É necessário destacar isso, pois, apesar de ser um terreno novo para a maioria dos profissionais recém ingressos, em poucas escolas de Anos Iniciais alguns docentes de Educação Física já estavam desbravando esse espaço, descobrindo e trilhando novos caminhos por entre essas veredas.

Por ser um novo fenômeno, a entrada dos professores de Educação Física nas turmas de Anos Iniciais foi desafiadora, contudo além de um desafio, demonstrou-se também como uma oportunidade. Oportunidade de apresentar a Educação Física para um



novo público, de crescer profissionalmente e aprender em um novo ambiente e, acima de tudo, de criar uma nova identidade para a Educação Física escolar nessa etapa de ensino.

Inegavelmente, para atingir esses objetivos foi necessário, antes, demonstrar seriedade, competência, um trabalho comprometido e de excelência, que tivesse significado para os sujeitos da comunidade escolar. Havia - como já demonstrado em relatos anteriores - certo receio por alguns desses sujeitos, devido a preconceitos ligados à historiografia da Educação Física escolar e, principalmente, experiências negativas vivenciadas por esses indivíduos em sua vida escolar ou de seus filhos. Precisou-se de um esforço para que esses sujeitos percebessem mudanças positivas no componente curricular:

Comecei a ver [diferenças na Educação Física] pelo tipo de profissional que trabalha aqui na escola. Porque eu vejo que os professores, no começo nem todos... que a gente falava que [ia] enrolar a aula. Não, mas hoje eu vejo os professores querendo se aperfeiçoar, querendo ser melhores, fazendo um trabalho digno da Educação Física mesmo, não é só a bola, não é só o brincar, é o ensinar mesmo. Eu senti essa diferença. No começo até os próprios profissionais tiveram que se adequar, tinham profissionais que eram personal trainer, tinham outras funções, que hoje, querendo ou não, o homem, o masculino, é mais difícil. Hoje tem todo um processo para você se aproximar das crianças, até isso, o cuidado. Quando eu era coordenadora eu sempre falava para os professores, olha, cuidado no pegar, no sentar, no abraço, que hoje as mentes estão doentes, né? E para o homem ainda é mais complicado (Coordenadora Prefect, 25/10/2024).

A transição do Ensino Médio ou dos Anos Finais para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental exige dos professores de Educação Física uma reformulação de suas práticas docentes. Essa reformulação envolve compreender características próprias da infância. A forma de falar, de ensinar e aprender, de demonstrar afeto é diferente entre crianças e adolescentes.

É necessário, dessa maneira, estar predisposto a mudanças, perceber-se como ser humano e, por conseguinte, como ser inacabado. É necessário ao professor estar atento às possibilidades e não se prender a determinismos, afinal “ensinar exige consciência do inacabamento” (Freire, 1996, p. 22).

A mudança na prática docente de alguns professores já é notada por alguns sujeitos da comunidade escolar. Gargravar, por exemplo, compara a prática pedagógica dos professores de Educação Física dos Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental. Ela, que além de mãe de um estudante, também é professora na escola - e, anteriormente, lecionava Matemática para turmas dos Anos Finais - percebe diferenças entre os profissionais que atuam nas distintas etapas do Ensino Fundamental, como pode ser observado no relato:



Eu vou falar até mesmo em uma visão bem antes que eu tenho, que quando eu ensinava do 6º ao 9º já tinha as aulas de Educação Física e a gente vê, assim, a questão da diferença do professor do Ensino Fundamental 2 para o Ensino Fundamental 1, que são bem diferentes, embora seja a mesma disciplina, mas eu, assim, sou suspeita para falar porque eu admiro, eu sou alguém que acha maravilhosa essa aula de Educação Física e eu acho que só veio mesmo para agregar mais ainda na educação (Gargravar, professora e mãe, 19/11/2024).

Apesar de alguns professores terem conseguido se adaptar e reinventar sua prática docente, outros, aparentemente, sentiram dificuldades relacionadas a essa transição. Trillian percebe essa dicotomia na adaptação e sugere que a rede de ensino ofereça um momento de formação continuada para esses profissionais, objetivando um aprendizado e aperfeiçoamento da prática pedagógica focada no novo público:

E, outro ponto que eu penso que poderia melhorar, né? Por conta mesmo da prefeitura, já que viu a necessidade e reconheceu a importância do professor de Educação Física nessas etapas, na Educação Infantil e nos Anos Iniciais, eu acredito que seria interessante, rico, se vocês tivessem, muitos de vocês não tem, como você falou, não tinham o hábito de trabalhar com essa faixa etária, então seria muito interessante se vocês tivessem momentos onde vocês fossem realmente ensinados a trabalhar com as crianças menores, porque a didática é diferente dos Anos Finais. Então os meninos precisam ter outro olhar, os meninos precisam de um olhar mais individualizado em alguns momentos, existem situações que requerem um pedagógico mais trabalhado, mais elaborado para eles, e como alguns não tinham essa prática eu percebi que sentiram essa dificuldade quando chegaram na Educação Infantil e nos Anos Iniciais. De dizer “meu Deus, e agora, o que eu vou fazer e como vai ser?”. E aí a gente foi aprendendo muito ali na escola, a gente foi se ajudando e, hoje, muitos já dão show na Educação Física com essas turmas. Mas eu acho que seria muito importante, para vocês, um momento de aprendizado e aperfeiçoamento da prática para essa faixa etária (Professora Trillian, 28/09/2024).

No mesmo sentido, a relevância dos cursos de formação continuada e aperfeiçoamento para os professores de Educação Física é mencionada por Rocha, Silva e Leite Filho (2022): “É altamente relevante que o professor de Educação Física busque se aperfeiçoar e inovar sua prática pedagógica através de cursos de formação continuada e aperfeiçoamento, tendo em vista a inovação das aulas e a participação dos alunos”.

Trillian também destaca a importância de mobilizar um momento com a comunidade escolar para apresentação e esclarecimentos sobre o componente curricular, seus conteúdos e objetivos nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Esse movimento parece ser necessário, já que, como mencionado anteriormente, o processo de adaptação ocorre com o professor, mas também com a comunidade escolar. É um fenômeno novo para ambos. Além disso, como também já demonstrado anteriormente, alguns sujeitos da comunidade escolar ainda tem uma ideia enviesada e ultrapassada sobre a Educação Física escolar, que precisa ser mudada:



E, outro ponto que eu vejo ser necessário é ter um momento com a comunidade escolar, com as famílias, explicando o que é trabalhado no componente Educação Física, principalmente no que diz respeito às matrizes africanas, eu acho que os pais precisam saber, eu acho que eles precisam ter esse conhecimento, eles precisam entender o que o professor está fazendo ali, o que está sendo ensinado e o porquê. Eu acho que a partir do momento que isso acontece com a comunidade escolar, eu acho que evita alguns constrangimentos e desmistifica algumas ideias que, por ora, já são meio ultrapassadas (Professora Trillian, 28/09/2024).

“Ensinar exige disponibilidade para o diálogo” (Freire, 1996, p. 50). O diálogo com diferentes sujeitos da comunidade escolar é fundamental para o processo de adaptação do professor. É a partir do diálogo que o professor constrói, desconstrói e reconstrói sua prática docente. O diálogo na escola pode facilitar no processo de adaptação, porquanto possibilita compreender visões, romper barreiras e construir pontes que conectam diferentes formas de pensar.

É necessário evidenciar que a maioria dos professores voluntários desta pesquisa foram bem acolhidos ao ingressaram nas comunidades escolares, envolvendo-se, apenas, em alguns conflitos pontuais, o que, possivelmente, facilitou o diálogo, convivência e integração com os sujeitos que fazem parte do ambiente escolar. Contudo, também é necessário lembrar que a amostra pesquisada foi menor que a estipulada inicialmente, o que diminui o índice de confiança. Por isso, é preciso enfatizar que essa não é a realidade de todos os professores novatos.

Ao serem indagados, no questionário, sobre o acolhimento e integração com a comunidade escolar, os docentes voluntários tinham a opção de marcar uma entre quatro opções: senti-me acolhido ao chegar na escola e hoje me sinto integrado; senti-me acolhido ao chegar na escola, mas hoje me sinto isolado; não me senti acolhido ao chegar na escola, mas hoje me sinto integrado; ou não me senti acolhido ao chegar na escola e hoje me sinto isolado.

Em relação a seu acolhimento e integração com a comunidade escolar:

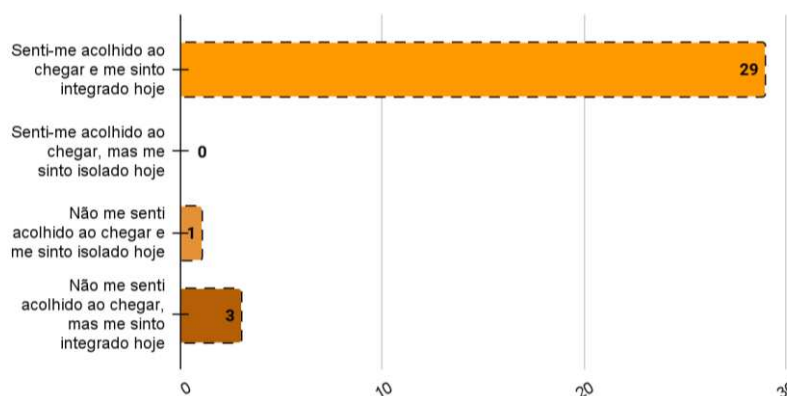


Figura 25: Acolhimento e integração professor-comunidade escolar



Como pode ser visualizado no gráfico anterior, dos 33 professores envolvidos na pesquisa, 29 (87,9%) se sentiram acolhidos ao chegar na escola e se sentem integrados com a comunidade escolar. Apenas 4 (12,1%) não se sentiram acolhidos em sua chegada e, desses, apenas 1 (3%) se sente isolado em seu ambiente de trabalho atualmente.

É importante mencionar novamente que existem desigualdades nas escolas da rede municipal de ensino de Fortaleza/CE. Pode-se perceber essas diferenças a partir dos relatos obtidos no questionário realizado com os docentes de Educação Física de diferentes escolas do município. Alguns professores descrevem ambientes acolhedores, convivência harmoniosa e conflitos pontuais:

Convivência positiva, meus colegas de trabalho foram muito acolhedores e valorizam muito esse trabalho da educação física nos anos iniciais pois é algo novo e diferente do que vinha sendo praticado (Professor 1).

Tenho boa convivência com todos e nunca tive nenhum problema que não pudesse ser resolvido conversando e ajustando as necessidades (Professor 2).

A minha convivência com as demais pessoas no ambiente escolar é muito boa. Sinto-me respeitado e acolhido por todos (Professor 3).

Me senti bem incluído ao chegar na escola. A maioria dos colegas de (não todos) percebem a Educação Física como uma disciplina importante. O ponto negativo é que quando alguma turma está sem professor, os alunos vão para a quadra, assim atrapalhando o momento prático das aulas de Educação Física (Professor 4).

Outros relatam que, apesar da resistência inicial, conseguiram se integrar com a comunidade escolar à medida que o tempo passou e o trabalho foi sendo desenvolvido:

No início [houve] muita resistência do corpo docente, mas hoje já existe, integração com a comunidade (nunca houve problema) e demais componentes da escola (Professor 5).

Em relação à convivência, considero bem favorável. No início, assim que cheguei nas escolas, senti um pouco de desconforto com a gestão e de alguns alunos por eu ser novato. Mas com o tempo consegui construir um bom relacionamento, e hoje em dia me dou muito bem com todos, principalmente alunos e professores. A convivência com os colegas professores foi boa desde o início, acredito que por ser a maioria novato na escola também. Sobre a visão da comunidade escolar com a EF, vejo de maneira positiva na medida do possível, já que infelizmente ainda existem algumas visões distorcidas sobre a EF na escola, mas acredito que consegui contornar essas problemáticas com o tempo (Professor 6).

No início havia uma desconfiança sobre meu trabalho por ser algo "novo" na rede, pelo menos na escola que estou lotado. Entretanto, hoje sinto-me abraçado por todos (Professor 7).

Há, ainda, a experiência de um terceiro grupo - cercada por problemas diversos e conflitos com diferentes sujeitos da comunidade escolar:

Muitos pais não compreendem a educação física; A maioria dos professores das outras áreas não aceitam (acham que é perda de tempo), atrapalhando na alfabetização e aprendizagem das crianças; Falta de apoio da gestão e



funcionários, sobretudo, com a limpeza da quadra e espaços afins durante a aula (Professor 8).

Com meus colegas professores e gestores o que mais dificulta a relação é a diferença de idade e acaba que muitas vezes me sinto menos ouvida em conversas importantes devido a isso (Professor 9).

Outro dado importante sobre a acolhida desses profissionais em suas novas escolas é que, a princípio, vários estavam receosos sobre como seriam recebidos pela comunidade escolar e seus sujeitos (principalmente os/as pedagogos/as, que tinham perdido carga horária do componente curricular). Entretanto, surpreenderam-se positivamente com a recepção e acolhida (principalmente dos/das pedagogos/as em seus locais de trabalho:

O que mais me surpreendeu foi o acolhimento com o qual os docentes me acolheram, tinha um receio quanto a isso e me surpreendi positivamente (Professor 1).

O acolhimento dos professores pedagogos [me surpreendeu positivamente]. Por já ter ouvido bastante relatos de outros professores de EF, de forma negativa em relação aos pedagogos, me surpreendi positivamente com o acolhimento, respeito e valorização da nossa disciplina (Professor 2).

O acolhimento por parte da equipe de professores (Professor 3).

Fiquei muito surpreso e feliz com o carinho que as professoras (pedagogas) têm com o trabalho. O pertencimento e a ideia de grupo é bem forte (Professor 4).

Essa colaboração entre professor de Educação Física e pedagogos, além de outros agentes escolares é essencial, segundo Assis e Pontes (2015), para a desfragmentação das disciplinas. Além disso, os autores afirmam que a parceria e as trocas de informações entre esses profissionais são fundamentais para uma melhor compreensão da turma e um trabalho interdisciplinar de excelência. Guirra e Prodócimo (2009) também apontam benefícios no trabalho em conjunto, descrito como a melhor forma de ação por respeitar direitos, vivência e particularidades. De acordo com os autores, o pedagogo conhece o cotidiano dos discentes, suas características, dificuldades e qualidade, enquanto o docente especialista possui maior conhecimento do corpo em movimento. O relato de Benjy corrobora essa visão:

O professor de maior carga horária acaba tendo uma visão melhor da turma, né? Mas, assim, cada professor, na sua área, ele consegue me dar uma observação de um jeito diferente, né? E que é importante essas observações, por isso que os relatórios eu peço para cada um falar um pouco, porque junto eu consigo ver, na realidade, como está essa criança, né? Mas é claro que o que fica com maior carga horária acaba abrangendo mais porque a gente tem a questão da leitura, da escrita, né? Mais a socialização com a Educação Física fechou... (Professora do AEE Benjy, 28/10/2024).



Diante do exposto fica evidente que a adaptação dos professores de Educação Física aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental é um processo complexo e singular. Por conseguinte, requer suporte institucional e comunitário, formação específica e disposição do docente para se reinventar.

A partir dessas evidências, o Guia da Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental é apresentado como uma ferramenta de suporte para que os docentes de Educação Física ingressando nessa etapa de ensino compreendam as percepções da comunidade escolar sobre o seu componente curricular e, em paralelo, que auxilie a comunidade escolar a entender o que é e o que propõe a Educação Física Escolar.

O professor de Educação Física deve afirmar, refletir e avaliar constantemente sua prática docente, que deve ser comprometida com seu componente curricular e com a escola. Afinal, “na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (Freire, 1996, p. 18). Contudo deve, paralelamente, compreender a cultura escolar já estabelecida, construindo uma relação dialógica com a comunidade escolar.



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa analisou as percepções de diferentes sujeitos da comunidade escolar sobre a entrada e o trabalho do professor de Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental na rede pública de Fortaleza. Foram investigados possíveis desafios e oportunidades emergentes desse processo. O estudo revela que o fenômeno da inserção desse docente nessa etapa de ensino representa uma transformação significativa na cultura escolar, exigindo adaptações da escola e dos indivíduos que fazem parte dela.

Os resultados apontam que a chegada do professor de Educação Física nessas escolas impactou positivamente em determinados aspectos do componente curricular: o reconhecimento da Educação Física como componente curricular obrigatório; a valorização das diferentes práticas corporais como unidades temáticas e objetos de conhecimento relevantes e essenciais para a escola; a percepção da importância da Educação Física para o desenvolvimento integral dos estudantes; o aumento do interesse dos discentes pela escola; e a afirmação da identidade da Educação Física escolar, rompendo com visões enviesadas e estereotipadas.

Entretanto, desafios como a falta de condições estruturais, recursos materiais insuficientes, além de eventuais dificuldades na adaptação inicial desses profissionais às escolas de Anos Iniciais ainda se apresentam como entraves a serem superados.

Evidenciou-se, ao longo da pesquisa, que a aceitação e o reconhecimento do trabalho docente em Educação Física dependem, em grande parte, do engajamento desse profissional com a escola e do apoio oferecido pelos sujeitos que fazem parte dela. A construção de uma nova identidade para a Educação Física escolar demanda um esforço coletivo para desconstruir percepções equivocadas e/ou ultrapassadas sobre o componente curricular e reforçar a importância da disciplina para os estudantes e a escola como um todo.

É necessário destacar a importância de acolher adequadamente os professores novatos, pois muitos enfrentam dificuldades relacionadas ao período de entrada na carreira docente, uma etapa repleta de desafios e descobertas. O Guia da Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (desenvolvido como produto educacional desta pesquisa) visa oferecer suporte aos docentes, apresentando recomendações sugeridas por diferentes sujeitos da comunidade escolar para enfrentar eventuais desafios encontrados e potencializar oportunidades que possam surgir.

Diante do ineditismo da introdução de professores de Educação Física em todas as turmas de Anos Iniciais da rede municipal de Fortaleza, este estudo busca contribuir para



a compreensão desse fenômeno, abrindo caminhos para futuras investigações sobre a consolidação desse movimento ao longo dos anos. Seria pertinente, por exemplo, analisar os impactos dessa mudança na aprendizagem dos discentes e na identidade profissional dos docentes ao longo do tempo. Outra sugestão é ampliar essa investigação para outras escolas da rede.

É relevante apontar que, pela proximidade do pesquisador com a comunidade escolar e os sujeitos investigados, possíveis críticas podem ter sido invisibilizadas e/ou silenciadas. Seria interessante que, em futuros estudos, os resultados fossem coletados por um pesquisador externo à escola para analisar eventuais críticas e evitar um viés positivo sobre o fenômeno. É preciso ressaltar, também, que a realidade apresentada neste estudo é a realidade encontrada na escola que serviu de universo para esta pesquisa. Logo, outras escolas, outros distritos de educação, outras redes de ensino podem ter realidades diferentes ou até mesmo opostas às encontradas e relatadas nesta pesquisa.

Outro ponto limitante a ser mencionado foi o tempo para a conclusão da pesquisa. Como se trata de uma dissertação de mestrado, precisou ser concluída no prazo regulamentar de 24 meses. Entretanto, esse tempo foi insuficiente para a análise e reflexão adequada de todos os dados devido à quantidade de informações coletadas. Contudo, dados que não foram discutidos nesta pesquisa serão aproveitados em estudos posteriores. Informações coletadas sobre convivência, conflitos, expectativa e realidade encontradas pelos docentes vão ser abordadas em pesquisas inéditas que serão submetidas a revistas e eventos científicos em breve.

Por fim, é preciso enfatizar que a Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental representa uma oportunidade para transformar a experiência escolar das crianças. É um componente curricular capaz de promover o desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas e socioafetivas. Para que essa mudança ocorra efetivamente, de maneira sólida e positiva, é fundamental que haja políticas de valorização profissional, formação continuada, investimentos em recursos materiais e infraestrutura adequados, além de uma maior sensibilização da comunidade escolar sobre a importância do componente curricular para a escola e os estudantes. Dessa maneira, um espaço escolar no qual a Educação Física é reconhecida e valorizada como essencial para a formação integral dos discentes poderá ser consolidado.



REFERÊNCIAS

ADAMS, D. **O Guia do Mochileiro das Galáxias**. São Paulo: Editora Arqueiro, 2007.

AGUIAR, M. A. S. Relato da resistência à instituição da BNCC pelo Conselho Nacional de Educação mediante pedido de vista e declarações de votos. *IN: AGUIAR, M. A. S.; Dourado, L. F. (Orgs.). A BNCC na contramão do PNE 2014-2024: avaliação e perspectivas*. Recife: ANPAE, 2018, p. 8-22. Disponível em: <https://www.seminariosregionaisanpae.net.br/BibliotecaVirtual/4-Publicacoes/BNCC-VERSAO-FINAL.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2024.

ALMEIDA, F. Q. de. Educação Física escolar e práticas pedagógicas inovadoras: uma revisão. **Corpoconsciência**. Cuiabá, v. 21, n. 3, p. 7-16, set./dez., 2017.

ASSIS, A. D.; PONTES, M. F. P. Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: repensando a atuação docente. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 27, n. 45, p. 113-123. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2015v27n45p113/30199>. Acesso em: 28 set. 2023.

AYOUB, E. Reflexões sobre a educação física na educação infantil. **Revista paulista de Educação Física**, São Paulo, supl. 4, p. 53-60, 2001.

BAHIA, C. S.; NASCIMENTO, J. V.; FARIAS, G. O. Formação em educação física e a intervenção na escola. In: FARIAS, G. O.; NASCIMENTO, J. V (Orgs.) **Educação, saúde e esporte: novos desafios à Educação Física** [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2016, p. 26-54.

BAIANA SYSTEM. **Invisível**. YouTube, 2 fev. 2017. Disponível em: <https://youtu.be/2PrQwMFGMUc>. Acesso em: 22 jul. 2023.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução: RETO, L. A.; PINHEIRO, A. Lisboa: Edições 70, 1977. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/803/80313414016.pdf>. Acesso: 28 set. 2023.

BARROS, A. C. O Conjunto Ceará e a política de habitação na ditadura civil-militar (1976-1985). **Fronteiras: Revista de História**. Dourados, v. 23, n. 42, p. 147-171, jul./dez. 2021. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/15816/8566>. Acesso em: 19 ago. 2023.

BARROS, M. S. **Educação Física escolar e a falta de infraestrutura e materiais pedagógicos para o professor no ensino público**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Educação Física da Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC/GO, 2021. Disponível em: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/2748>. Acesso em: 20 jan. 2025.

BARTELMEBS, R. C. Analisando os dados na pesquisa qualitativa. **Metodologias de Estudos e Pesquisa em Educação III**. 2013. Disponível em:



http://www.sabercom.furg.br/bitstream/1/1453/1/Texto_analise.pdf. Acesso em: 28 set. 2023.

BAILEY, R. Physical education and sport in schools: a review of benefits and outcomes. **Journal of school health**, v. 76, n. 8, p. 397-401, 2006. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16978162/>. Acesso em: 17 jan. 2025.

BELLÚCIO, V.; NASCIMENTO, D. S.; SILVA, W. A.; DEL PIEIRO T. Evasão dos alunos nas aulas de Educação Física: as possíveis explicações para esse “fenômeno”. **JNT Facit Business and Technology Journal**, v. 1, n. 23, 2021. Disponível em: <https://jnt1.websiteseuro.com/index.php/JNT/article/view/854/614>. Acesso em: 17 jan. 2025.

BERTINI JUNIOR, N. TASSONI, E. C. M. A educação física, o docente e a escola: concepções e práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 27, n. 3, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbefe/a/Bqn9wHyTThPRXgf9XnSSVPD>. Acesso em 19 jan. 2025.

BETTI, M.; ZULIANI, L. R. Educação Física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esportes**, ano 1, n. 1, p. 73-81 2002. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1363/1065>. Acesso em 18 jan. 2025.

BORMAN G.; DOWLING, M. Teacher attrition and retention: a meta-analytic and narrative review of the research. **Review of Educational Research**, v. 78. p. 367-409, sep. 2008. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40071133>. Acesso em: 24 jan. 2024.

BOYD, D.; GROSSMAN, P.; LANKFORD, H.; LOEB, S.; WYCKOFF, J. Who leaves? Teacher attrition and student achievement. **National Bureau of Economic Research**, Cambridge, 2008. Disponível em: <https://www.nber.org/papers/w14022>. Acesso em 24 jan. 2023.

BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

BRACHT, V. Educação Física & ciência: cenas de um casamento (in)feliz. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [s.l.], v. 22, n. 1, p. 53-63, set. 2000. Disponível em: <http://www.revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/753/427>. Acesso em: 25 jan. 2024.

BRASIL. **Base nacional comum curricular: Educação Física**, quarta versão. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, 2016. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 21 jan. 2025.



BRASIL. LDB. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da educação nacional. Legislação. Brasília, DF, dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 05 set. 2023.

BRASIL. Lei nº. 14.817 de 16 de janeiro de 2024. Estabelece as diretrizes para a valorização dos profissionais da educação escolar básica pública. Brasília, DF, 2024. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2024/lei-14817-16-janeiro-2024-795254-publicacaooriginal-170860-pl.html>. Acesso em: 21 jan. 2025.

BRASIL, Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação. Parecer nº 11, de 07 de julho de 2010. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de nove anos**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007_10.pdf. Acesso em: 05 set. 2023.

BRASIL, Ministério da Educação, Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL/MG), Comitê de Ética em Pesquisa. **Tabela de Exemplos de Riscos e Medidas Minimizadoras**, 2021. Disponível em: https://www.unifal-mg.edu.br/cep/wp-content/uploads/sites/183/2023/09/Tabela_Riscos_e_Medidas_Minimizadoras.15.09.23.pdf. Acesso em: 29 set. 2023.

BRASIL, Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466/12**, de 12 de dezembro de 2012. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html. Acesso em: 29 set. 2023.

BRASIL, Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510/16**, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana. Disponível em: https://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/documentos/NORMAS-RESOLUCOES/Resoluo_n_510_-_2016_-_Cincias_Humanas_e_Sociais.pdf. Acesso em: 23 fev. 2024.

BRANDL, C. E. H.; BRANDL NETO, I. A importância do professor de educação física nos anos iniciais do ensino fundamental. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 13, n. 2, p. 97-106, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7956773>. Acesso em: 28 set. 2023.

BUCHANAN, J; PRESCOTT, A.; SCHUCK, S.; AUBUSSON, P.; BURKE, P.; LOUVIERE, J. Teacher retention and attrition: views of early career teachers. **Australian Journal of Teacher Education**, v. 38, n. 3, p. 112-129, 2013. Disponível em: <https://ro.ecu.edu.au/cgi/viewcontent.cgi?article=2030&context=ajte>. Acesso em: 24 jan. 2024.

CARDOSO, W. C. **Adeus magistério: O abandono dos professores de Sociologia da Rede Estadual de Ensino de São Paulo**. 2018. Monografia (Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais) - Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), 2018. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/49773>. Acesso em: 24 jan. 2024.



CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso *versus* análise de conteúdo. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, p. 679-84, out./dez., 2006. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/tce/a/9VBbHT3qxByvFCtbZDZHgNP/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 28 set. 2023.

CARMO, V. F. S.; SILVA, V. O. B. Os desafios dos professores de educação física nos anos iniciais do ensino fundamental. **Revista Eletrônica Nacional de Educação Física**, Edição Especial, v. 5, n. 6, ago., 2022.

CARRASQUEIRA, K.; KOSLINSKI, M. Fatores associados à mobilidade docente no município do Rio de Janeiro. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 49, n. 173, p. 106-129, jul./set. 2019. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cp/a/WbsKWvbtD3CtsDDzsbZ5m5B/?lang=en>. Acesso em: 24

jan. 2024.

CARVALHO, J. P. X.; BARCELOS, M.; MARTINS, R. L. D. R. Infraestrutura escolar e recursos materiais: desafios para a Educação Física contemporânea. **Humanidades & Inovação**, v. 7, n. 10, 2020. Disponível em:

<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2917>. Acesso em:

20 jan. 2025.

CARVALHO, R. G. G. Cultura global e contextos locais: a escola como instituição possuidora de cultura própria. **Revista Ibero Americana de Educação**, v. 39, n.2, 2006. Disponível em: <https://rieoei.org/RIE/article/view/2588>. Acesso em: 21 jan. 2024.

CASTELLANI FILHO, L. Projeto reorganização da trajetória escolar no Ensino Fundamental: uma proposta pedagógica para a Educação Física. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 8, n. 1, p. 11-19, 1997.

CEARÁ. Conselho Estadual de Educação. Câmara da Educação Básica. **Resolução n. 412/2006**. Dispõe sobre o tratamento a ser dado à Educação Física nos currículos das escolas de Educação Básica. Disponível em: <https://www.cee.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/49/2011/08/RES-0412-2006>. Acesso em: 26 jan. 2024.

CEARÁ. **Documento curricular referencial do Ceará**: educação infantil e ensino fundamental. Fortaleza: SEDUC, 2019.

CHAER, G. DINIZ, R. R. P; RIBEIRO; E. A. A técnica do questionário na pesquisa educacional. **Evidência**. Araxá, v. 7, n. 7, p. 251-166, 2011. Disponível em:

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/maio2013/sociologia_artigos/pesquisa_social.pdf. Acesso em: 04 set. 2023.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 2012.

CONCEIÇÃO, V. J. S. da; MOLINA NETO, V. A cultura escolar sob o olhar do paradigma da complexidade: um estudo etnográfico sobre a construção da identidade docente de professores de Educação Física no início da docência. **Movimento**, [S.l.], v.



23, n. 3, p. 827-840, 2017. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br//Movimento/article/view/55916>. Acesso em: 18 jul. 2023.

DAÓLIO, J. **Educação Física e o conceito de cultura**. São Paulo: Autores Associados, 2004.

DEL-MASSO, M. C. S. **Pesquisa qualitativa**. Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, Marília, 2021. Disponível em:

<https://edutec.unesp.br/proef/turmaII/d2/anexo.10-T2-D02-parte2-pesquisa.qualitativa-VIDEO2.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2023.

ESTEVÃO, A. COVID-19. **Acta Radiológica Portuguesa**, Lisboa, v. 32, n. 1, p. 5-6, 2020. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/actaradiologica/article/view/19800>. Acesso em: 08 set. 2023.

FARIA, B. A. Cultura escolar, reconhecimento e Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 36, n. 2, p. s310-S323, abr./jun. 2014.

FARIA, B. A.; MACHADO, T. S.; BRACHT, V. A inovação e o desinvestimento pedagógico na Educação Física escolar: uma leitura a partir da teoria do reconhecimento social. **Motriz: Revista de Educação Física**, Rio Claro, v. 18, n. 1, p. 120-129, jan./mar. 2012. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/motriz/a/YvpN9x6QjPCLCDYVWXjpbjD/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 25 jan. 2024.

FARIAS, G. O.; BATISTA, P. M. F.; GRAÇA, A.; NASCIMENTO, J. V. Ciclos da trajetória docente em Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 441-454, abr./jun. 2018. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/mov/a/TcbJRW5ZS7DSHyNNpx8hnRw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 set. 2023.

FAVATTO, N. C.; BOTH, J. Motivos para abandono e permanência na carreira docente em educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, v. 41, n. 2, p. 127-134, 2019. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbce/a/hZwxF3d73HW6xPkNqMzskB/abstract/?lang=pt>. Acesso em 08. set. 2023.

FENSTERSEIFER, P. E.; GONZÁLEZ, F. J. **A escola e a Educação Física em sociedades democráticas e republicanas**. São Paulo: AVA Moodle Unesp [Edutec]; 2018. [Acesso restrito].

FERREIRA, E. C. S.; SANCHES NETO, L.; VENÂNCIO, L. Os desafios da supervisão do estágio em Educação Física na Educação Infantil: a perspectiva de uma professora pesquisadora em Fortaleza. **Revista Didática Sistêmica**, Rio Grande, v. 3, n. 2, p. 182-206, 2022. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/13403>. Acesso em: 26 jan. 2024.

FERREIRA, H. S.; TORRES, A. L. Educação Física na Educação Infantil e no Ensino Fundamental na percepção de pedagogos: um estudo de caso. **Revista FSA**, Teresina, v. 10, n. 4, art. 10, p. 183-194, out./dez. 2013. Disponível em:



<http://www4.unifsa.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/318>. Acesso em: 26 jan. 2024.

FOLLE, A.; FARIAS, G. O.; BOSCATTO, J. D.; NASCIMENTO, J. V. Construção da Carreira Docente em Educação Física: Escolhas, Trajetórias e Perspectivas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15. n. 1, p. 25-49, jan./mar., 2009. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/pdf/1153/115315234003.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2023.

FONSECA, D. G.; CARDOSO, L. T. Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: a questão da unicodência. **Revista Kinesis**, ed. 32, v. 1, jan./jun., Santa Maria, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/15601/9407>. Acesso em 06 nov. 2023.

FONSECA, A. G.; SAINT'CLAIR E. M.; CALOMENI, M. R.; ARÊAS NETO, N. T. A Educação Física escolar como potencial agente de redução da evasão escolar no ensino de jovens e adultos (E.J.A.). **EFDeportes, Revista Digital**, Buenos Aires, ano 17, n. 178, março de 2013. Disponível em:

<https://www.efdeportes.com/efd178/educacao-fisica-como-reducao-da-evasao-escolar.htm>. Acesso em: 16 jan. 2025.

FONTANA, R. A. C. **Como nos tornamos professoras?** Belo Horizonte, Autêntica, 2000.

FORQUIN, J.-C. **Escola e cultura:** as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4406876/mod_resource/content/3/Escola%20e%20cultura%20-%20livro.pdf. Acesso em: 20 jan. 2024.

FORTALEZA EM FOTOS. Blog. Disponível em:

<http://www.fortalezaemfotos.com.br/2011/08/conjunto-ceara-uma-cidade-dentro-da.html>. Acesso em: 19 ago. 2023.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, 5ª. ed.

FREIRE, P. Algumas reflexões em torno da utopia. In: FREIRE, A. M. A. (org.). **Pedagogia dos sonhos possíveis.** São Paulo: UNESP, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa, 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa, 70. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a Pedagogia do oprimido, 4ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. Disponível em:

<https://pibid.unespar.edu.br/noticias/paulo-freire-1992-pedagogia-da-esperanca.pdf/view>. Acesso em: 07 set./ 2023

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C.; GOODWAY, J. D. **Compreendendo o desenvolvimento motor:** bebês, crianças, adolescentes e adultos. 7. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.



GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1989. Disponível em: https://monoskop.org/images/3/39/Geertz_Clifford_A_interpretacao_das_culturas.pdf. Acesso em: 20 jul. 2023.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf Acesso em: 18 ago. 2023.

GOMES, A. K. A importância do reconhecimento profissional para a motivação dos colaboradores. **HumanÆ. Questões controversas do mundo contemporâneo**. v. 13, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.esuda.edu.br/index.php/humanae/article/view/628/220>. Acesso em: 22 jul. 2023.

GONDIM, S. M. G.; SILVA, N. Motivação no trabalho. In: ZANELLI, J. C.; ANDRADE, J. E.; BASTOS, A. V. B. (Org.). **Psicologia, Organizações e Trabalho no Brasil**. (pp. 145-176). Porto Alegre: Artmed. Disponível em: <https://ceaf.mpba.mp.br/wp-content/uploads/2022/10/Motivacao-no-Trabalho.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2023.

GONZÁLEZ, F. J. **Educação Física Escolar**: entre o “rola bola” e a renovação pedagógica. In: ALBUQUERQUE, D. I. P.; DEL-MASSO, M. C. S. (Org). **Desafios da Educação Física Escolar: temáticas da formação em serviço no ProEF**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. Disponível em: <https://edutec.unesp.br/proef/turmaII/d1/0008-unesp-iep3-livro-desafios-educacao-fisica-escolar-proef-15032021-v2.pdf#page=130>. Acesso em: 02 jun. 2023.

GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E.; RISTOW, R. W.; GLITZ, A. P. O abandono do trabalho docente em aulas de educação física: a invisibilidade do conhecimento disciplinar. **Educación Física y Ciencia**, v. 15, n. 2, 2013. Disponível em: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?pid=S2314-25612013000200002&script=sci_arttext&tlng=en. Acesso em: 24 jul. 2023.

GOODSON, I. F. **A vida e o trabalho docente**. Tradução: HENRIQUES, D. B. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2022.

GUIRRA, F. J. S; PRODÓCIMO, E. Trabalho corporal na educação infantil: afinal quem deve realizá-lo? **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 3, p. 708-713, jul./set., 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/motriz/a/nbvVc7P8zhfLj73f5JmmtzG/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 23 nov. 2023.

HOLANDA, G. I. S.; LASCH, J. V.; DIAS, R. F. A Educação Física na BNCC: desafios da escola republicana. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 33, n. 64, p. 1-18, 2021. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S2175-80422021000100333&script=sci_arttext. Disponível em: 26 jan. 2024.



HUBERMAN, M. **O ciclo de vida profissional dos professores.** In: NÓVOA, A. (Org). Vidas de professores. 2. ed. Porto: Porto, 2000. Tradução: CASEIRO, M. A.; FERREIRA, M. F. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4955745/mod_resource/content/1/Huberman-m-o-ciclo-de-vida-profissional-.pdf. Acesso em: 02 jun. 2023.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010.** Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

IPECE - INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ. **INFORME 42:** Perfil Municipal de Fortaleza. Tema VII: Distribuição Espacial de Renda Pessoal. Edição especial, n. 42, out., 2012. Disponível em: https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2018/09/Ipece_Informe_42_outubro_2012.pdf. Acesso em: 20 ago. 2023.

IPLANFOR - INSTITUTO DE PLANEJAMENTO DE FORTALEZA. Fortaleza em Mapas. Plataforma online. Disponível em: <https://mapas.fortaleza.ce.gov.br/>. Acesso em: 19 ago. 2023.

JULIA, D. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 1, jan./jun. 2001. Tradução: SOUZA, G. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4250681/mod_resource/content/1/273-846-1-PB.pdf. Acesso em: 02 jun. 2023.

KAMANZI, P.; TARDIF, M; LESSARD, C. Les enseignants canadiens à risque de décrochage: Portrait général et comparaison entre les régions. **Mesure et évaluation en éducation**, v. 38, n.1, 2015, p. 57-99. Disponível em: <https://www.erudit.org/fr/revues/mee/2015-v38-n1-mee02527/1036551ar/>. Acesso em: 26 jan. 2024.

KNUTH, A.; LOCH, M. “Saúde é o que interessa, o resto não tem pressa”? Um ensaio sobre educação física e saúde na escola. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v. 19, n. 4, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/RBAFS/article/view/3095>. Acesso em: 20 jan. 2025.

KRUG, H. N; KRUG, M. R.; KRUG, R. R. A fase de entrada na carreira docente nas percepções de professores de Educação Física iniciantes na Educação Básica: que momento é este? **Revista Eletrônica Pesquiseduca.** Santos, v. 12, n. 28, p. 587-603, set./dez., 2020. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/956/869>. Acesso em: 10 ago. 2023.

LEAL, T. M. A.; ALVES, T. Fatores associados ao abandono da profissão docente na educação básica: uma revisão sistemática. **Jornal de Políticas Educacionais**, v. 18, e94471, out., 2024. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/jpe/article/view/94471>. Acesso em: 10 jan. 2025.



- LEMES, V.; GAYA, A.; SILVA, N. S.; BRAND, C. Motivos para a participação nas aulas de educação física segundo adolescentes do ensino fundamental. **Revista Sustinere**, v. 10, n. 2, p. 625-640, 2022.
- LIBÂNEO, J. C.; SILVA, E. Finalidades educativas escolares e escola socialmente justa: a abordagem pedagógica da diversidade social e cultural. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**. Araraquara, v. 24, n. esp1, p. 816–840, 2020. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/13783>. Acesso em: 25 set. 2023.
- LIBÂNEO, J. C. Finalidades educativas escolares em disputa, currículo e didática. In: LIBÂNEO, J. C.; ROSA, S. V.; SUANNO, M. V. R.; ECHALAR, A. D. L. (Orgs.). **Em defesa do direito à educação escolar: didática, currículo e políticas educacionais em debate**. Goiânia: CEPED/Espaço Acadêmico, 2019
- LOPES, A. C. Apostando na produção contextual do currículo. *IN*: AGUIAR, M. A. S.; Dourado, L. F. (Orgs.). **A BNCC na contramão do PNE 2014-2024: avaliação e perspectivas**. Recife: ANPAE, 2018, p. 23-27. Disponível em: <https://www.seminariosregionaisanpae.net.br/BibliotecaVirtual/4-Publicacoes/BNCC-VERSAO-FINAL.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2024.
- LÜDKE, M. ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2020.
- MALDONADO, D. T.; SILVA, S. A. P. S. Análise de fatores que dificultam a prática pedagógica dos professores de Educação Física nas escolas da rede municipal de São Paulo. **Corpoconsciência**, Cuiabá-MT, v. 23, n. 3, p. 15-30, set./dez., 2019. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/8193/6241>. Acesso em: 26 jun. 2025.
- MARTINELLI, T. A. P.; MAGALHÃES, C. H.; MILESKI, K. G.; ALMEIDA, E. M. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 76-95, set. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2016v28n48p76/32564>. Acesso em: 26 jan. 2024.
- MARTINS, R. M.; CORDEIRO, L. L. B.; SANTOS, R. V. Por uma Educação Física escolar comprometida com a sensibilidade humana. **Momento - Diálogos em Educação**, v. 33, n. 3, p. 139-162, 2024. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/16992>. Acesso em: 28 jan. 2024.
- MARTINS, R. M. Educação física escolar a serviço da ditadura: o esporte como estratégia política. In: ENCONTRO CEARENSE DE HISTORIADORES DA EDUCAÇÃO - ECHE, 13.; ENCONTRO NACIONAL DO NÚCLEO DE HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO - ENHIME, 3.; SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E GEOEDUCACIONAIS - SINECGEO, 3., 25 a 27 set. 2014, Fortaleza (CE). **Anais...** Fortaleza: IMPRECE, 2014. p. 653-665. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/41157>. Acesso em 18 jan. 2025.
- MARTINS, R. M.; FERREIRA JUNIOR, J. R.; SILVA, M. E. H. Currículo colaborativo na área de Educação Física: a experiência do município de Maracanaú-CE. **South**



American Journal of Basic Education, Technical and Technological, v. 7, p. 25-41, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/346401446_CURRICULO_COLABORATIVO_NA_AREA_DE_EDUCACAO_FISICA_A_EXPERIENCIA_DO_MUNICIPIO_DE_MARACANAU-CE_COLLABORATIVE_CURRICULUM_IN_THE_AREA_OF_PHYSICAL_EDUCATION_THE_EXPERIENCE_OF_THE_MUNICIPALITY_OF_MARACANAU-. Acesso em: 28 set. 2023.

MARTINS, R. M. Inquietudes de um professor de Educação Física em tempos pandêmicos: o que compreendia e não tematizava, o que não consigo compreender e o que começo a saber. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 34, n.65, p. 1-16, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/89842/51163>. Acesso em: 28 jan. 2025.

MARTINS, R. M.; JÚNIOR, J. R. F.; MOURA, D. L. Análise da Educação Física no Documento Referencial do Ceará. **Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar**, Mossoró, v. 8, n. 25, jan., 2022. Acesso em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RECEI/article/view/3842/3009>. Disponível em: 28 set. 2023.

MARTINS, R. M.; SILVA, A. J. F.; FERREIRA JÚNIOR, J. R.; NOGUEIRA, P. H. S. A Educação Física na matriz curricular de conhecimentos básicos e no Documento Curricular Referencial do Ceará: uma análise comparativa implicada pela BNCC a partir do contexto pandêmico. **Corposciência**, Cuiabá, v. 27, jan./dez., 2023. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/15038>. Acesso em: 28 set. 2023.

MILLEN NETO, A. R.; CRUZ, R. P.; SALGADO, S. S.; CHRISPINO, R. F.; SOARES, A. J. G. A evasão escolar e desinteresse dos alunos nas aulas de Educação Física. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 1-15, maio/ago, 2010.

NEIRA, M. G. Incoerências e inconsistências da BNCC de Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, v. 40, n. 3, jul./set. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/m5NJPS7PQnCCxZZtCsdjsqL/#>. Acesso em: 26 jan. 2024.

NEIRA, M. G. **BNCC de Educação Física: caminhando para trás**. IN: CÁSSIO, F.; CATELLI JÚNIOR, R. (Orgs.). Educação é a base? 23 educadores discutem a BNCC. 1ª ed. São Paulo: Ação Educativa, 2019, v. 1, p. 159-175.

NÓVOA, A. O passado e o presente dos professores. IN: NÓVOA, A. (Org.). **Profissão professor**. Porto: Porto Editora. 1995.

NOVOS BAIANOS. **Mistério do Planeta**. In: Acabou Chorare. Rio de Janeiro: Som Livre: 1972. Disponível em: <https://youtu.be/hrtNa2wQna8>. Acesso em 12 jul. 2023.

OLIVEIRA, L. C. V. Cultura escolar: revisando conceitos. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação (RBPAAE)**, v. 19, n. 2, p. 291-303, jul./dez.,



2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/rbpae/article/view/25445/14788>. Acesso em: 21 jan. 2024.

OLIVEIRA, R. M.; CORRÊA, Y.; MORÉS, A. Ensino Remoto Emergencial em tempos de COVID-19: formação docente e tecnologias digitais. **Revista Internacional de Formação de Professores (RIFP)**, Itapetininga, v. 5, e. 0200028, p. 1-18, 2020.

OLIVEIRA, V. M. **Consenso e conflito da educação física brasileira**. Campinas, Papirus, 1994.

PACHER, L. A. G.; FISCHER, J. Lateralidade e educação física. **Revista Leonardo Pós**, v. 1, n. 3, p. 1-9, 2003. Disponível em: <https://atividadeparaeducacaoespecial.com/wp-content/uploads/2014/07/LATERALIDADE-E-EDUCA%C3%87%C3%83O-FISICA.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2024.

PENHA, A. F. **A Educação Física nos Anos Iniciais e suas implicações na escola**. 2019. Monografia apresentada para obtenção do título de Licenciado em Educação Física na Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2019.

PESSANHA, E. C.; DANIEL, M. E. B.; MENEGAZZO, M. A. Da história das disciplinas escolares à história da cultura escolar: uma trajetória de pesquisa. **Revista Brasileira de Educação**, n. 27, p. 57-69, set./dez. 2004. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n27/n27a05.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2024.

PICH, S. Cultura escolar, vida das escolas e Educação Física Escolar: balanço e perspectivas. **Motrivivência**, ano XXI, n. 32/33, p. 230-257, jun./dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2009n32-33p230/14124>. Acesso em: 02 jun. 2023.

REZER, R.; NASCIMENTO, J. V.; FENSTERSEIFER, P. E. Um diálogo com diferentes “formas-de-ser” da Educação Física contemporânea - duas teses (não) conclusivas... **Pensar a prática**, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 1-14, mai./ago., 2011. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/9794>. Acesso em: 25 jan. 2024.

ROCHA, R. T.; SILVA, V. O. B.; LEITE FILHO, M. A. A. A prática pedagógica dos professores de educação física nos anos iniciais do ensino fundamental. **Revista Eletrônica Nacional de Educação Física**, Edição Especial, v. 5, n. 6, ago., 2022. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/renef/article/view/5370/5546>. Acesso em: 22 jan. 2025.

RODRIGUES, L. L.; BRACHT, V. As culturas da Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 32, n. 1, p. 93-107, set., 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/PLzKjYqwgzq4qjGqHp35WPw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 jul. 2023.

ROSA, J. G. **Grande Sertão: Veredas**. V. 2, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.



ROSSI, F.; HUNGER, D. As etapas da carreira docente e o processo de formação continuada de professores de Educação Física. **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 323-38, abr./jun. 2012. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbefe/v26n02/v26n02a14.pdf>. Acesso em: 28 set. 2023.

SANTOS, N. S.; MENDES, J. S.; LADISLAU, C. R. Educação física escolar: dificuldades e estratégias. In: **CONGRESSO SUDESTE DE CIÊNCIAS DO ESPORTE**, 5, Lavras/MG, 2014

SANTOS, R. V.; TEODOZIO, A. I. S.; LIMA, P. R. F.; PINTO, N. V. A cultura como fator (in)viabilizador de uma Educação Física inovadora. **CONEDU - Ensino e suas intersecções**, v. 2, p. 10-16, Campina Grande: Realize Editora, 2024. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/105598>. Acesso em: 29 jan. 2024.

SAVIANI, D. Sobre a natureza e especificidade da Educação. **Germinal: marxismo e educação em debate**. [S. I.], v. 7, n. 1, p. 286-293, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/13575>. Acesso em: 25 jul. 2023.

SECRETARIA MUNICIPAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DE FORTALEZA. **Desenvolvimento humano, por bairro, em Fortaleza**. Livreto digital. Disponível em: <https://www.calameo.com/read/0032553521353dc27b3d9>. Acesso em: 19 ago. 2023.

SILVA, E. A. Relações interpessoais no ambiente escolar. **Em extensão**, Uberlândia, v. 7, n. 2, p. 10-18, 2008.

SILVA, J. V. P. Prática pedagógica em Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 1-319, jan./mar. 2013. Acesso em: https://www.researchgate.net/profile/Junior-Silva-6/publication/271147258_PRATICA_PEDAGOGICA_EM_EDUCACAO_FISICA_NOS_ANOS_INICIAIS_DO_ENSINO_FUNDAMENTAL/links/5e64695c299bf1744f67c3e1/PRATICA-PEDAGOGICA-EM-EDUCACAO-FISICA-NOS-ANOS-INICIAIS-DO-ENSINO-FUNDAMENTAL.pdf. Disponível em: 28 set. 2023.

SILVA, M. S.; BACCIN, E. V. C.; MASCHIO, V.; BOTH, V. J.; KRUG, H. N. **O entendimento de futuros professores de Pedagogia sobre as aulas de Educação Física nas séries iniciais do ensino fundamental**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA, XXIV., Pelotas. Anais... Pelotas, 2005.

SILVA, M. S.; KRUG, H. N. A formação inicial de professores de educação física e de pedagogia: um olhar sobre a preparação para a atuação nos anos iniciais do ensino fundamental. **Revista Digital**. Buenos Aires, ano 13, n. 123, ago., 2008. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd123/a-formacao-inicial-de-professores-de-educacao-fisica-e-de-pedagogia.htm>. Acesso em: 02 jun. 2023.

SILVERMAN, D. **Interpretação de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações**. 3. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2009. Tradução: LOPES, M. F.



SOUSA, J. L. C. Aula de Educação Física: o que o professor sente e pensa. **Boletins da Sociedade Portuguesa de Educação Física**, Lisboa, n. 28/29, p. 77-87, 2004.

Disponível em:

SOUZA, D. O. As dimensões da precarização do trabalho em face da pandemia de Covid-19. **Trabalho, Educação e Saúde**. Rio de Janeiro, v. 19, 2021. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/tes/a/7rJ6TkW8Cs88QkbNwHfdkxb/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 05 set. 2023.

SOUZA, J. R.; SANTOS, S. C. M. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. **Pesquisa e debate em educação**, Juiz de Fora: UFJF, v. 10, n. 2, p. 1396-1416, jul./dez., 2020. Disponível em:

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/RPDE/article/view/31559/22049>. Acesso em: 28 set.

2023.

SOUZA, S. G. **A importância da Educação Física nas séries iniciais de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental em uma escola estadual da cidade de Macapá**. 2010.

Trabalho de Conclusão de Curso de Educação Física da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP/AP, 2010. Disponível em:

http://repositorio.unifap.br/bitstream/123456789/1014/1/TCC_ImportanciaEducacaoFisica.pdf. Acesso em: 02 jun. 2023.

TEIXEIRA, Z. L. O.; LOURO-HETTWER, A. L. M. Momentos-charneiras e memórias musicais: encontros e conexões nas narrativas de acadêmicos em dança. **Revista da FUNDARTE**. 2019. Montenegro, p. 506-527, ano 19, n. 37, jan./mar. Disponível em:

https://scholar.archive.org/work/sktpw2nhzcnxjq7ri4pf66lvm/access/wayback/http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/download/665/pdf_26.

Acesso em: 21 jul. 2023.

VAGO, T. M. Pensar a Educação Física na escola: para uma formação cultural da infância e da juventude. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 1, n.1, p. 25-42, set. 2009.

Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/930/540>.

Acesso em: 03 ago. 2023.

VALENÇA, I. O. **A motivação nas aulas de Educação Física: Uma estratégia no auxílio da diminuição da evasão escolar no ensino médio**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Educação Física - Licenciatura) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022. Disponível em:

<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/49780?utm>.

Acesso em: 16 jan. 2025.



APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

- 1) Como você vê a chegada dos professores de Educação Física na escola?
Exemplifique...
- 2) Como é sua convivência com esses profissionais? Traga uma situação...
- 3) Percebeu alguma diferença na escola, na sala ou nos estudantes após a chegada desses discentes nas turmas de Anos Iniciais? Explique um fato que ilustre essa diferença.
- 4) Após a chegada dos professores de Educação Física na sua escola, você mudou sua forma de enxergar o componente curricular? Como?
- 5) Quais os pontos satisfatórios que você vislumbra com a entrada dos professores de Educação Física na escola?
- 6) E quais os pontos limitantes?
- 7) Já se envolveu ou presenciou algum tipo de conflito com algum desses profissionais? Relate brevemente.
- 8) Qual seria sua recomendação para um professor de Educação Física novato na rede educacional de Fortaleza?



APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS

Entrevista 1 - Trillian (professora) - 28/09/2024

P: Comecei a gravação. Hoje é dia 29/09/2024. Só para deixar registrado, tu concorda em participar da pesquisa?

E: Sim.

P: Como tu sabe, eu estou pesquisando sobre a entrada do professor de Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, esse é o tema central da minha pesquisa de mestrado. Então eu estou investigando a percepção de vários sujeitos da comunidade escolar sobre como ocorreu essa inserção da Educação Física. Então eu gostaria de entender tua visão como pedagoga sobre esse tema, certo?

E: Tudo bem.

P: A primeira pergunta que eu tenho é uma pergunta mais geral. Eu queria saber como tu vê a chegada dos professores de Educação Física nessas escolas de Anos Iniciais.

E: Na verdade, a chegada de vocês na Educação Infantil e nos Anos Iniciais já era um desejo que eu tinha no meu coração. Porque o profissional de Educação Física, como trabalha com o corpo, com toda essa noção corporal, lateralidade, todos esses aspectos são muito relevantes durante o processo de alfabetização, leitura e escrita, né? A criança está inserida nos Anos Iniciais, 1º e 2º ano, principalmente, e eles tinham muito essa dificuldade porque para a criança poder escrever, ela precisa ter noção do seu corpo, ela precisa conhecer direita e esquerda, ela precisa conhecer algumas noções que quem vai trabalhar essas noções mais específicas de maneira mais direcionada são exatamente vocês, os professores de Educação Física. Então com a chegada desse profissional, o professor mais amado da escola, vocês são os mais queridos, a gente percebe que as crianças estão com outras participações, estão conseguindo se desenvolver de uma maneira diferente. E é realmente um desejo que sempre temos, que eles avancem, que eles aprendam. É muito difícil para a gente trabalhar o cognitivo e o corpo, e agora chegaram vocês para poderem nos dar essa ajuda e a gente percebe que a gente está conseguindo avançar com essas crianças de maneira integral no seu desenvolvimento.

P: Trillian, eu queria saber como é tua convivência com esses profissionais. Se tu teve uma boa convivência ou já se envolveu em qualquer tipo de conflito, Quero saber, também, sobre a questão da interdisciplinaridade, como foi receber mais um professor na sala para dividir diário, por exemplo. Se foi difícil, se tu não achou tão difícil assim... como é tua convivência com os professores de Educação Física?

E: Não, nunca tive nenhum problema com professores de Educação Física, a gente precisa entender que estamos na escola para somar e se ajudar. E quando compartilhamos turmas é interessante que tenha diálogo, que a gente converse sobre os meninos, sobre as turmas, o que a gente pode fazer, como a gente pode trabalhar junto. Porque é esse olhar que vai enriquecer a prática pedagógica, tanto a minha enquanto pedagoga, quanto do meu colega professor de Educação Física, porque vamos trabalhar e elaborar estratégias juntos para que possamos olhar para aquele aluno e para aquilo que ele pode nos dar.

P: Tu percebeu alguma diferença, na sala, nos estudantes depois da chegada dos professores de Educação Física na escola? Se tiver algum relato que ilustre a diferença, pode comentar também.



ambiente muito saudável com os professores de Educação Física, eles são muito queridos por todo o corpo escolar, por toda a comunidade escolar, e eu acho que isso é muito bacana, é uma forma de mostrar como eles foram bem recebidos.

P: Para finalizar, junto com a dissertação, eu vou preparar um produto educacional destinado à comunidade escolar, para que conheça a Educação Física na escola, mas também para professores de Educação Física novatos nessa etapa de ensino entenderem quais os desafios e potencialidades que podem encontrar. E aí vou fazer um tipo de guia de recomendações, no estilo “Guia do Mochileiro das Galáxias” explicando a Educação Física na escola e dando dicas para que o professor novato tenha ideia de como a Educação Física é vista por diferentes olhares de sujeitos que fazem parte do cotidiano escolar. Então eu gostaria de saber qual o conselho, qual a recomendação que tu teria para um professor de Educação Física novato chegando nos Anos Iniciais de uma escola municipal?

E: A recomendação que eu tenho é que a Educação Infantil e os Anos Iniciais precisam de uma palavrinha-chave que faz toda a diferença, que se chama paciência. Eles estão tendo contato a primeira vez com muitas coisas, e a primeira vez que a gente vai fazer algumas coisas, a gente realmente não sabe, então a gente precisa ser ensinado várias vezes, ter o mesmo discurso várias vezes e, principalmente, o mesmo discurso com afetividade, porque isso que vai aproximar os meninos dos professores. E já foi comprovado, alguns teóricos já nos ensinaram que quanto mais o aluno se sente amado pelo professor, mais ele vai aprender. Então isso vai facilitar para o professor dar a aula dele e, para o aluno, adquirir conhecimento. Então meu conselho seria: “professores, eu sei que vocês não estão acostumados com essa faixa etária, que vocês não trabalhavam com essa faixa etária antes, sei que nos Anos Finais e no Ensino Médio o discurso e a prática são outros, mas, ao chegarem aqui acolham os meninos que estão percebendo agora o mundo ao redor deles, e é a partir do seu olhar e do seu acolhimento que eles vão entender o mundo da melhor forma e se tornar o melhor que eles puderem.”

P: Perfeito, Trillian. Eu recebo o teu conselho e eu vou compartilhar teu conselho com os próximos professores que vão chegar na rede. Eu te agradeço demais, essa foi minha última pergunta, foi enriquecedor demais, tuas reflexões vão ajudar na minha dissertação e na construção do meu produto educacional. Vou encerrar aqui, até mais!

Entrevista 2 - Eddie (assistente de inclusão) - 15/10/2024

P: Dia 15 de outubro, entrevista 2.

P: Qual é tua função na escola?

E: Eu sou assistente de inclusão.

P: Certo, é, Eddie... tu tinha me falado ontem quando eu falei contigo que tu estudou na prefeitura, não foi?

E: Foi.

P: Escola da prefeitura do 1º ao 5º ano?

E: Não, eu estudei o 1º e o 2º na prefeitura e o resto foi no governo.

P: Certo. Estado né? É... A primeira coisa: quando tu estudava em escola pública, seja da prefeitura ou seja do estado, mas principalmente no Ensino Fundamental, nos Anos



E: Demais.

P: O que é que tu vê de diferente da tua época de estudante na escola pública para hoje em dia?

E: Tanta coisa. Para mim aqui no fundamental assim, eu não lembro de ter tido Educação Física para agora a diferença é gritante.

P: Agora eu quero que tu dê alguns exemplos, elenque tá? Alguns pontos positivos que tu vê com a entrada do professor de Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

E: A socialização, principalmente para as crianças atípicas, né? Por exemplo, a Pandora não senta para fazer nenhuma atividade, mas tu explicou a atividade da Educação Física uma vez e ela já pegou tudo. É acho que para coordenação motora deles também, até saúde em si né? Que se movimenta já tem aquele negócio de uma rotina de prática de exercícios.

P: Quais são as dificuldades que tu vê na escola, na estrutura da escola, ou em relação a horário, qualquer tipo de dificuldade que tu veja para o professor de Educação Física conseguir exercer a sua função plenamente?

E: Aqui é a estrutura, né? Tem que se virar nos 30 para você dar aula aqui nesse espacinho. Ainda tendo cuidado para não incomodar as outras salas.

P: Então principalmente o espaço, né?

E: Uhum.

P: Tu já se envolveu ou então já presenciou algum tipo de conflito com algum professor de Educação Física na escola ou tu se envolveu ou se tu viu. Pode ser de aluno, pode ser de pai, pode ser de outro funcionário da escola, com algum professor de Educação Física?

E: Nunca.

P: E a última coisa é uma recomendação. Nessa pesquisa, eu já fiz a primeira fase da coleta que foi com os outros professores que foram aprovados comigo, né? No mesmo concurso que eu, aí eu peguei a percepção deles sobre a entrada deles na escola. E agora eu tô vendo a percepção dos outros funcionários da escola em relação à nossa entrada. Aí no final eu vou fazer um produto educacional, que vai ser um livreto para ser distribuído nas escolas da rede, justamente para facilitar, tanto para o profissional novo que chega na prefeitura, quanto também para a comunidade escolar entender um pouquinho mais o que é a Educação Física hoje em dia nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Aí eu tô fazendo essa mesma pergunta para todo mundo que eu vou entrevistar: qual seria tua recomendação, se tu pudesse dar uma recomendação para um professor de Educação Física novato que está chegando hoje na escola, qual seria tua recomendação para esse professor? Pode ser um conselho, qualquer tipo de coisa, pode ser em relação aos alunos, em relação às famílias, em relação à escola, em relação aos outros funcionários, em relação à tua função também.

E: Pois é, para incluir sempre as crianças atípicas, né? Que nem você faz em todas as aulas: o Israel, que tem paralisia cerebral, a Pandora, que é autista. Eles sempre estão participando mesmo como os outros normalmente.

P: Eddie, eu agradeço demais. São essas perguntas, vai me ajudar demais na minha pesquisa, aí como eu te disse: vai ficar anônimo, o teu nome vai ser mudado, eu peguei



aqui teu nome completo, mas só para eu saber quando vai ser tua fala, aí na hora que eu for publicar eu vou mudar teu nome. Obrigado!

Entrevista 3 - Prefect (coordenadora) - 25/10/2024

P: Iniciando a entrevista 3, com a professora Prefect, ex coordenadora. Prefect, essa entrevista vai ser gravada, já foi aprovada pelo Comitê de Ética do IFCE, a entrevista vai seguir todos os protocolos do Comitê de Ética, eu vou captar tua voz, mas essa gravação não vai ser divulgada, só vão ser divulgados trechos da entrevista por escrito e o teu nome vai ser alterado para garantir teu anonimato, certo?

E: Tudo bem.

P: Eu vou te mandar depois a transcrição, se tiver alguma coisa que tu queira alterar, tu vai poder alterar também, tá bom?

E: Certo.

P: Queria só que tu falasse primeiro teu nome completo, tua função na escola (tua ex função e tua função agora), há quanto tempo tu tá na escola...

E: Bem, eu sou professora desde 1987.

P: Na rede?

E: Não, na rede eu estou desde 2001, sou do concurso de 2001. E eu passei 14 anos na gestão escolar, entre direção e coordenação e hoje eu estou só na sala de aula.

P: Tu tá aqui na escola há quanto tempo?

E: Na escola desde a fundação. Desde 2004.

P: Aí, tu passou quanto tempo na gestão aqui da escola?

E: Desde 2009, aí eu saí para assumir outra gestão, passei 3 anos fora, voltei em 2013 e assumi a coordenação.

P: Antes desse último concurso que teve, que abriu várias vagas para a Educação Física né? Esse concurso que eu entrei, como era aqui na rede, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental? Tinha professor de Educação Física ou eram as pedagogas que davam Educação Física?

E: As pedagogas davam recreação, não existia esse negócio de Educação Física. Primeiro, por nós não sermos formadas em Educação Física e a rede não tinha o professor específico. Tinha, mas do 6º ao 9º, sempre teve. Agora no Fundamental 1, não. Eram as professoras pedagogas que davam duas horas de recreação.

P: Então o nome da disciplina era recreação né?

E: Isso.

P: Então a próxima pergunta que tenho é sobre isso, sobre a chegada do professor de Educação Física nas turmas de Anos Iniciais do Ensino Fundamental, como é que tu vê essa chegada dos professores?

E: Meu filho eu vou ser bem sincera, enquanto gestão foi uma loucura, né? Porque era mais um professor, o objetivo a gente entendia, que precisava de um professor de Educação Física, só que mexeu com a carga horária de todo mundo. E o próprio Distrito não sabia informar como a gente ia fazer esse horário, porque o horário na Prefeitura de Fortaleza não é de Deus, né? A organização ficava por conta da gestão. A gente sofreu enquanto Fundamental 1, imagina o Fundamental 2, que já sofreu com isso. Então nós tivemos que nos adaptar, né? E eles diziam que talvez não tivesse professor suficiente



para todas as escolas, aí quer dizer, eu fazia um horário que eu não sabia se vinha professor. Então foi muito difícil para nós enquanto gestão, também para os outros professores entenderem que não haveria nenhuma perda salarial para eles, porque eles achavam que se tirasse duas horas do professor PRA, porque o primeiro direcionamento era assim “tira duas horas do professor PRA que vai entrar o professor de Educação Física”. Então se o professor PRA ele tinha 13 ou 14. ele ia passar a ter duas a menos, e ninguém entendia isso. Depois é que foi organizado, que existia o PRB, que antes dava Ciências e Matemática para só ser dado só Matemática para o professor de Educação Física pegar as duas horas. Mas isso, meu filho, foi um processo de dois a três meses para a gente se adequar, o professor chegar... A prova é tanta que hoje tem professor que é todo quebrado, porque dá 6 horas aqui, 7 horas em outra escola, para poder completar as 13 horas ou 14. Então foi um processo de adaptação, né?

P: Então foi um processo que aconteceu durante o ano letivo, né? Não teve uma preparação antes, né?

E: Nenhuma, a gente sabia que vinha, mas a gente não sabia como seria.

P: A segunda pergunta que tenho para ti é como é tua convivência com os profissionais de Educação Física aqui da escola?

E: Super tranquila, eu enquanto coordenadora, né? A gente teve também que se adequar aos professores, porque a gente não tinha o conhecimento da Educação Física, porque no meu tempo, o que era o professor de Educação Física? Pega uma bola e deixa os meninos brincando na quadra. E hoje, infelizmente, é o que eu vejo do 6º ao 9º ano. Não existe uma atividade direcionada, pronto, sabe que criança adora bola, deu a bola tá todo mundo feliz, só cumprir o horário, é o que a gente via. A nossa preocupação maior foi isso, por nossa escola não ter uma quadra, né? Também foi outra preocupação, porque querendo ou não, professor, você precisa dar sua aula, e sua aula de Educação Física tem a parte da sala de aula, mas tem a parte prática também. E a gente sente uma dificuldade de não ter um local, mas o meu relacionamento, tanto enquanto coordenadora, como enquanto professora é super tranquilo com os profissionais.

P: Tu percebeu alguma diferença na escola, na sala, nos estudantes, na escola em geral, com a chegada dos professores de Educação Física?

E: Senti.

P: Tem algum exemplo para dar que ilustre?

E: Assim, em termos do brincar, né? Que a gente fala tanto na Educação Infantil, que eu sou revoltada com isso, mas um brincar direcionado, sabe? Os meninos não estavam acostumados à sua vez de brincar, vai perder, vai ganhar, regras. A gente tinha dificuldade até de fazer uma brincadeira com essas crianças, porque até correr, os meninos não sabem correr, sabe? Eles não tem essa habilidade de correr, de seguir regras, que eu sou a primeira e depois tem outra pessoa, eles não tinham isso, e a gente não conseguia direcionar um trabalho desse jeito, e agora a gente vê. Eu acredito que o professor de Educação Física veio para somar com a gente.

P: Depois da chegada da Educação Física nos Anos Iniciais, que é onde tu tá atuando há vários anos... Tu mudou tua forma de enxergar o componente curricular Educação Física? Tu via de uma forma antes e depois que chegaram os professores tu começou a ver o componente curricular de outra forma?



E: Comecei a ver pelo tipo de profissional que trabalha aqui na escola. Porque eu vejo que os professores, no começo nem todos que a gente falava que enrolar a aula. Não, mas hoje eu vejo os professores querendo se aperfeiçoar, querendo ser melhores, fazendo um trabalho digno da Educação Física mesmo, não é só a bola, não é só o brincar, é o ensinar mesmo. Eu senti essa diferença. No começo até os próprios profissionais tiveram que se adequar, tinham profissionais que eram personal trainer, tinham outras funções, que hoje, querendo ou não, o homem, o masculino, é mais difícil. Hoje tem todo um processo para você se aproximar das crianças, até isso, o cuidado. Quando eu era coordenadora eu sempre falava para os professores, olha, cuidado no pegar, no sentar, no abraço, que hoje as mentes estão doentes, né? E para o homem ainda é mais complicado.

P: Prefect, na época que tu estudava, tu estudou no Evandro, né, que tu falou... como era a aula de Educação Física lá, tu lembra?

E: Lembro, era handebol, era jogo também. E a gente se preparava mais para os interclasses. Era mais voltado para jogos. A Educação Física mesmo não existia.

P: Com a nossa atuação agora nos Anos Iniciais, tu percebe alguma diferença no componente em relação aos conteúdos que são trabalhados, em relação à metodologia que é aplicada... comparando à época que tu estudava, comparando à época que teus filhos estavam nos Anos Iniciais?

E: Os meus filhos era muito pouca a Educação Física deles, sabe? Era mais voltada à recreação. Na escola que ele fez o Fundamental 2, eu cheguei a presenciar só o jogo de bola. Infelizmente têm crianças que não gostam de jogar bola e ficavam encostadinhas, conversando, e quem gostava de bola ia brincar.

P: Quinta e sexta questão são questões que se complementam, tá? A quinta questão é quais são os pontos satisfatórios que tu vê com a entrada dos professores nos Anos Iniciais da rede de Fortaleza?

E: Eu vejo assim, realmente a participação dos professores na Educação Física mesmo, do estudo. Não é só brincar, tem outras questões envolvidas. Tem um conteúdo a ser seguido. Tem um planejamento a ser feito. Porque não é hoje nós vamos brincar, não, a gente percebe que o professor vem preparado para dar uma aula, não faz de qualquer jeito. E, principalmente, Rodrigo, eu sou muito defensora da escola pública. Eu não acho que é porque é público que nós vamos fazer de qualquer jeito, e eu sinto, hoje, nos professores de Educação Física que atuam aqui no João Nunes, eu sinto essa responsabilidade, essa vontade de fazer com que os meninos aprendam, como eu digo sempre, uma aula mais light, claro que não tem de tá copiando, não é a Matemática, mas que a gente vê que tem um direcionamento, tem um conteúdo a ser cumprido, não é feito de qualquer jeito.

P: E quais são as dificuldades que tu vê para o professor conseguir implementar esse planejamento dele na nossa escola e na rede como um todo?

E: O espaço para exercer a profissão, materiais, infelizmente nem toda escola dispõe, que o professor tem que tirar do bolso dele. Chegou até se não me engano a vir um dinheiro para a Educação Física, mas eu sei que não foi o suficiente, porque existe a faixa etária, tem professor que só pega a Educação Infantil, tem professor que só pega os primeiros e segundos anos, os outros só os maiores, então tem que ter um material diversificado para que o profissional exerça a função dele com excelência.



P: Tu já se envolveu ou já presenciou algum tipo de conflito com algum desses profissionais?

E: Não, nunca presenciei.

P: Por último, a última questão, tá? Se tu tivesse... eu sou um professor novato, né? No ano passado eu entrei, esse ano eu já tenho a experiência do ano passado para me ajudar, mas mais na frente vão vir outros professores de Educação Física que, como eu e os outros dois professores que entraram aqui na escola, nunca tiveram contato com esse público de Anos Iniciais, geralmente a gente pega ou os Anos Finais ou o Ensino Médio, né? E aí a rede de Fortaleza, ela teve esse movimento de vanguarda, são poucas redes municipais que trazem o professor de Educação Física especialista para atuar nos Anos Iniciais e na Educação Infantil como a rede de Fortaleza fez. Qual seria tua recomendação, pode ser em relação a qualquer coisa tá? Tua recomendação para um professor de Educação Física novato, que como eu, ano passado, cheguei, tu me deu vários conselhos como coordenador, qual seria um conselho que tu daria para um professor de Educação Física novato que estivesse chegando na rede agora?

E: Seria assim, Rodrigo, o conselho que eu daria... Que ele levasse muito a sério a profissão em si, né? A profissão do, que eu tenho uma sobrinha também que é professora de Educação Física, que a gente não sabe nem como se referir, se é professor de Educação Física, se é educador físico, se é recreador, né? Porque acham que Educação Física é brincar e não é, o professor enquanto profissional tem que se valorizar. Todo mundo gosta, os alunos adoram, claro que vão gostar mais do professor de Educação Física do que a professora de Matemática, até eu vou gostar mais da Educação Física do que da Matemática, mas que ele faça um trabalho com excelência, de excelência, onde mostre os conteúdos, ele mostre o cuidado com o corpo, o cuidado com a alimentação, que hoje a gente já vê crianças obesas, que perpassa por esse lado também, que hoje é a saúde quem importa. Então eu queria que fosse direcionado para isso e que ele levasse a sério o profissional dele enquanto educador físico ou professor de Educação Física, mas que se valorize, porque a Educação Física é tão importante quanto as aulas de Matemática, quanto as aulas de Ciências, e quanto as aulas de Português. Não levar para esse lado que Educação Física é só brincar. Agora você enquanto profissional, você tem que fazer por onde também os colegas te valorizarem, até Rodrigo, uma situação que eu me envolvi com você, mas que ao mesmo tempo, eu depois, eu não tenho direito de tirar um aluno de sua aula não, sem te comunicar, porque é a sua aula, eu não posso me meter, e eu já vi profissionais fazerem esse tipo de coisa, eu tenho que falar, olha Rodrigo, eu tô pensando em tirar o fulaninho, o que você me diz? Porque é a sua aula. Não é porque eu passo 13 horas com ele e você passa 4, 2, que eu tenho esse direito de tirar o aluno de sua turma não, você é um profissional como eu sou também. Eu também não ia gostar que tirasse um aluno, olha, Prefect, pois hoje Fulaninho não vai assistir a aula de Matemática não, vai só para a Educação Física. Então, o respeito dos pedagogos com o professor de Educação Física, isso é importante também.

P: Muito obrigado, Prefect.

E: Precisando eu estou aqui.



P: Iniciando a entrevista 4, com a diretora Frankie. Tu tá no cargo de diretora há quanto tempo?

E: Nessa escola há 2 anos, mas na rede já tem 11 anos.

P: Frankie, como tu sabe, no ano retrasado teve o concurso, esse último concurso para professor e um dos cargos que teve mais vagas foi o de professor de Educação Física, porque a prefeitura universalizou desde o berçário até os Anos Finais, né? Já existia o professor de Educação Física nos Anos Finais, mas era difícil você ver um professor específico da Educação Física nos Anos Iniciais, né? Como é que tu vê a chegada dos professores de Educação Física na escola, aqui nos Anos Iniciais?

E: Ah, eu acho que foi fundamental até pela questão do desenvolvimento integral, porque a gente só trabalhava muito mais a parte cognitiva, conceitual, e nunca a parte física, né? A não ser que alguma professora tivesse, assim, aquela disponibilidade de fazer uma recreação, né? E que era bem livre, essa recreação, né? Não tinha nada de direcionamento, né? E nem planejado, né?

P: Era o brincar pelo brincar?

E: Exatamente. Eu considero, eu acho que isso foi um marco para a educação de Fortaleza.

P: E do Brasil também, porque são poucos municípios, quando eu tava escrevendo a dissertação, eu tava pesquisando justamente outros municípios que tinha o professor de Educação Física nos Anos Iniciais e são poucos lugares, você conta nos dedos.

E: Ah, é?

P: É, foi um movimento de vanguarda aqui da prefeitura.

E: Bacana!

P: A segunda pergunta é como é tua convivência com esses profissionais de Educação Física, tanto eu, quanto os outros dois meninos...

E: Olha, eu... é difícil para falar porque eu sou uma pessoa muito tranquila e muito leve. Eu gosto, principalmente, de ver o que vocês estão fazendo porque eu também me interessou, eu acho muito bacana. E eu acho que esse convívio, ele tem que ser exatamente assim, de uma forma bem parceira, né? Uma parceria, você me dizer o que estão precisando e a escola tentar atender, né? De uma forma bem ágil. Eu, de minha parte, considero, assim, que é um convívio muito saudável.

P: Frankie, tu percebeu alguma diferença na escola, na sala, nos estudantes, após a chegada dos discentes de Educação Física nos Anos Iniciais? Se tu puder ilustrar com algum fato que explique essa diferença...

E: Ah, eu considero assim que a diferença foi, isso foi um salto, né? Eu vejo os alunos assim, eles criam uma expectativa muito grande para a aula de Educação Física. Vejo também que nos dias de algumas turmas, né? Quando tem aula de Educação Física, é o dia que a frequência é melhor. É impressionante como a infrequência diminuiu em relação aos dias que tem a aula de Educação Física.

P: A gente tem uma maneira de enxergar o componente curricular, a Educação Física, como disciplina... Na época que tu era estudante, na época que teu filho era estudante, na época que teus netos, agora, são estudantes, e tu vendo agora minha atuação. Tu percebe alguma diferença na época que tu era estudante, na época que teu filho era estudante para a Educação Física que é dada hoje na escola?



E: Percebo demais. Muito mesmo. Eu acho que hoje, eu vou falar em relação a mim, eu nunca tive tanto interesse na Educação Física, até porque eram uns exercícios muito, talvez para a época fosse um marco, mas eu tinha muita preguiça de fazer polichinelo, de dar não sei quantas voltas numa quadra, tinha muita dificuldade. Era para o condicionamento, hoje não, eu vejo que tem uma outra abordagem, né? Eu vejo assim que vocês trazem o novo, né? Trazem brincadeiras passadas, de outros povos, que vocês ensinam as artes que são praticadas de diferentes maneiras, fora aquela estrutura que vocês colocam, assim, do envolvimento coletivo, dos grupinhos, vamos formar grupos de tantos, que eu acho que isso é um grande diferencial.

P: É justamente isso, Frankie. A Educação Física aqui no Brasil, ela passou por alguns períodos na escola. Teve a parte da Educação Física como método ginástico, né? Teve a parte da Educação Física através do método esportivista, e hoje a gente está na parte da Educação Física mais no sentido de cultura corporal do movimento, justamente isso que tu falou, vários povos, como eles se movimentam, como eles usam os diferentes temas, os jogos, as brincadeiras, os esportes, as danças, as lutas e as ginásticas. E a gente vê como cada povo se relaciona com o se movimentar, ou então os povos que se relacionam com o não se movimentar. Então a gente vai observando isso e tentando tematizar nas aulas.

P: Quais são os pontos satisfatórios, os pontos positivos que tu vislumbra com a entrada do professor de Educação Física para esse público dos Anos Iniciais? O que é que tu vê de positivo?

E: Uma participação efetiva de todos os alunos, né? Você encontra um ou outro que se recusa a fazer, eu acho isso positivo. Outra coisa, outro ponto positivo é a forma como vocês abordam, né? Cada um dentro da sua prática, você tem a sua, os meninos as deles... Outra coisa que eu acho bem positiva é a interação que vocês também tem com os professores da turma, né? Com os professores de maior e menor carga horária, quando vocês conversam entre si o que podem trazer, eu acho isso muito positivo.

P: E quais são os pontos limitantes que tu vê para que a gente tenha uma boa atuação como professor de Educação Física?

E: É o que a gente tem visto desde 2022, a falta do espaço físico. O espaço físico que não é adequado, porque mesmo que você tenha uma boa estrutura de sala de aula, quando você vai para a prática você não tem ali uma quadra, não tem um pátio adequado. Eu acho isso horrível.

P: Terminando já. Penúltima pergunta. Tu já se envolveu ou então já presenciou algum tipo de conflito com algum desses profissionais de Educação Física? Se tu teve algum conflito, tu com algum de nós três ou se tu viu algum conflito, pode ser aluno, pode ser pai, alguma coisa do tipo... Ou com outros profissionais da escola...

E: Absolutamente... De jeito nenhum. Vejo vocês, assim, altamente colaborativos, participando de todos os eventos da escola, quando a gente pede que vocês façam isso, nos ajudem nisso, fique responsável por isso, eu vejo que vocês são, de fato, bastante colaborativos mesmo, né?

P: E a última questão é, assim, a maioria desses professores que chegaram nunca tiveram um trato com essa faixa etária dos Anos Iniciais e também os meninos que estão com a



Educação Infantil, né? Aí, nessa última questão, eu estou perguntando justamente para quem já tinha uma atuação com esse público, se pudesse dar um conselho, eu, Rodrigo, chegando novamente, se eu tivesse chegando hoje aqui na tua sala, ou então os próximos professores que vão chegar depois da gente, né? Quando a gente não estiver mais aqui, tu, como diretora, na tua função de diretora, olhando já para nossa atuação e tendo um novo olhar sobre a Educação Física, qual era o conselho que tu daria para esse professor novato atuar bem na rede de Fortaleza e aqui na escola?

E: Olha, eu diria que mantivesse, né? Essa postura que vocês têm, que abracem os projetos educacionais da rede, mesmo os que não estão dentro da área da Educação Física, mas que abrace os projetos que a Educação de Fortaleza tem e que possa ter também, né? Nessa nova gestão... Porque a gente precisa realmente enxergar o aluno como um todo, então o meu conselho é esse, sigam os projetos, continuem incentivando os alunos, mostrem para eles as várias possibilidades da comunicação do corpo, né? E eu acho que isso ajuda na formação deles.

P: Muito bom. Esses conselhos que eu tô pegando eu vou transformar em um, não só os conselho, mas também todos os relatos que eu estou colhendo de vocês, eu vou transformar em um livreto e a gente vai disponibilizar para a Secretaria, para que a Secretaria e para a comunidade escolar conhecer mais a Educação Física e até os professores novatos que vão chegando terem também esses conselho do pessoal que já está na rede. Então, nesse mestrado profissional a gente tem que deixar um produto educacional para as pessoas que vem depois baseado na nossa atuação. Aí meu produto educacional vai ser justamente esse, um guia para os professores de Educação Física novatos e também para a comunidade escolar conhecer melhor a Educação Física. Muito obrigado, viu, Frankie? Agradeço demais, tua entrevista vai me ajudar demais.

Entrevista 5 - Benjy (professora do AEE) - 28/10/2024

P: Iniciando a entrevista 5 com a professora do AEE, Benjy.

P: Tu tá trabalhando aqui na escola há quanto tempo?

E: Na escola já estou há 10 anos.

P: E como professora do AEE?

E: Há 1 ano.

P: Benjy, como é que tu vê a chegada dos professores de Educação Física aqui na escola? Eu e os outros dois aqui da escola... e também na rede como um todo, né? Nos Anos Iniciais e na Educação Infantil?

E: Eu achei muito bom mesmo. No sentido das crianças terem esse momento da Educação Física, porque só tinha recreação, aí era o professor (pedagogo) que dava a recreação, mas não era como, não tinha preparação para o professor da sala de aula. Então agora eu percebo que está tendo um desenvolvimento muito grande das crianças, interesse delas, né? A participação delas muito grande em relação a isso. Eu acho que foi um ganho muito grande para a Educação Fundamental.

P: E é realmente um movimento de vanguarda que a prefeitura aqui de Fortaleza teve, porque quando eu estava escrevendo a pesquisa, pesquisei também outras redes que tinham Educação Física desde os Anos Iniciais ou a Educação Infantil, e a gente conta



nos dedos, olhando todos os municípios do Brasil, quais são os municípios que têm professor de Educação Física trabalhando com esse público.

P: A segunda questão é... como é tua convivência com esses profissionais?

E: Eu digo que muito boa, né? A gente tem uma interação muito boa. Vocês escutam o que a professora do AEE tem para falar com vocês, como vocês também repassam para a gente como está acontecendo a questão dessa inclusão das crianças com autismo na Educação Física. E a sensibilidade que os professores também estão tendo, né?

P: Tu percebe alguma diferença... porque assim... a gente passa por várias turmas, né? E o professor PRA e PRB estão com uma, duas turmas... tu percebe alguma diferença na percepção mesmo com os alunos que tu tá acompanhando... o professor da turma que tem maior carga horária tem um olhar mais aguçado por estar mais tempo com esses meninos?

E: Sim, o professor de maior carga horária acaba tendo uma visão melhor da turma, né? Mas, assim, cada professor, na sua área, ele consegue me dar uma observação de um jeito diferente, né? E que é importante essas observações, por isso que os relatórios eu peço para cada um falar um pouco, porque junto eu consigo ver, na realidade, como está essa criança, né? Mas é claro que o que fica com maior carga horária acaba abrangendo mais porque a gente tem a questão da leitura, da escrita, né? Mais a socialização com a Educação Física fechou...

P: Tu percebeu alguma diferença na escola, na sala, nos estudantes após a chegada desses discentes nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental? Se tiver algum fato que ilustre essa diferença...

E: Eu achei a escola mais ativa, né? Em relação à questão das crianças terem esse momento mais ativo na escola. A gente diz recreação, Educação Física, mas para eles é mais uma brincadeira, né? E que isso trouxe essa atividade, essa recreação muito forte, que é o que eles mais gostam, né? Não perdendo na Educação Fundamental 1 a questão do brincar, né? Do brincar, que no brincar ele interage, socializa, e é até bom para os meninos do AEE, né?

P: Benjy, na época que tu era estudante, que tu tinha aula de Educação Física, e teus filhos também, né, agora? Tu, olhando tua época de estudante, as tuas aulas de Educação Física e olhando as aulas que a gente tem hoje, as aulas dos teus filhos, tu percebe alguma diferença no componente curricular, na disciplina Educação Física? Em como ela é apresentada hoje em dia e em como ela era antes...

E: Na minha época a gente participava de jogos. Era futebol. Tinha que participar dos esportes. Eu, no caso, era goleira do handebol.

P: Quais eram os esportes que tinha?

E: Handebol, basquete, carimba, vôlei, né? Dos meus filhos eu vejo que é como se fosse agora com a gente. Ele tá dando essa continuidade, de jogos, brincadeiras, né? A única diferença que eu vejo da Educação Física aqui da escola para a particular é porque eles envolvem muito questão de campeonatos. Treina para poder formar o time da escola. Mais ligado ao esporte mesmo.

P: Quais são os pontos satisfatórios, os pontos positivos que tu vê com a entrada dos professores de Educação Física com essa faixa etária dos Anos Iniciais?



E: Assim, no momento que o professor chega... Primeiro eu acolheria o professor, né? E também sugeria esse acolhimento dele com os alunos. Tem que buscar primeiro conhecer esses alunos, quais atividades ele pode proporcionar para aquela turma, porque tem turmas que você faz uma coisa, têm outras que não, essa sensibilidade, antes de você praticar alguma atividade ou algum jogo. Buscar essa sensibilidade na turma para depois estar desenvolvendo, porque aí facilita até o trabalho dele, né? Sem contar a questão de conhecer o espaço, onde ele pode ficar, onde pode estar desenvolvendo, ou seria melhor para ele, que seria uma conversa entre o professor e eu, “você acha que aqui seria melhor?”, se não está dando certo também a questão de ouvir quando não estiver dando certo, quando tiver dúvidas, né? Eu acho que é esse momento de acolher, de conversar, de diálogo.

P: É só isso, Benjy, vou parar a gravação, te agradeço demais, vai me ajudar demais na minha pesquisa, aí vou te mandar o termo de consentimento pelo Whatsapp para tu ler se tu quiser, depois que tu ler me avisa que eu trago para você assinar, obrigado, viu?

Entrevista 6 - Agrajag (estudante) - 01/11/2024

P: Hoje é dia 01/11/2024.

P: Agrajag, tu tá estudando aqui nessa escola, no João Nunes há quanto tempo? Desde que ano?

E: Eu comecei no 2º ano.

P: Já está estudando aqui há 4 anos.

P: Agrajag, quando tu estudava no 2º e no 3º ano, como a gente estava conversando agora, não tinha um professor específico de Educação Física, quem dava a Educação Física era a mesma professora de sala, a pedagoga né? Agrajag, como é que tu vê a chegada desses professores de Educação Física na escola, no caso eu, o tio Rodrigo, tu não passou pelos outros professores de Educação Física aqui da escola, né? Foi só eu. Como é que tu vê essa chegada? Melhorou, piorou, teve mudanças? O que é que tu achou da chegada dos professores de Educação Física?

E: Bom, eu gostei porque eu sempre sonhei em ter aula de Educação Física, porque meu pai é professor de Educação Física. E, no começo, eu achei que não teve muita mudança, só que apareceu uma matéria nova, tinha que me dedicar mais, tinha mais tarefa. Eu gostei da mudança, porque não tinha só as matérias focadas em Português, Matemática, Ciências, História, Geografia... Tinha uma nova matéria, uma matéria que eu sabia que a maioria das crianças iria gostar.

P: E como é tua convivência comigo, com teu professor de Educação Física? É boa, é ruim, é mais ou menos? A gente tem conflitos, como é nossa convivência, o que tu acha, como tu vê nossa convivência?

E: Bom, eu acho boa, né? Porque o tio dá aula, o tio ensina, o tio tem muita paciência, porque têm uns meninos lá na sala que são bem bagunceiros, né?

P: Agrajag, tu percebeu alguma diferença na escola, na sala, nos teus colegas após a chegada do professor de Educação Física? Nas aulas de Educação Física, tu percebe alguma diferença?

E: Sim.

P: Que tipo de diferença?



E: Bom, eu acho que teve uma diferença nos meus colegas, porque agora nos dias que tem Educação Física eles ficam mais felizes, mais agitados, ficam emocionados...

P: Agrajag, tu tinha uma forma de ver a Educação Física que era chamada de recreação na época que quem dava (aula) era a tia de sala. Aí quando chega o professor de Educação Física, tu percebe que muda a Educação Física?

E: Bom, na recreação não tinha Educação Física. A gente levava um ou dois brinquedos e sentava lá no cantinho, em uma hora que não consigo me lembrar, faz muito tempo, e a gente ficava lá brincando com nossos brinquedos.

P: Então antigamente, na época da recreação, era uma aula mais livre que você levava seus brinquedos e a tia deixava vocês brincando com seus brinquedos e com os colegas, era assim?

E: Isso.

P: E agora? Como é que tu vê a aula de Educação Física agora? O que é que a gente costuma estudar agora que tu lembra?

E: Bom, a gente costuma estudar as lutas, meio que o mundo só que de uma forma diferente.

P: O que mais?

E: Brincadeiras, a gente estava estudando ginástica, estudamos dança, estudamos brincadeiras africanas...

P: Tu acha que agora, tu consegue perceber melhor o que é Educação Física do que quando tu estudava a recreação?

E: Bom, na verdade a gente não estudava, a gente brincava. E meio que eu percebi a Educação Física legal, meu pai não tinha muito tempo para me mostrar as coisas, na verdade nem dava, porque ele é professor de 6º ao 9º ano, aí como eu tava nos primeiros anos, ele não tinha como me ensinar muita coisa. Ele sempre me dizia como era, como devia ser.

P: Mas tu já imaginava o que a gente ia estudar?

E: Não, eu imaginava que a gente ia estudar lutas só, dança, ginástica, brincadeiras...

P: E quando a gente começou a estudar Educação Física, desde o ano passado, tu percebeu... mudou tua visão da Educação Física? Tu vê que é uma coisa diferente ou tu já esperava isso que a gente está estudando?

E: Não, mudou. Eu pensava que a gente ia apenas ficar, tipo assim, estudando o mesmo conteúdo o ano inteiro.

P: E na verdade a gente tem vários conteúdos diferentes, né, que a gente vai estudando durante o ano? Legal!

E: Sim, e isso me pegou de surpresa.

P: O que é que tu vê de ponto positivo com a chegada do professor de Educação Física na tua sala?

E: Eu gostava porque não tinha só aquelas matérias, né? E as crianças gostam de Educação Física. Uma matéria que eu sei que a maioria das crianças não gosta é Matemática, porque tem que fazer números. Agora as quintas-feiras são Matemática e Educação Física e, quando acaba a aula de Matemática, o pessoal “EDUCAÇÃO FÍSICAAAA”.

P: É uma gritaria quando vai começar a aula de Educação Física, né?



E: É, uma gritaria, uma bagunça.

P: Mas é uma bagunça boa, né?

E: É.

P: E o que é que tu vê de ponto limitante? Aquilo que limita a aula de Educação Física? Que não deixa que a aula de Educação Física seja uma aula perfeita, vamos dizer assim? O que é que falta para o professor de Educação Física, observando nossa escola, nossa sala, o espaço que a gente tem, os materiais que a gente tem, o que é que falta para a escola para ter uma aula de Educação Física melhor?

E: Bom, eu vou dizer sobre cada matéria. Lutas falta os materiais de luta, os materiais de proteção, né? Tipo assim, se a gente fosse praticar uma luta tinha que ter as armaduras para praticar esgrima, né? E sobre dança teria que ter um espaço só para dança. E também uma sala para cada matéria, não necessariamente para jogos e brincadeira, porque dá para fazer na quadra. Na minha opinião, para a escola ficar perfeita, está faltando a quadra.

P: A quadra, né? Se a gente tivesse a quadra dava uma melhorada, né?

E: A aula ficava perfeita.

P: Tu acha, então, que o principal assim que está faltando para a gente é o espaço adequado, né? E o material, né? Que tu falou das lutas...

E: É, e menos texto, assim, né? Porque quando começa a ter texto o pessoal começa “ah, não!”.

P: Mas tem que ter texto para a gente entender também.

E: É.

P: Agrajag, tu já teve algum conflito com teu professor de Educação Física? Já se envolveu em algum tipo de conflito, de briga, de discussão?

E: Não, nunca?

P: Então teu relacionamento com teu professor de Educação Física é um relacionamento bom, né?

E: É.

P; E tu já presenciou algum conflito do teu professor, no caso eu, com alguma outra pessoa, pode ser outro professor, algum funcionário da escola, pode ser com os próprios estudantes, teus colegas, lembra de algum conflito que teve?

E: Sim, eu lembro de uns dois ou três, mas não tô lembrada de quem são. Eu só lembro de um.

P: Mas tu tembra o que aconteceu?

E: Lembro.

P: O que? Pode relatar?

E: Ah, lembrei os nomes. A Kamilly, ela sempre fica bagunçando na sala e fazendo maquiagem, essas coisas... E às vezes quando os professores brigam com ela, ela responde, entende? Também tem vários colegas, o Kauã, ele fica bagunçando direto e não se importa.

P: Então esses conflitos são mais relacionados a bagunça e conversa em sala, né? Mas discussão, briga, tu nunca viu não? É mais relacionado a bagunça e “carão” que você dá na sala de aula?

E: É, não que eu tenha presenciado ainda, nenhuma discussão.



P: A senhora faz tempo que trabalha em escola, né? Eu lembro que a senhora trabalhava até no uv6...

E: Faz 25 anos que eu presto serviço para escola do município. Agora aqui no João Nunes eu tenho 20 anos. Eu fundei a escola junto com o Dr. Juracy. E de lá para cá eu vim ver agora os professores de Educação Física. São muito criativos, muito criativos mesmo. E para os alunos, para eles mudou tudo. Porque não é só ficar em uma sala de aula só estudando, porque tem que fazer a Educação Física. E antigamente era só exercício, e agora não, agora é com muita criatividade. É bem diferente.

P: Ótimo! A senhora já adiantou a pergunta que eu ia fazer. Se a senhora mudou a forma de ver a Educação Física... como era a Educação Física antes e como é agora. A senhora percebe essas mudanças, né?

E: Isso.

P: Quais são aqueles pontos positivos que a senhora vê com a chegada do professor de Educação Física nessa turmas de Anos Iniciais? O que a senhora vê de ponto positivo nessa chegada?

E: Eu vejo mais criatividade, mais educação, mais aprendizagem. Porque é muito útil para eles.

P: Têm os pontos positivos, mas também deve ter alguns pontos limitantes, tipo aqui na escola, o que falta na escola para que o professor de Educação Física consiga exercer melhor o seu papel? O que a senhora acha que está faltando na escola?

E: Agora, no momento, está faltando só a quadra, o espaço que começaram e ainda não terminaram. Porque a quadra é coberta e ficaria, com certeza, bem melhor, porque essa parte aqui tem um pouco de sol, e principalmente a parte da tarde, mas tá bem pertinho de terminar. Isso é um sonho que tenho de realizar, de ver essa quadra pronta, porque não é útil só para mim, e sim para os alunos e os professores de Educação Física.

P: A quadra vai ajudar a escola inteira, né

E: Vai ajudar completamente.

P: A próxima pergunta, Dona Cynthia, a senhora já se envolveu em algum conflito com algum professor de Educação Física, ou a senhora já viu algum professor de Educação Física envolvido em algum conflito com estudante, com pai ou com algum funcionário da escola? Ou a senhora nunca viu um conflito desse tipo?

E: Eu nunca vi. Todos são maravilhosos, gente boa, amigos, compreensivos. Bastante educados. E todos os alunos, ave maria, não tem nem o que dizer, só elogios para o professor.

P: O pessoal costuma dizer que o professor de Educação Física é o mais amado da escola, mas quando eu estava vendo a palestra do dia da manipuladora, vi que a tia da merenda é mais amada que o professor de Educação Física.

E: É, mas também eu vi que as tias da merenda amam os professores de Educação Física.

P: E a última pergunta, já para encerrar, essa mesma pergunta eu fiz para diferentes funções, para os estudantes, para os professores, para a diretora, para a coordenadora. Se eu, professor de Educação Física, Rodrigo, tivesse chegando aqui na escola hoje, e a senhora tivesse recebendo a gente, eu, os outros dois meninos, hoje, a gente chegou de 1º ao 5º ano, geralmente a gente trabalhava com turmas de 6º ao 9º ou 1º ao 3º do Ensino Médio, né? Então é uma coisa nova também para a gente, é uma coisa nova para os



meninos, uma coisa nova também para a gente. Se chegasse agora, nesse momento, um professor novato de Educação Física, do mesmo jeito que eu, também nunca trabalhou com essa faixa etária, nunca trabalhou em escola de 1º ao 5º ano. Essa mesma pergunta eu fiz para os outros porque eu quero entender o ponto de vista de cada um, se a senhora pudesse dar um conselho, uma recomendação para esse professor novato que está chegando... pode ter a ver com a sua função, pode ter a ver com a função dele, pode ser qualquer conselho... um conselho para ajudar esse professor a chegar na escola agora e conseguir exercer a sua função. Qual é o conselho que a senhora daria? Pode ser qualquer conselho.

E: Ah, eu daria o conselho para ele, para dizer que ele, do jeito que vocês chegaram foram bem recebidos e estão atuando muito bem no trabalho de vocês. Eu diria para ele “fique, porque do jeito que os outros conseguiram, você também vai conseguir. Você é bem vindo, todos nós vamos receber você de braços abertos”.

P: Então a senhora faria essa parte da acolhida? De acolher bem o professor...

E: Isso.

P: Muito bem, Dona Cynthia, é só isso. Eu agradeço.

E: Não, mas, sinceramente, de coração. Sei que tá gravando, se quiser botar, bote, mas de coração... eu gosto muito de vocês três.

P: E eu gosto muito da senhora também.

E: Vocês são pessoas maravilhosas, ave Maria. Muito educados e todos os alunos amam vocês. E eu acho você muito criativo.

P: Muito obrigado.

E: Você veio fazer com que essas crianças vão dormir pedindo a Deus para chegar o horário para poder participar da Educação Física. Porque essa Educação Física é boa para tudo. Principalmente para a memória deles, para eles terem mais vontade de estudar, de vir para a escola. Porque só na sala de aula e sair 20 minutos para brincar, correr e voltar... não é tão importante e necessário como uma Educação Física. E a sua Educação Física é muito criativa, muito mesmo. Então eu só tenho a dizer parabéns para você, para os outros dois professores, e vocês são pessoas especiais.

P: Eu agradeço demais à senhora.

E: Vai fazer 20 anos que eu estou na escola e nunca vim ver o que estou vendo hoje.

P: Coisa boa!

E: Então a tendência é só melhorar. Depois que a quadra for inaugurada, tiver pronta, você vai ver. Você já gosta, você já ama seu trabalho, você merece, você faz de tudo para ver os alunos felizes. E é um tipo de Educação Física que, além de ser bom para a mente, para eles mesmos, é muito criativa. Aí eles vão crescer profissionalmente e, quem sabe no futuro possa ser um professor também igual a você, então eu só tenho a dizer parabéns!

P: Pois eu agradeço demais a participação da senhora, vou encerrar a gravação. Como eu falei para a senhora, vou usar a gravação apenas para escrever o que a senhora falou e vou pegar algumas falas da senhora, como algumas falas das outras pessoas, vou trazer para a pesquisa e vou refletir sobre essas frases que vocês falaram. Vai me ajudar demais na minha pesquisa e eu agradeço demais à senhora, tá bom?



E: Eu que agradeço em nome de todos os Alunos do colégio João Nunes Pinheiro, porque eu sou a única funcionária da escola toda que ainda está aqui. Entrou funcionário, saiu funcionário e eu permaneci.

P: E a senhora conhece demais a escola, né?

E: Conheço cada pedacinho, cada professor que já passou por aqui, mas como hoje eu estou para ver.

P: Por isso que eu fiz questão, também, de pegar... é porque, geralmente, nessas pesquisas, eles pegam só a visão do professor, do aluno, e eu queria ver a visão geral da escola, também queria pegar a visão dos funcionários, como a senhora que está desde o começo e consegue visualizar essas mudanças na escola e vai me ajudar demais, viu?

E: Ah então são os três, mas que eu vejo atuando mais é você.

P: Tá certo, eu agradeço demais, Dona Cynthia.

E: Tu é muito criativo, viu?

P: Obrigado! Vou encerrar, viu?

Entrevista 8 - Gargravar (mãe e pedagoga) - 19/11/2024

P: Dia 10/11/2024, entrevista 8.

P: Gargravar, tu é professora também, mas está dando a entrevista como mãe de um estudante. A primeira pergunta é há quanto tempo ele está aqui na escola?

E: Ele está aqui na escola desde o 1º ano.

P: Antes ele estudava onde?

E: Antes ele estudava na Caucaia.

P: Particular ou pública?

E: Pública, sempre foi pública.

P: Gargravar, no ano passado entraram os professores de Educação Física nessas turmas de Anos Iniciais, antigamente o ensino da Educação Física ficava, majoritariamente, tanto na Educação Infantil quanto nos Anos Iniciais, a cargo das professoras PRA ou PRB, né? Como tu vê a chegada desses professores de Educação Física nos Anos Iniciais?

E: Eu vejo como uma contribuição, eu acho que só veio a agregar à educação pública, sabe, Rodrigo? Por causa que a gente percebe até no olhar dos meninos como eles gostam, como eles valorizam. Eu, particularmente, como mãe do aluno, apesar do ele ter suas limitações, mas eu acho, assim, o máximo, eu, pelo menos, gostei demais.

P: Como é tua convivência com esses profissionais - comigo e com os outros dois?

E: Dizer o que, né, Rodrigo? Graças a Deus é maravilhosa a convivência.

P: Tu percebeu alguma diferença na escola, na sala, nos estudantes após a chegada dos professores de Educação Física nos Anos Iniciais?

E: Eu acho que, assim, que eles passaram a ter um novo olhar, uma nova perspectiva de uma brincadeira saudável, não só uma brincadeira, porque a gente sabe que existe ali um objetivo, existe uma aula também que não é só o brincar por brincar, né? Mas eu percebo que eles, que ficou assim, aquela coisa atrativa, que é o brincar e o aprender caminhando juntos.

P: Tu tinha uma forma de enxergar a Educação Física antes da chegada dos professores de Educação Física, teve alguma mudança em como tu vê o componente curricular



Educação Física? Tu pode até lembrar na época que tu estudava, ou na época do teu filho quando estava no 1º ano, 2º ano, antes da gente entrar... tu vê alguma diferença da Educação Física na tua época de estudante ou na época do teu filho antes de a gente entrar para agora no componente curricular Educação Física? Percebeu alguma mudança?

E: Eu acredito que sim. Eu vou falar até mesmo em uma visão bem antes que eu tenho, que quando eu ensinava do 6º ao 9º já tinha as aulas de Educação Física e a gente vê, assim, a questão da diferença do professor do Ensino Fundamental 2 para o Ensino Fundamental 1, que são bem diferentes, embora seja a mesma disciplina, mas eu, assim, sou suspeita para falar porque eu admiro, eu sou alguém que acha maravilhosa essa aula de Educação Física e eu acho que só veio mesmo para agregar mais ainda na educação.

P: Tu lembra como era tua aula de Educação Física na tua época de estudante?

E: Lembro.

P: Como era mais ou menos?

E: Era mais era brincadeira mesmo, assim, de jogar, era o carimba, teve uma época que fiz até voleibol que eu gostava. Mas era mais essa parte esportiva mesmo.

P: Tu estudava em uma escola particular ou pública?

E: Particular.

P: O que tu vê de satisfatório, quais são os pontos positivos que tu vislumbra com a entrada desses professores de Educação Física nas turmas de Anos Iniciais?

E: Eu percebo que o engajamento dos meninos, sabe? O engajamento, a disciplina, o querer realmente, a participação assim, porque criança em si já gosta, né, de se movimentar, então eu percebo essa parte de engajamento maior deles. Eu fico com ciúme um pouco das aulas.

P: E quais são os pontos que tu vê como limitantes para que o professor de Educação Física tenha uma plena atuação?

E: Que limita com certeza o espaço físico e recurso material, eu acho que poderia ser bem melhor, porque a gente sabe que é precário, né?

P: Tu já se envolveu ou então presenciou algum tipo de conflito com algum professor de Educação Física? Ou que tu tenha se envolvido ou então presenciado de professor com aluno, professor com mãe, com gestão, com outro professor?

E: Na minha vida inteira, já tenho 31 anos de história na educação e nunca vi, nunca presenciei, nem até mesmo com aluno. Nunca presenciei não.

P: Vamos para a última pergunta, tá, Gargarar? Essa pergunta eu estou fazendo para todo mundo que eu entrevistei... quando eu entrei aqui, entrei sem conhecer qual seria a realidade, tanto com os alunos, quanto com a escola, quanto com o currículo, que era um currículo novo, eu nunca tinha dado aula para os Anos Iniciais e, assim como eu, a maioria dos professores que entrou também nunca tinha tido contato com essas turmas dos Anos Iniciais. A gente entrou, realmente, como professor novato, novato e aprendendo na prática como ia ser essa interação com essas turmas dos Anos Iniciais. E a gente encontrou uma escola que já estava consolidada, tinha muita gente que estava desde o começo da escola, muita gente que está há 5, 10 anos na escola e eu aprendi muito com essas pessoas, contigo, com a Prefect, com a Frankie, com os outros professores, com os alunos que já estavam aqui também, que já tinha uma cultura escolar bem delimitada, aí essa última pergunta, ela vai servir, quando eu terminar esse trabalho, ele vai se transformar em uma



cartilha que vai ser entregue à Secretaria e a Secretaria vai poder divulgar com os professores novatos que vão entrar nos próximos concursos e, até mesmo, com a comunidade escolar para ela entender o papel da Educação Física nos Anos Iniciais. Aí essa pergunta é justamente para ajudar a comunidade escolar a entender a função do professor e da Educação Física e, também, para que o professor novato ele chegue já tendo alguma ideia, porque eu cheguei e fui aprendendo na prática, para que ele já saiba, mais ou menos, o que tem que fazer, de onde tem que fugir, quais os caminhos que ele tem que ir percorrendo para facilitar essa chegada dele. Aí a pergunta é essa, se tivesse chegando um professor de Educação Física hoje, do mesmo jeito que eu cheguei há 2 anos, e tu pudesse dar um conselho, uma recomendação, algum tipo de sugestão para ele, um conselho só, qual seria tua recomendação para esse professor? Pode ser relacionada a aluno, à forma de dar aula, ao trato com a gestão, com as famílias. O que tu acha que seria aquele conselho que ele tem que chegar na escola sabendo?

E: Eu acho que seria o aprender todos os dias. Acho que essa aprendizagem tem que ser contínua. Eu acho que cada dia a gente aprende alguma coisa, e levar isso para a caminhada profissional toda. Eu acho que o aprendizado é constante. Eu acho que a gente não vem com algo pronto, não vem com um livrinho que diz que você vai fazer isso aquilo, eu acho que todo dia aprendemos com os colegas, eu acho que o aprendizado tem que partir de todos os lados, você observar e fazer com que aquela pessoa tem que observar todos os lados, o aprendizado com o próprio aluno, o aprendizado com a gestão, com a comunidade escolar inteira, eu acho que é isso.

P: Pronto, essa é a entrevista, eu te agradeço demais, Gargravar. Aí eu vou imprimir depois, vou pedir para tu assinar, trago aqui, deixo uma via contigo e fico com outra via, obrigado, viu, Gargravar?

E: Eu acho que uma coisa que esqueci de falar e ficou na mente, que é a questão dessa parte da aula mesmo de Educação Física fazer esses meninos enxergarem a importância da atividade física. Porque eu falo sempre com meus alunos, eles sabem que eu faço, e eu comento sempre com eles, eu falo para eles que tenho diabetes e hipertensão, e controlo tudo isso com minha atividade física e, claro, alimentação equilibrada. Eu digo para eles que eles não devem nunca na vida deles deixarem de praticar atividades físicas e eu acho que a Educação Física trouxe para a gente aqui, para essas crianças, principalmente, essa questão da atividade física e dos hábitos mais saudáveis, mesmo sendo através de uma brincadeira, mas aquela brincadeira está ensinando algo.

P: Essa questão relacionada à saúde, né?

E: Isso.

P: Pois tá certo, te agradeço demais, viu, Gargravar?

Entrevista 9 - Hylithia (secretária) - 29/11/2024

P: Então como eu te falei, Hylithia. Eu tô investigando a entrada dos professores de Educação Física nessas turmas de Anos Iniciais. A Prefeitura de Fortaleza fez um movimento de vanguarda trazendo os professores (de Educação Física) para essas turmas de Anos Iniciais. Geralmente o professor de Educação Física só entra nos Anos Finais e no Ensino Médio, né? E aí como é um caminho novo, uma jornada nova para esse



professores, eu estou tentando entender como a comunidade escolar vê e quais são as dificuldades e facilidades que o professor está encontrando nessas escolas de Anos Iniciais.

P: A primeira pergunta é uma pergunta bem geral, tá? Como é que tu vê a chegada dos professores de Educação Física nas escolas e nas turmas de Anos Iniciais? O que tu achou dessa chegada dos professores aqui?

E: Bom, eu achei muito relevante. Porque antes nós tínhamos o professor pedagogo que fazia esse papel de dar Educação Física, embora fosse utilizado o termo recreação. Mas, assim, era realmente mais voltado para a recreação, brincadeiras, jogos. E, assim, com a chegada da Educação Física, de vocês enquanto profissionais habilitados, eu vejo que houve uma, digamos, uma ressignificação, sabe? Porque, até para nós mesmos que já estudamos há tanto tempo, que fazia Educação Física, na minha época era só correr, era polichinelo, eram aqueles exercícios. E hoje o que eu vejo é que vocês trabalham várias áreas, vocês trabalham, inclusive, a questão da cultura, da cultura negra, vocês têm desenvolvido muitos projetos que têm sido relevantes, não só para as crianças, (mas) para a gente e para a comunidade. Então, assim, a palavra-chave nesse momento foi uma ressignificação da Educação Física dentro do ambiente escolar.

P: Perfeito! Como é tua convivência com os profissionais de Educação Física aqui da escola, eu e os outros dois... aí tu pode falar também da tua parte de estar cobrando diário, se demora a entregar diário, se é diferente do outro professor por ter mais diários...

E: Pronto. Assim, a convivência, né? O diálogo, é dos melhores. Nunca encontrei dificuldade nem com você, nem com os outros meninos. Os outros professores não dão notas, né? Mas, assim, já contigo você me passa as notas sempre direitinho, entrega dentro do prazo. Eu gosto, sim, desse diálogo, inclusive essa semana te procurei para que você também me dissesse quais são aqueles alunos que a gente, eu enquanto secretária escolar, faço essas perguntas para os professores sobre os alunos, aqueles alunos que são mais trabalhosos, e eu achei importante perguntar para você também, sabe? Embora você só entre na sala, na turma, somente duas horas, eu vejo que você conhece os alunos por nome, desde a primeira etapa, desde o ano passado, 2023. E eu vejo isso, falando-se em notas, e eu gosto muito de comparar, quando estou passando notas eu comparo mesmo, eu conheço aqueles alunos que são bons e, de repente, às vezes encontro alguma divergência, então nunca encontrei, já aconteceu de repente de faltar uma notinha ali e eu ir te perguntar, e você “não, é porque esse menino não entregou um trabalho”. Então eu vejo, assim, particularmente, sobre você, pela questão de notas que os outros não têm, que você tem, sim, muita responsabilidade, compromisso, conhece as crianças, e as notas estão bem equilibradas com as das demais disciplinas, então isso é um ponto, assim, muito importante, você não faz seu trabalho de qualquer jeito, realmente você faz seu trabalho dentro daquilo que lhe é cobrado, que lhe é proposto.

P: Perfeito, Hylithia. Próxima questão é sobre a diferença que tu percebeu na escola, na sala, nos estudantes após a chegada dos professores de Educação Física. Tu percebeu alguma diferença em relação à escola, aos estudantes, à sala de aula?

E: Pronto. Vi uma maior interação, sabe? Aquilo que antes acontecia só na sala de aula, vocês souberam aproveitar os espaços, né? Nós temos uma quadra em obra, quando você chegou aqui a quadra já estava em obra, estamos terminando o ano e a quadra não foi



concluída, mas eu vejo que isso não foi empecilho para que a aula aconteça da forma que vocês querem que aconteça, sabe? Então, vejo os meninos tendo prazer de participar, vejo esse acolhimento com as crianças, né? Então, assim, vocês são muito queridos por terem feito um trabalho de qualidade. E, vejo sim essa diferença, como o professor de Educação Física, antes não, antes era o recreador, e o pedagogo acabava ficando um pouco apagado nessa disciplina. Então o educador físico veio e tem mostrado para o que veio, isso faz a diferença.

P: Hylithia, não está nas questões, mas eu fiquei com uma dúvida agora. Antes da gente, eram os pedagogos né? Na maioria. Mas não tinha professor de Educação Física temporário não aqui?

E: Não, nem aqui, nem na escola que eu trabalhei sempre quem deu a recreação dentro do nosso sistema de prefeitura (SGP) que é sistema que a gente lota o professor, o nome era recreação, e só quem dava a recreação era o pedagogo, embora no diário, o nome que estava lá era Educação Física, mas só o pedagogo é que podia dar recreação, porque somente o educador físico que é habilitado para dar Educação Física, entendeu?

P: Tu já comentou um pouco sobre isso, aí queria tu tu comentasse de novo. Tu tinha uma visão da Educação Física antes da chegada dos professores, até tu comentou na tua época de estudante, né? Tu estudou na escola particular ou pública?

E: Eu estudei particular e pública. Meu Ensino Médio foi na escola pública, e aí realmente o que acontecia é que a gente ia para a quadra ou para a pracinha e era correr, carimba, realmente o que era trabalhado, ao meu ver, era somente essa questão física, o corpo em movimento, que é somente uma daquilo que vocês trabalham, né? Eu vi que era só isso, ou então no máximo um trabalho sobre a saúde, saúde feminina, alguma doença que às vezes nem cabia tanto na Educação Física, cabia mais nas Ciências, na Biologia. Então, assim, eu vejo uma diferença muito grande mesmo em relação à minha época de estudante para o que tenho visto hoje, sabe?

P: Era justamente essa a pergunta. Tu percebe alguma diferença na tua forma de enxergar o componente curricular Educação Física, da tua época de estudante, e antes da gente entrar aqui para agora?

E: Sim, sim.

P: Tu comentou essa parte da cultura, né? Que a gente fala sobre cultura... e é justamente isso, a Educação Física passou por ciclos aqui no Brasil na escola pública. Teve a fase que era mais voltada para a saúde (higienista), a parte mais voltada para o esporte (esportivista), e agora estamos em uma mudança com a BNCC, com o DCRFor, com o DCRC, que a gente estuda justamente isso, e que bom que tu enxerga, que tu vê a Educação Física estudando a cultura do (corpo em) movimento, e não só o movimento pelo se movimentar. Achei muito importante essa tua fala e queria deixar destacado aqui até para eu lembrar depois. É justamente isso que a gente tenta passar para os meninos. Existem várias formas de se movimentar em diferentes lugares do mundo, o jeito de jogar futebol aqui é diferente do Japão, da China. Foi importante demais tu mencionar essa parte da cultura.

P: Quais são os pontos satisfatórios, os pontos positivos, que tu vê com a entrada dos professores de Educação Física nos Anos Iniciais, o que é que tu vê de positivo?



E: Bom, primeiro porque colocou um profissional realmente habilitado. O pedagogo, ele não tinha conhecimento que vocês têm. Ele não tinha esse preparo pedagógico, e hoje, com a entrada de vocês, eu vejo que vocês realmente são preparados pedagogicamente para isso. Então os pontos positivos é a prefeitura realmente ter feito esse concurso para que vocês entrassem, também, nos Anos Iniciais, e os meninos tivessem essa oportunidade de ter a disciplina com um professor realmente preparado. Então esse, para mim, é o grande ponto positivo. Eu acredito que os conteúdos são melhor assimilados por eles porque vocês são preparados para isso.

P: Uma formação mais específica, né?

E:

Isso.

P: E o que é que tu vê como ponto limitante, o que é que limita a prática de Educação Física? Na nossa escola, aqui, o que é que tu vê como ponto limitante?

E: Espaços, né? Embora a gente tenha aqui na frente aquele espaço, ou dos lados. Mas ainda vejo. E, até aproveitando, você, enquanto professor de Educação Física, nós temos três, mas eu vejo que você é aquele que melhor aproveita os espaço, que diz que não é o fato de não ter espaço que não vai dar aquela aula do jeito que preparei, da forma que eu gostaria que fosse aproveitada pelos alunos. Então, de quando em quando, você está ali, às vezes até no meio do Sol. Então você procura dar um significado para aquela aula. Eu acho que quando se restringe à sala de aula, tem atividade que não cabe na sala de aula, não é nem pelo espaço em si, mas pela estrutura, pela forma como a atividade é proposta. Então eu acho que, de forma geral, vocês procuram, sim, adaptar os espaços dentro do limite que a escola oferece. Então um ponto negativo é esse porque se a quadra estivesse em pleno funcionamento eu tenho certeza que dia de Educação Física era 100% de frequência dos alunos.

P: Hylithia, agora é sobre conflitos, tá? Tu presenciou ou já se envolveu em algum conflito do professor de Educação Física contigo ou com a gestão, com outro professor, com os alunos, ou até com os pais de alunos ou alguém da comunidade? Tu percebeu ou presenciou algum tipo de conflito assim?

E: Não, muito pelo contrário. O que eu percebo é os pais, as crianças, os funcionários, todo mundo falando sempre dos professores de Educação Física sempre com muito carinho. Às vezes as mães chegam aqui “tia, quem é o professor Rodrigo?”, aí eu falo “não, é o professor de Educação Física”, “ah, meu filho não tira o nome desse professor da boca”. O que eu percebo é, no início do ano, quando chegam os alunos novatos, parece que os professores de Educação Física deixam eles mais deslumbrados, sabe? Eu não sei se a presença masculina, a questão do gênero, e, querendo ou não, é uma representação até de pai. Acho que alguns veem vocês, desejam “ah como eu queria que meu pai fosse assim”, a figura masculina representa muito dentro da comunidade, que a gente sabe que têm muitas mães solo, têm muitas crianças que os pais são separados e, às vezes, vive com o padrasto, o padrasto não dá carinho. Então essa parte da afetividade, também, eu vejo muito em cena, tanto de você quanto dos outros dois professores.

P: Muito bom! E a última pergunta, essa pergunta é a mesma que estou fazendo para todos os outros entrevistados. Essa pesquisa vai se transformar em um cartilha, em um guia, tanto para a comunidade escolar entender o papel da Educação Física nos Anos Iniciais, como para outros professores de Educação Física que chegarem na rede, já tenham uma



ideia de como é nos Anos Iniciais. Porque eu cheguei aqui sem nunca ter trabalhado com Anos Iniciais, com essa faixa etária, e estou aprendendo, né? Fui aprendendo e ainda estou aprendendo nesse dia a dia, tanto com vocês, com os outros funcionários, com os outros professores, com a gestão, com os meninos, com os pais, enfim, com a comunidade escolar. Estou aprendendo todos os dias como é que eu tenho que fazer minha prática, mas no começo eu cheguei meio perdido, meio sem saber o que fazer, eu tinha já uma prática com os Anos Finais, mas nunca tinha trabalhado com os Anos Iniciais. Aí se chegasse agora, tivesse um novo concurso e chegasse um novo professor de Educação Física agora, e tu pudesse dar um conselho. Como se fosse eu chegando há dois anos, né? E tu pudesse dar um conselho, uma recomendação para esse professor, e pudesse ser só um, qual era essa recomendação? Pode ser da tua área, pode ser da escola no geral, pode ser específico da disciplina. Qual seria o conselho que tu daria para esse professor entrar na rede de uma forma mais fácil?

E: Entendi. Bem, se ele chegasse, digamos, e viesse com aquela frase “olha, eu estou perdido, preciso de ajuda”. Então o conselho que eu daria para ele seria dizer que a gente está aqui realmente para se ajudar, é isso que a gente faz todos os dias, tanto minha relação com professores, com funcionários, quem está diretamente ligado ao meu serviço que é mais burocrático, mas eu diria para ele que procurasse se aproximar, que ele realmente procurasse se aproximar dos professores de Educação Física, que, com certeza, ele ia aprender, iria se adaptar, as ideias, né? Eu pediria que ele fosse atrás do compartilhamento das ideias de vocês, dos planos de vocês. Porque eu vejo que vocês conseguem fazer esse gerenciamento de forma bem satisfatória enquanto trabalho de vocês. Então eu acredito que qualquer profissional que chegasse hoje perdido, eles, com certeza, iriam conseguir se encontrar para se adaptar com facilidade, porque para vocês também não foi tão difícil, eu acho que quanto à escola, a escola acolheu, se a escola acolhe as propostas, as vivências, tudo flui de forma mais satisfatória, né?

P: Com certeza. E, aqui na escola foi muito bom porque rapidamente vocês entenderam o que era a Educação Física. Não só a gestão, mas também as outras professoras... na Educação Física vai ter barulho, querendo ou não, não tem como ter uma Educação Física de mudo e calado, então vai ter barulho, a estrutura da sala vai ser diferente, o movimento no corredor vai ser diferente, e todo mundo aqui na escola conseguiu entender que era um componente curricular diferente dos outros, que tinha suas especificidades, então me ajudou demais essa acolhida da comunidade escolar no geral, tanto quem está na escola, quanto os pais, os alunos, então foi muito importante para mim. Foi a última pergunta, Hylithia. Eu te agradeço demais, vai me ajudar demais as tuas respostas, teus relatos. Eu, provavelmente, vou pegar várias frases tuas para incluir no trabalho e analisar elas. Eu vou imprimir o termo de participação, o termo de consentimento, eu vou trazer para ti depois para tu assinar, vou te mandar logo no Whatsapp para tu ler, depois trago para tu assinar, combinado?

E: Tá certo.

P: Obrigado viu, Hylithia?

Entrevista 10 - Fenchurch (mãe) - 13/12/2024

P: Iniciando a entrevista 10, dia 13/12/2024.



P: Certo. A primeira pergunta é uma pergunta mais geral. Como eu te falei, não tinha Educação Física nos Anos Iniciais até o ano retrasado. Os professores específicos de Educação Física, eles entraram no ano passado e, antes disso, era o pedagogo quem dava a aula e a aula não era especificamente de Educação Física, era uma aula de recreação (que abordava mais os jogos e brincadeiras). No ano passado chegam os professores (de Educação Física) e a gente está lotado aqui na escola com três professores, ano passado era o outro, né, o dela? E aí esse ano eu entrei. Além de mim tem mais dois. Todas as turmas aqui da escola agora estão com um professor de Educação Física tematizando os conteúdos da Educação Física. A primeira pergunta, que é uma pergunta mais geral, é como tu vê a chegada dos professores de Educação Física nessas turmas de Anos Iniciais? O que tu achou disso?

E: Eu achei muito bom, porque antes ficava uma coisa faltando algo, e hoje em dia já está uma coisa melhor. Para as crianças interagirem melhor. Porque eu acho que só você colocar brincadeira não é o suficiente. Vocês botam tanto a brincadeira, quanto vocês botam para a criança executar o que eles estão fazendo. Eu acho muito importante, principalmente para as crianças que são autistas como a minha. A minha, ela tem dificuldade na motorização, né? Então para ela é muito bom. Porque ela vai ter lá no Moura de Souza, que é onde ela faz as terapias e ela vai ter uma aula a mais aqui.

P: Legal. A segunda pergunta é, tu é uma das mães que está quase sempre aqui na escola, né? Então quase todos os dias tu está aqui, e tu está convivendo frequentemente com os profissionais da escola e também com o professor de Educação Física. Como é que tu considera tua convivência com o professor de Educação Física, tanto eu quanto com o professor dela no ano passado?

E: Muito boa. Sempre eu tive uma, como se diz? Sempre tive, como posso falar? Foi bom, a interação... nunca teve assim, de eu achar "ah, o professor não faz isso, o professor não faz aquilo", não, sempre foi bom, graças a Deus.

P: Antes de chegar aqui a Sophia estudava onde?

E: Estudava lá na creche.

P: No CEI, era? No Valdinar?

E: No Valdinar.

P: Tu percebeu alguma diferença... é porque quando ela chegou aqui já era o outro o professor. Então essa terceira pergunta eu não sei nem se vai ser relevante, porque era justamente para ver se tu percebeu alguma diferença na escola, na sala, nos estudantes, após a chegada dos professores de Educação Física. Mas quando ela chegou na escola já era o outro professor de Educação Física, né? Então eu vou passar para a próxima, tá?

P: Na tua época de escola, tu estudou na escola pública ou particular?

E: Pública.

P: Qual era a escola?

E: Eu já estudei em várias.

P: Tu lembra a escola que tu passou mais tempo do 1º ao 5º ano?

E: Vixe, lembro não.

P: Mas era aqui no bairro?

E: Não, era na Barra.

P: Barra do Ceará, né?



E: Na Barra do Ceará.

P: Tu tinha Educação Física lá?

E: Tinha.

P: Como era tua aula de Educação Física, tu lembra?

E: Era mais carimba, era futebol, mais esportes.

P: Mais esportivista, né? Tu percebe diferenças da Educação Física que tu tinha na tua época de estudantes para a Educação Física que a Sophia tem hoje?

E: Vejo a diferença.

P: O que tu consegue enxergar de diferente, por exemplo?

E: Eu consigo enxergar que antes eram só dois tipos, ou era o futebol ou era o outro, né?

E agora não, vocês tem mais específicos, mais conteúdos para eles fazerem, como a dança, como os jogos que eles interagem, na bola que eu percebi, é muita coisa que vocês fazem, eu acho que mudou muito e para melhor.

P: Antigamente ficava restrito ao futebol e carimba, né?

E: Isso. E hoje em dia tem mais conteúdos.

P: Que bom que tu percebeu então. Porque realmente, a Educação Física, historicamente aqui no Brasil, ela tem alguns focos. Ela começou voltada para a área da saúde, aí depois foi para essa parte esportivista que passou muitos anos, e agora a gente está, há alguns anos, uns 20, 10 anos, a gente está em uma virada que a Educação Física agora estuda a cultura corporal do movimento. A gente estuda as diferentes formas de se movimentar, os diferentes temas da Educação Física, que são as lutas, as danças, as ginásticas, os esportes, e os jogos e brincadeiras, né, do 1º ao 5º. Do 6º ao 9º eles estudam outros temas diferentes. E a gente tem que passar pelos cinco temas e, tematizando, fazendo com que eles entendam que o se movimentar aqui no Conjunto Ceará, aqui na Escola João Nunes Pinheiro, vai ser diferente do se movimentar na China, nos Estados Unidos, na Aldeota. Então as formas de movimento, as oportunidades, as possibilidades de movimento são diferentes dependendo de cada cultura, né? Então a gente traz justamente essa parte mais cultural do movimento, de entender que cada cultura se movimenta de uma maneira diferente.

P: A próxima pergunta, quais são os pontos positivos que tu vê com a entrada do professor de Educação Física nessas turmas dos Anos Iniciais? O que tu vê de ponto positivo?

E: De desenvolver mais a criança. Eu acho. Um ponto é de desenvolver, porque antes crianças que não tinham oportunidade de se expressar e, quando vocês chegaram já mudou para melhor, eu acho.

P: Com certeza. E o movimento é uma forma de expressão que é fundamental. Muitas vezes tem crianças que não conseguem se expressar verbalmente, mas conseguem se expressar de outras formas, como por meio do movimento, por meio de um desenho, das artes, né? Então é importante mesmo isso que tu falou.

P: E, olhando aqui para a nossa escola, o que tu vê como ponto limitante? O que limita a prática do professor de Educação Física para que a aula seja excelente, para que ainda seja melhor? Pode ser em relação à estrutura, pode ser em relação à sala, pode ser em relação à turma, número de alunos, pode ser qualquer coisa que você veja que limite a prática do professor de Educação Física...

E: Ah, eu não vejo nada não.



P: Nada?

E: Não. Ok

P: Certo, sem problema.

E: Porque eu acho que vocês fazem o que vocês... daquele horário de vocês, vocês tentam aproveitar o máximo. Então eu acho que vocês tentam, sim, fazer o máximo. Mas eu acho que não tem, porque quando não é na sala de aula, vocês tem aqui o local para poder executar as tarefas aqui no pátio.

P: Era para ter a quadra, né?

E: Era para ter a quadra. Mas não tem, mas o que está limitando no momento é a quadra, mas mesmo assim você dá um jeito.

P: É justamente isso, o espaço ideal que era para a gente ter para a aula de Educação Física seria a quadra, um espaço mais aberto, não teria esses buracos, a gente acaba tendo alguns acidentes na aula por causa desses buracos, mas é isso, a gente usa o material, usa o espaço que tem, e tenta fazer da melhor forma nesse espaço que a gente tem.

P: Tu já se envolveu, já presenciou, pode ser com aluno, com outro professor, com gestão, se tu se envolveu tu mesma com o professor de Educação Física ou se tu presenciou algum conflito do professor de Educação Física, pode ser eu ou o outro professor de Educação Física, com alguma outra pessoa que está inserida aqui na escola.

E: Não, nunca vi isso não

P: E a última pergunta. Essa pergunta eu estou fazendo a mesma pergunta para todo mundo que eu estou entrevistando. Perguntei para professoras, secretária, merendeira, outros professores, para alunos também e agora estou perguntando para ti como mãe. Se chegasse agora um professor novato de Educação Física para começar a dar aula para a turma de 2º ano, que é a turma da Sophia, e no próximo ano para o 3º ano, né? Quando eu cheguei no ano passado, eu cheguei em um ambiente completamente novo, eu nunca tinha dado aula para essa faixa etária, eu já tinha dado aula para o 6º ao 9º só, então eu nunca tinha trabalhado com crianças, a faixa etária que eu trabalhava era de pré-adolescentes e adolescentes, e é completamente diferente, né? O corpo docente também que é diferente, antigamente eu tinha contato com, cada turma, vários professores, né? Professor de Ciências, professor de Português... do 6º ao 9º é outra estrutura diferente, aqui do 1º ao 5º eu tive, no começo, um choque de realidade, mas eu me senti muito acolhido aqui na escola, por todo mundo, pelos alunos, pela gestão, pelos professores, pelos pais também. Se chegasse um professor novato, como eu cheguei no ano retrasado, para chegar aqui na escola e também sem saber de nada, um professor que sempre trabalhou com outras turmas e está chegando agora para dar aula para turmas do 1º ao 5º, qual seria, se tu pudesse dar um conselho, uma recomendação, para esse professor, aí pode ser em relação à Sophia, em relação à turma, em relação à escola, pode ser em relação ao professor chegar e se sentir pertencente à escola, pode ser em relação a qualquer coisa... qual seria esse conselho que tu daria para esse professor novato entrando aqui na rede de Educação de Fortaleza, entrando aqui na Escola João Nunes Pinheiro, primeiro dia de aula, e ele chegasse para ti “tem algum conselho para me dar? Tu como mãe, mãe de uma criança autista, no caso, tu tem algum conselho para me dar para eu entender como é a escola, para eu entender como vou executar o meu trabalho?”. Se tu pudesse dar um conselho, que conselho seria esse?



E: Eu acho que eu diria para ele para ele observar mais as crianças para depois ele tentar dar um conteúdo, né? Porque cada criança é diferente uma da outra, então ele teria que ter muito cuidado, né? Eu estou falando, assim, como você teve, né? De ter paciência, de cada criança executar as atividades, né? Do seu limite. E era isso, né? Que ele tinha que ter mais cautela, avaliar as crianças para poder depois começar a dar o conteúdo, porque quando você chega e dá um conteúdo igual para todos já é mais complicado, porque eu acho que deveria poder prestar mais atenção para poder depois dar o conteúdo.

P: Legal. Então primeiro conhecer, primeiro avaliar e entender, para depois ver até aonde essa criança vai. Perfeito, Fenchurch. Pois eu te agradeço demais, eu vou só ver ali se eu tenho a folha já impressa, se eu não tiver eu trago na segunda e aí te mando no Zap, tá bom?

E: Tá bom.



**APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO “PERCEPÇÃO DOS DOCENTES DE
EDUCAÇÃO FÍSICA ACERCA DA SUA ENTRADA E EXERCÍCIO NA REDE
MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE FORTALEZA”**

Link do questionário: <https://forms.gle/hYFcqScVTCz81PNB9>.



APÊNDICE D - PRODUTO EDUCACIONAL “O GUIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA”



Ponto de partida

Inspirado no best-seller de ficção científica “O Guia do Mochileiro das Galáxias”, de Douglas Adams, O Guia da Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental é um documento voltado aos professores de Educação Física em início de carreira, novatos na rede ou que estejam trabalhando com um novo público. O documento é destinado também, à comunidade escolar.

O Guia descreve entraves e oportunidades que a Educação Física pode encontrar nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental a partir do olhar de diversos sujeitos da comunidade de uma escola da rede pública de educação de Fortaleza/CE.

Este documento é destinado, também, a todos esses sujeitos que fazem parte da comunidade escolar: pais, responsáveis, trabalhadores da escola, estudantes - como um convite a conhecer, explorar e compreender melhor o que é a Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Este Guia aspira ser um referencial para o docente em início de carreira, que não imagina o quão singular é a Educação Física nessa etapa de ensino, e para que a comunidade escolar conheça, compreenda, acolha e potencialize o trabalho do professor de Educação Física nesse ambiente, com esses estudantes.

Neste guia serão apresentados conselhos recomendados por diferentes sujeitos da comunidade escolar a partir dos seus novos olhares sobre a Educação Física e a entrada desse docente nas escolas de Anos Iniciais. Preparado/a para embarcar nessa viagem?





Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental

O que é?

É um componente curricular obrigatório que tematiza o corpo e as práticas corporais.

Qual o objetivo?

Contribuir para a formação integral, possibilitando aos estudantes conhecimentos específicos para ampliação de seu repertório em manifestações corporais a partir de convivências harmoniosas e construtivas com outros indivíduos.

Quais os temas abordados?

Lutas, danças, esportes, ginásticas e os jogos e brincadeiras.

E as competências para atingir esse objetivo?

- 1) Compreender a origem da cultura corporal de movimento;
- 2) Planejar e empregar estratégias para resolver desafios;
- 3) Refletir sobre as práticas corporais e os processo saúde/doença;
- 4) Identificar a multiplicidade de padrões de desempenho, saúde, beleza e estética;
- 5) Identificar as formas de produção dos preconceitos, compreendê-los e combatê-los;
- 6) Interpretar e recriar os valores, sentidos e significados das práticas corporais;
- 7) Reconhecer as práticas corporais como parte da identidade dos povos e grupos;
- 8) Usufruir das práticas corporais de forma autônoma;
- 9) Reconhecer o acesso às práticas corporais como direito do cidadão;
- 10) Experimentar, desfrutar, apreciar e criar diferentes práticas corporais, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo.



CONSELHOS E RECOMENDAÇÕES DA COMUNIDADE ESCOLAR

Nas próximas páginas estão registrados dez conselhos e recomendações para o docente de Educação Física dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental sobre diversos aspectos sugeridos por diferentes sujeitos da comunidade escolar a partir do seu ponto de vista sobre a entrada desses profissionais nessas escolas.

Foram ouvidas reflexões da diretora, coordenadora, estudante, secretária, manipuladora de alimentos, assistente de inclusão, professoras e mães, com o objetivo de captar diferentes percepções sobre a entrada do professor de Educação Física nas escolas de Anos Iniciais.



PACIÊNCIA

Recomendação da professora Trillian

“ Os estudantes estão tendo contato a primeira vez com muitas coisas, e a primeira vez que a gente vai fazer algumas coisas, a gente realmente não sabe, então a gente precisa ser ensinado várias vezes, ter o mesmo discurso várias vezes e, principalmente, o mesmo discurso com afetividade, porque isso que vai aproximar os meninos dos professores. E já foi comprovado, alguns teóricos já nos ensinaram que quanto mais o aluno se sente amado pelo professor, mais ele vai aprender.



Ao chegarem aqui acolham os meninos que estão percebendo agora o mundo ao redor deles, e é a partir do seu olhar e do seu acolhimento que eles vão entender o mundo da melhor forma e se tornar o melhor que eles puderem.”



Inclusão+

Recomendação da assistente de inclusão Eddie

“ Meu conselho é para incluir sempre as crianças atípicas, né? Que nem você faz em todas as aulas: o Ismael, que tem paralisia cerebral, a Paloma, que é autista. Eles sempre estão participando mesmo como os outros normalmente.

Valorize-se e seja profissional

Recomendação da coordenadora Prefect

Aconselha que leve muito a sério a profissão em si. Porque acham que Educação Física é brincar e não é, o professor enquanto profissional tem que se valorizar.

Que faça um trabalho de excelência, mostre os conteúdos, o cuidado com o corpo e com a alimentação, que hoje a gente já vê crianças obesas. Que perpassa por esse lado, pois hoje é a saúde que importa.

Que se valorize, porque a Educação Física é tão importante quanto as aulas de Matemática, quanto as aulas de Ciências, e quanto as aulas de Português. Não levar para esse lado que Educação Física é só brincar. Agora você enquanto profissional, você tem que fazer por onde também os colegas te valorizarem. —”





ABRACE OS PROJETOS

Recomendação da diretora Frankie

“ Olha, eu diria que mantivesse, né? Essa postura que vocês têm, que abracem os projetos educacionais da rede, mesmo os que não estão dentro da área da Educação Física, mas que abrace os projetos que a Educação de Fortaleza tem. Porque a gente precisa realmente enxergar o aluno como um todo, então o meu conselho é esse, sigam os projetos, continuem incentivando os alunos, mostrem para eles as várias possibilidades da comunicação do corpo, né? E eu acho que isso ajuda na formação deles. ”



ACOLHER E CONHECER

Recomendação da professora de AEE Benjy

“ Aconselharia o acolhimento com os alunos. Tem que buscar primeiro conhecê-los, quais atividades podem ser proporcionadas para a turma, porque têm turmas que você faz uma coisa, têm outras que não. ”



Sensibilidade, antes de sugerir alguma atividade ou jogo. Buscar essa sensibilidade para depois desenvolver, porque aí facilita até o trabalho, né?

Sem contar a questão de conhecer o espaço, onde pode ficar, onde pode desenvolver, ou seria melhor para ele, que seria uma conversa entre o professor e estudantes, “você acha que aqui seria melhor?”.



Se não está dando certo também a questão de ouvir quando não estiver dando certo, quando tiver dúvidas, né? Eu acho que é esse momento de acolher, de conversar, de diálogo. —”



Diversifique + OS conteúdos

Recomendação da estudante

Gargavar

“ O conselho que eu daria era que o tio teria que ter muita, mas muita paciência, porque têm umas crianças muito chatas, né? E que o tio poderia passar por todos os conteúdos. As crianças gostam de muitos tipos de lutas, ginásticas, danças, esportes e brincadeiras.



Seja bem vindo e FIQUE

Recomendação da manipuladora
de alimentos Dena Cynthia

Eu diria que, do jeito que vocês chegaram, foram bem recebidos, e estão atuando muito bem no trabalho de vocês, os próximos também serão. Eu diria para eles ficarem, porque do jeito que vocês conseguiram, os próximos também vão conseguir. Vocês são bem vindos, todos nós vamos receber vocês de braços abertos. ”

Ninguém nasce feito

Recomendação da mãe e professora Gargavar

“ O meu conselho seria para aprender todos os dias. Acho que essa aprendizagem tem que ser contínua. Eu acho que cada dia a gente aprende alguma coisa, e temos que levar isso para a caminhada profissional toda.

O aprendizado é constante. Eu acho que a gente não vem com algo pronto, não vem com um livrinho que diz que você vai fazer isso ou aquilo, e sim que todo dia aprendemos com os colegas.

O aprendizado tem que partir de todos os lados. Você precisa observar todos os lados: o aprendizado com o próprio aluno, o aprendizado com a gestão, com a comunidade escolar inteira.”





Aproxime-se dos veteranos e compartilhe ideias

Recomendação da secretária Hylithia

“— A gente está aqui realmente para se ajudar, é isso que a gente faz todos os dias. O conselho que eu daria para um novato seria para que procurasse se aproximar dos professores de Educação Física que chegaram antes, que, com certeza, ele ia aprender, iria se adaptar, as ideias, né? Eu pediria que ele fosse atrás do compartilhamento das ideias de vocês, dos planos de vocês. Porque eu vejo que vocês conseguem fazer esse gerenciamento de forma bem satisfatória

Então eu acredito que qualquer profissional que chegasse hoje perdido, ele, com certeza, iria conseguir se encontrar para se adaptar com facilidade, porque para vocês também não foi tão difícil porque eu acho que quando a escola acolhe as propostas, as vivências, tudo flui de forma mais satisfatória.”

OBSERVE, AVALIE, ENTENDA

Recomendação da mãe Fenchurch

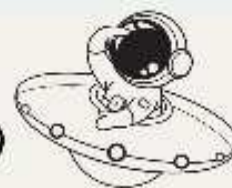
“— Eu diria para ele para ele observar mais as crianças para depois ele tentar dar o conteúdo. Porque cada criança é diferente uma da outra, então ele teria que ter muito cuidado. Eu estou falando, assim, como você teve, né? De ter paciência com cada criança para executar as atividades no seu limite.

Para que tenha cautela, avaliar as crianças para depois começar a dar o conteúdo, porque quando você chega e dá um conteúdo igual para todos já é mais complicado. Então meu conselho seria prestar mais atenção, observar, avaliar e entender para poder depois dar o conteúdo.”





Chegada ao destino



O fenômeno da inserção do professor de Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental representa uma transformação significativa na cultura escolar, exigindo adaptações da escola e dos indivíduos que fazem parte dela.

Desafios como a falta de condições estruturais, recursos materiais insuficientes, além de eventuais dificuldades na adaptação inicial desses profissionais às escolas de Anos Iniciais ainda se apresentam como entraves a serem superados.

A aceitação e o reconhecimento do trabalho docente em Educação Física dependem, em grande parte, do engajamento desse profissional com a escola e do apoio oferecido pelos sujeitos que fazem parte dela. A construção de uma nova identidade para a Educação Física escolar demanda um esforço coletivo para desconstruir percepções equivocadas e/ou ultrapassadas sobre o componente curricular e reforçar a importância da disciplina para os estudantes e a escola como um todo.

É necessário destacar a importância de acolher adequadamente os professores novatos, pois muitos enfrentam dificuldades relacionadas ao período de entrada na carreira docente, uma etapa repleta de desafios e descobertas.

Este Guia objetiva oferecer suporte aos docentes, apresentando recomendações sugeridas por diferentes sujeitos da comunidade escolar para enfrentar eventuais desafios encontrados, potencializar oportunidades que possam surgir e consolidar a Educação Física como componente curricular significativo, valorizado e reconhecido como essencial para a formação integral dos discentes.